

Pesquisadores Cemoroc - volume I:
Alexandre Medeiros & Enio Starosky
(artigos do Pós-doutorado-Feusp e do Doutorado-Umesp)

Org.: Jean Lauand



Edições Cemoroc

(celebrando os XXV anos das publicações do Centro de
Estudos Medievais Oriente & Ocidente - Feusp)

**Coedição: Colégio Luterano São Paulo – Centro
de Estudos Júlio Verne**

(em preparação do 90º aniversário do COLUSP e celebrando
os 50 anos do CEJV)

2022

Copyright © 2022 dos autores
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2022

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (Umesp)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Lauand, Jean (org.); Medeiros, A.; Starosky, E.
Pesquisadores Cemoroc - vol. I: A. Medeiros & E. Starosky; São Paulo: Cemoroc, 2022

ISBN 978-65-00-50317-3

1. Psicologia 2. Religião 3. Educação I. Título CDD- 100 Psicologia e Filosofia

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

SUMÁRIO

Apresentação	05
Os “Átomos” F/T; S/N e J/P de David Keirsey (e preferências religiosas) <i>Enio Starosky, Jean Lauand</i>	07
Tipos de David Keirsey na escola – um roteiro de pesquisas <i>Jean Lauand, Alexandre Medeiros</i>	19
Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte I: os 4 tipos SP <i>Alexandre Medeiros, Enio Starosky</i>	31
Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte II: os 4 tipos SJ <i>Alexandre Medeiros, Enio Starosky</i>	53
“Verdade”, justiça ou misericórdia na religião? Keirsey, o fator T no tradicionalismo religioso e a educação <i>Chie Hirose, Enio Starosky</i>	81
Tipos e Estereótipos: uma análise keirseyaniana da escola, seu quotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv & Cia.) <i>Alexandre Medeiros</i>	89
Tipos Psicológicos & Educação: Teoria dos Temperamentos a partir do diálogo entre David Keirsey e Neil deGrasse Tyson <i>Alexandre Medeiros</i>	107
David Keirsey – uma análise dos Tipos ESFP e ISFP, a partir de personagens ficcionais de filmes e séries televisivas <i>Alexandre Medeiros</i>	117
A tipologia de David Keirsey e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ <i>Enio Starosky</i>	131
A tipologia de David Keirsey e os evangelhos – observações sobre Marcos, o SP <i>Enio Starosky</i>	137

Apresentação

Como parte das celebrações dos 25 anos das revistas do Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e seus 300 volumes publicados, que se cumprem em 2022, publicamos a presente obra, primeiro volume de uma série que pretende apresentar alguns dos mais recentes estudos de nossos pesquisadores, neste caso: Alexandre Medeiros e Enio Starosky. Alexandre e Enio têm muitas características em comum, o que os torna muito próximos e justifica, muito naturalmente, sua presença conjunta neste livro.

Os dois são muito ativos dirigentes de nosso Centro: Medeiros é um de nossos diretores acadêmicos; Starosky, diretor científico de eventos. Ambos são não somente brilhantes pesquisadores teóricos em Educação, mas vivenciam-na – estão diariamente imersos na realidade escolar – como diretores de destacados colégios: o Centro de Estudos Júlio Verne (Diadema-SP) e o Colégio Luterano São Paulo (São Paulo-SP).

Por feliz coincidência essas escolas estão também celebrando aniversários redondos: o Júlio Verne, seu cinquentenário; o Luterano seu 90º. ano (em 2023). Mais uma razão para prestarmos essa homenagem a seus diretores.

Alexandre Medeiros e Enio Starosky integram também um dos principais núcleos de investigação do Cemoroc: o grupo de pesquisas do CNPq, que lidero, sobre a temática keirseyaniana. Como se sabe, o Cemoroc destaca-se como o principal centro de estudos sobre David Keirse em nosso meio acadêmico e diversos de nossos membros dedicaram tematicamente notáveis trabalhos de pós-graduação sobre a teoria desse psicólogo norte americano: além de nossos dois autores, João Sérgio Lauand (doutorado na Feusp); Nadia Vianna e Chie Hirose (pós-doutorados na Feusp), além de outros pesquisadores que escrevem artigos sobre DK.



David Keirse (1921-2013) – https://en.wikipedia.org/wiki/David_Keirse

Alexandre Medeiros, doutor em Ciências da Religião pela Umesp, acaba de concluir seu Pós-Doutorado na Feusp sobre o tema “Tipos e estereótipos: uma análise keirseyaniana da escola, seu cotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv & Cia.)” e Enio Starosky, Mestre em Educação pela Umesp, defendeu em 2020 na Umesp seu doutorado: “David Keirseyan e a religião: o papel da tipologia na compreensão de perfis religiosos”.

Assim, o livro recolhe artigos e estudos – antecedentes, concorrentes e decorrentes – das brilhantes pesquisas dos autores (por vezes com algum coautor) e oferece ao leitor aplicações concretas da teoria keirseyaniana para a Educação e para as Ciências da Religião, além de elucidativos textos sobre as próprias ideias de David Keirseyan, o criador de uma moderna e fecunda doutrina sobre os quatro temperamentos e os dezesseis tipos psicológicos deles decorrentes. É reconhecidamente uma ciência com enorme potencial de compreensão do ser humano e basilar para fomentar harmoniosa convivência nos mais diversos âmbitos da sociedade.

A ordem de apresentação dos estudos procurou atender também o leitor menos familiarizado com a teoria e a linguagem utilizada por DK.

Jean Lauand (org.)

agosto de 2022

Os “Átomos” F/T; S/N e J/P de David Keirsey (e preferências religiosas)¹

Enio Starosky
Jean Lauand²

Resumo: Os tipos psicológicos de David Keirsey baseiam-se em 4 pares de preferências. Neste capítulo, apresentamos os 3 pares mais essenciais de opostos na teoria de Keirsey F/T, S/N, e J/P, com especial atenção a sua presença no âmbito da religião. O 4º. par E/I (extroversão/introversão) será contemplado no capítulo seguinte.

Palavras Chave: David Keirsey. fatores básicos. oposições F/T. S/N e J/P. preferências religiosas.

Abstract: The psychological types of David Keirsey are based on 4 pairs of preferences. In the next chapter we will analyze E/I (extraversion/introversion); in this chapter we discuss F/T, S/N and J/P, and their presence in the realm of religion and in churches.

Keywords: David Keirsey. basics. positions F/T, S/N and J/P. religious preferences.

1. As preferências: F x T

As preferências F/T, referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.

Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”.

Um caso emblemático desse fator F do brasileiro é uma das mais surpreendentes e encantadoras singularidades nossas: o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra “lepra”, carregada de estigmas, para “hanseníase”. Há na linguagem até um depreciativo moral associado à lepra, “lazarento”, significando entre

¹. Este estudo tem suas raízes em debate dos autores em Mesa Redonda: “‘Átomos’ de Keirsey: E/I; S/N; F/T; J/P” no “XXII Seminário Internacional Cemoroç Filosofia e Educação - Keirsey, Identidade e Escola”, setembro – 2021. Nesse evento, os autores se dispuseram a produzir artigos para facilitar a compreensão desses fatores básicos na teoria de David Keirsey. Daí que nos tenhamos permitido recolher longos trechos de outros estudos dos autores (sobretudo de “A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas”. *Revista Internacional d’Humanitats* - n. 38 – 2016): para compor um material que seja também compendial e didático.

². Prof. Titular Sênior da FEUSP. Prof. Colaborador do Colégio Luterano São Paulo.

idiota e sacana: “Quem foi o lazarento que postou a mensagem contando o final do filme?”.

O Brasil é o único país do mundo que fez a mudança de nome de lepra para hanseníase, em 1976. A medida veio com o objetivo de diminuir o estigma milenar associado à doença. Em sua experiência no consultório, a dermatologista e professora da Faculdade de Medicina da UFRJ Maria Leide de Oliveira ressalta que muitas pessoas enxergam a doença como uma praga divina - a lepra é a doença mais citada na Bíblia. (Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>)

É a sensibilidade, o cuidado para com a pessoa que levou a linguagem F brasileira a alterar para AIDS a sigla de outra estigmatizadora doença: a Síndrome da ImunoDeficiência Adquirida (“SIDA”), para evitar o constrangimento de inúmeras brasileiras de apelido Cida...

No caso da lepra, a citada Dra. Maria Leide de Oliveira aponta as disfunções da ternura eufemística brasileira:

Ela avalia que a mudança de nome não foi acompanhada por suficientes campanhas de esclarecimento. “Lepra é aquela doença que não tinha cura, terrível, todas as pessoas ficavam com deformidades, altamente contagiosa. Hanseníase não, hanseníase é uma doença simples, não precisa se preocupar, tem tratamento e cura, então talvez a gente tenha banalizado muito a hanseníase”, avalia a médica. Para Maria Leide, é preciso chegar a um equilíbrio: não gerar pânico sobre a doença e ao mesmo tempo destacar que é preciso estar atento, pois existe o risco de adoecer. (Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>)

Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e neste Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”.

Para os F como para os T, como em muitos outros temas, há na Bíblia citações para todos os gostos, do Deus que é amor ao Senhor dos Exércitos. O Pastor Silas Malafaia, interpelado sobre homofobia – se os gays vão para o inferno etc., respondeu à reporter com sua natural agressividade: “Deixa eu falar uma coisa que você não sabe: A Bíblia que fala que Deus ama é a mesma Bíblia que diz que Deus vai botar o homem no inferno” (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU>).

Sempre de modo resumido, consideraremos a distinção *S/N*. *S* vem de *sensible*, o realista, pés no chão, para quem os fatos são fatos; enquanto a preferência *N* mais do que em fatos liga-se às possibilidades, metáforas e futuros que neles se contêm. Para o par *S/N* (e também para o *J/P*) na religião, apoiar-nos-emos em Goldsmith (1997).

2. A espiritualidade e sua complexidade

Antes de analisar o par *S/N* no contexto específico da teoria keirseyaniana dos temperamentos, faremos uma breve introdução sobre a complexidade do que chamamos “espiritualidade”. Embora presente crescente interesse em pesquisas científicas na atualidade, o tema “espiritualidade” continua sendo um assunto complexo. Muitos cursos, seminários e workshops sobre espiritualidade têm grande popularidade em círculos religiosos, sobretudo entre pessoas em posições de liderança nas igrejas. É fato que, de modo geral, cristãos têm o desejo de sempre aprender mais e, com razão, dizemos que quando falamos em espiritualidade, somos todos aprendizes.

Isso é particularmente verdadeiro porque a espiritualidade abrange uma área mais ampla da vida humana que normalmente se imagina. Concordamos com Schleiermacher que afirmava que a espiritualidade é um “jeito humano de ser”, do seu desejo de se relacionar com a Totalidade (com o Todo); a busca por algo que amenize a ânsia. Experiências espirituais nos permitem permanecer no temor na medida em que nos tornamos conscientes de que há algo (ou Alguém) acima de nós mesmos; permitem deleitar nossos sentidos na medida em que admiramos algo belo como a arte, a música, a flores ou uma paisagem; e permitem sermos animados na medida em que experimentamos amor e perdão e sentimos afeição a nossa própria existência. Independentemente do que acreditamos, o modo como expressamos nossa espiritualidade pode assumir formas muito diferentes. Encontrar o caminho espiritual mais próximo do nosso jeito de ser a fim de enriquecer nosso propósito e significado de vida é essencial para experimentar plenamente nossos dons mais profundos.

Para analisar os *S/N* partimos do pressuposto de que o modo como as pessoas percebem o mundo e se relacionam com ele pode afetar diretamente o seu entendimento sobre a fé e a vida religiosa. Atualmente casas de retiro são vistas como excelentes recursos para renovar a vida religiosa. É provável que isso tem algo que ver com a perda geral da confiança na secularização. É verdade que muitos não voltam para as igrejas, mas já não estão mais assumindo que o pensamento lógico e científico eliminou a necessidade do lado espiritual da vida. De um modo geral (passado o apego radical e irrestrito à filosofia da “morte” de Deus), as pessoas aceitam novamente uma abertura para a dimensão mística ou espiritual da vida. No entanto, muitas pessoas também não assumem automaticamente que as igrejas são os lugares onde podem

encontrar essa dimensão. O que se tem visto é o surgimento de grupos religiosos “radicais” e grupos “alternativos” que oferecem às pessoas um caminho para novos entendimentos de sua experiência cotidiana de alegria e sofrimento, de angústia e busca de sentido.

O psicoterapeuta suíço Carl Jung costumava dizer que nunca teve um único paciente cujo problema não era, em última análise, religioso. Com isso ele queria dizer que qualquer pessoa criada na sociedade europeia, ainda que seus pontos de vista religiosos fossem bem diversos, consciente ou inconscientemente, tinha que encarar questões morais, religiosas ou espirituais. Algumas pessoas são capazes de lidar bem com essas questões e estabelecem com facilidade um sistema de crenças (ortodoxo ou não). Outras, por uma enorme variedade de motivos, reprimem este sistema no inconsciente. Mas, ainda que momentaneamente adormecidos, em algum momento da vida emergirão.

Mas qual é a natureza dessa busca espiritual? A que se destina? Como se dá esse processo? Como as pessoas fazem suas escolhas dentro de um vasto leque de opções disponíveis? E por que há tantas? É surpreendente que, com tantas pessoas investindo tempo em oração e contemplação, o caminho ainda esteja tão escondido por trás de tantas práticas diferentes (e frequentemente com enormes contradições).

Práticas religiosas existem para todos os gostos e o cardápio é quase imensurável. Contudo, é curioso observar que nas próprias denominações há uma grande diversidade de formas de as pessoas entenderem um texto bíblico, uma oração, a adoração, a conversa sobre fé e o testemunho. Em todas há a expectativa de experimentar a presença de Deus, mas sempre na esperança de que seja *do seu jeito*. Compreender que tipo de abordagem as pessoas fazem ao se defrontarem com sua espiritualidade e entender tais diferenças é fundamental para a presente investigação e possibilitará o planejamento de outras análises acadêmicas e intervenções práticas.

Para muitas pessoas, a busca espiritual é comparada a uma viagem interior. É a exploração de um mistério em que descobrem quem realmente são. E esta descoberta só tem lugar nas suas vidas quando se abrem à realidade e ao mistério de Deus. É uma busca profundamente pessoal e privada. Outras, porém, descobrem a realidade sobre Deus – e provavelmente sobre si mesmas – à medida em que se envolvem com outras pessoas. Refletindo sobre as experiências e eventos do mundo descobrem seu próprio sentido e significado. O que as sustenta na jornada espiritual é mais um envolvimento com o mundo do que uma fuga dele.

Algumas pessoas necessitam uma base racional para sua peregrinação. Como suspeitam das emoções e estão sempre alertas à possibilidade de ficarem rodeadas por muita “religião”, desejam *pensar* enquanto abordam questões de fé. Reconhecem que não serão capazes de atingir Deus apenas através da inteligência, mas também não admitem estar satisfeitas com uma fé que exige que deixem o intelecto de lado e não questionem nada. Outras pessoas requerem *sentir* e experimentar, sobretudo, um relacionamento de aceitação com “aquilo que está acima delas”. Encontram encorajamento no relacionamento com as outras pessoas. A ênfase é procurar estar acima da própria busca individual por sentido e significado, e provavelmente são mais movidos por um apelo do coração do que por um apelo da razão.

Outra área onde há diferenças no modo como as pessoas se aproximam da sua espiritualidade é no uso e entendimento dos símbolos e do estímulo visual. Algumas pessoas são ajudadas significativamente na sua vida religiosa por meio da música, por cores e texturas, enquanto outras não acham isso nada relevante. Umas gostam de incenso enquanto outras podem ser repelidas por ele. Umas gostam de meditar por longas horas, talvez utilizando uma vela para manter a atenção, enquanto outras podem achar isso uma tolice. Nenhuma abordagem é certa ou errada. São apenas

diferentes. Muito diferentes, aliás. Assim como algumas pessoas podem manter contato com Deus através da música, outras simplesmente o fazem observando a semeadura de uma semente, cheirando uma madeira serrada, ou simplesmente no relacionamento afetuosos com seus amigos.

Fato é que a falta de compreensão de "por que funcionamos como funcionamos?", e "por que somos tão diferentes?", é fator de grande perda para a espiritualidade em geral. A grande maioria dos religiosos não está preparada para perceber o valor dessas distinções e a falta do autoconhecimento tem destruído o trabalho de muitos. Entender por que somos tão diferentes é entender que somos resultados de genética, construção familiar, social, religiosa. Ortega y Gasset aponta para a essencialidade do *eu* na sua conhecida afirmação: "*Yo soy yo y mi circunstancia*". Se antes de mais nada, eu sou *eu*; a circunstância, também faz com que o eu o seja. Daí a relevância do estudo dos temperamentos (que, afinal, regulam também o "lado" circunstância do eu).

3. As preferências: S x N

Analisemos agora esses diferentes aspectos de abordagem da espiritualidade à luz da tipologia keirseiana nos tipos S e N.

Estima-se que cerca de três quartos (ou um pouco mais) da população são pessoas cuja preferência é S (*Sensible*). Ou seja, 75% ou 80% das pessoas é S e apenas 25% ou 20% é N (*iNtuitions*). Mas, o que se tem visto nos círculos religiosos, sobretudo, nos círculos das igrejas, é uma presença muito maior de tipos psicológicos com preferência N. Então, se os S são maioria na população em geral e não o são nos círculos participativos das Igrejas isto apresenta à igreja um "problema" bastante interessante. Se as igrejas atraem mais N do que S, isso provavelmente significa que quando pessoas cuja preferência S vão para as igrejas, encontrarão um padrão de espiritualidade mais direcionado para o tipo N. Este fato foi comentado em um livro interessante de Bruce Duncan chamado *Pray Your Way (Ore do Seu Jeito)*. Ele citou um artigo do *The Daily Telegraph* que acusa os líderes de igrejas de subestimarem a importância de traduzir os grandes mistérios religiosos em conceitos que meros mortais possam compreender. A maioria dos líderes religiosos, diz Duncan, são N e a minoria, S. Os símbolos religiosos dos N são conceituais, abstratos e filosóficos. Não gostam de simplificar conceitos complexos da teologia e seus mistérios. E não apenas não gostam para si mesmos, como também não apreciam que seja feita qualquer simplificação para aqueles a quem lideram e influenciam. Os líderes N acham que os próprios S precisam fazer essa leitura para a simplicidade e para os fatos.

Quais são as principais características dos S?

Keirsey (1984, p. 16 e ss.) distingue a preferência S (de *Sensible*, c. 80% da população), que quer fatos, liga-se aos fatos, confia nos fatos, recorda-se dos fatos. É a preferência de quem crê na experiência e conhece por meio da experiência (a história como mestra), tanto pessoal como coletiva. Os pés no chão. Já a preferência N (de *iNtuition*), foca no futuro, nas possibilidades.

Recordemos que o S (de *sensible*) não significa "sensível", mas realista, *realistão*, pés no chão, a pessoa que "se liga" mais nos fatos em si, pés no chão, arroz e feijão, o sentido comum; enquanto para o N, os fatos convidam para uma interpretação mais ampla, para o abstrato, para as possibilidades, para o futuro. Seja para a estruturação lógica, tecnológica, científica (NT) ou para o significado humano (NF), para além dos fatos (entrando já um pouco nos temperamentos).

Vamos aos exemplos, um tanto caricatos. Para as crianças, a avó dividiu uma barra de chocolate entre dois netinhos. Um deles reclamou: "- Ô vó, a metade dele é

maior”. E o priminho N (NT), que não era parte interessada naquela partilha, reagiu mostrando seu precoce rigor lógico: “- Se são metades, são iguais. Em todo caso, a parte dele é maior, mas metades são sempre iguais”.

Outro priminho, acentuadamente N (NF) ao ouvir a canção infantil da época: “Criança feliz, feliz a cantar, alegre a embalar seu sonho infantil / Ó meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil”, indagou: “- Por que só do Brasil? Jesus não olha as crianças de outros países? Todas as crianças não têm os mesmos direitos?”

Outro exemplo caricato. Começa a chover. O NT talvez considere que não dominamos totalmente a meteorologia e fique se indagando quais são os fatores, as variáveis que intervêm nos fenômenos climáticos e fique concentrado em imaginar as equações que poderiam dar conta desse fenômeno e, também talvez, as possibilidades de aplicação de resultados para a agricultura etc.. O NF pode mergulhar em considerações nostálgicas sobre a infância distante ou em amores perdidos ou ficar pensando no caráter ambivalente da chuva – um bem para a humanidade, mas ao mesmo tempo um estorvo – e tomar a chuva como uma metáfora para os relacionamentos humanos... O SP, com um forte lado lúdico, pode se sentir convidado a brincar na chuva. E o SJ, com seu sentido de dever, é quem vai tirar a roupa do varal.

Enquanto os S preferem uma linguagem direta, concreta e denotativa, os N sentem-se mais à vontade expressando-se por metáforas; especialmente os NF (não esqueçamos que F é de feeling: sentimento) apreciam metáforas para expressar os sentimentos humanos; habitam o simbólico não os fatos. O próprio DK (1988, p. 120) exemplifica com a poeta Emily Dickinson:

Exultação é ir-se a alma

Do interior para o mar,
Passando casas – promontórios
– Até a vasta Eternidade –
Como nós, dentre montanhas,
Pode o marujo entender
A divina embriaguez
Que é o desligar-se da terra
Pela primeira vez?

(http://www.emilycecilia.com.br/fontes_new/poemas_ed_traduzidos_lucia.htm)

Tudo isto é *nonsense* do ponto de vista S, fator de realismo dos fatos. Vejamos o olhar NF da poeta Adélia Prado (1991 p.199), para algo extremamente material, a pedra:

De vez em quando Deus me tira a poesia
Olho pedra e vejo pedra mesmo.

Já para os S é difícil compreender que só “por exceção” a pedra seja pedra... Jean Anouilh joga com a oposição S x N na peça “A Cotovia”. Nela, a jovem Joana D’Arc, que Keirse apresenta como protótipo dos INFP – o idealista entre os idealistas (1990, p. 201), naturalmente o tipo mais apropriado para experiências místicas – ouve vozes que a convocam a salvar a França. Seu pai, na peça radicalmente S, reage espancando-a e proferindo a sentença que se tornou proverbial na oposição S x N:

Sauver la France? Sauver la France? Et qui gardera mes vaches pendant ce temps-là?

A mesma “complicação” *N*, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso poema de Drummond. Ou com a pedra de Sartre. De repente, como no início do romance *A náusea*, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia atirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar. (SARTRE, 2005 s/p).

Também no terreno espiritual, os *S* estão sempre preocupados com o que está acontecendo hoje, aqui e agora; não gostam ou estão pouco preocupados com planos vagos e generalizações sobre o futuro. Apreciam a espiritualidade do “já” (*jetzt*) – uma teologia da experiência. Se o cristianismo é para ser relevante, então tem que ser relevante já, agora, nas circunstâncias cotidianas e ser prático. Em essência, a abordagem dos *S* para a espiritualidade é simples. Dizem: “Corte todas as complexidades, não me confunda com palavras e ideias abstratas, apenas me deixe conhecer tudo de maneira simples”. Certamente, argumentam eles, Deus está perto e é amor, por isso o importante é redescobrir a verdade simples que permite apreciar essa proximidade e amor e buscar o que é essencialmente simples, não o que é complexo e está fora do alcance.

Para um *S* existem muitas coisas que, ordinariamente, podem abrir a mente para Deus. Um dia de verão, a beleza dos formatos das nuvens, a delicadeza de uma flor, o cheiro de uma grama recém cortada, os sons dos passarinhos ou a batida das ondas na praia. Uma espiritualidade de preferência *S*, provavelmente começará assim uma oração – mesmo depois que uma terrível tempestade tenha acabado completamente com a sua plantação: “Nós te agradecemos, ó Deus, porque quase nunca nos mandas um temporal como este!” Para os *S* tudo o que está relacionado aos sentidos pode ser uma lembrança de Deus!

Outro aspecto de relevância na espiritualidade de um *S* está ligado a seu corpo. A atenção ao corpo e à respiração tem lugar especial na espiritualidade dos *S*. Respirar fundo, ficar quieto e conscientizar-se de corpo da ponta dos dedos das mãos até a ponta dos pés, é exemplo disso. E achará muito bom tirar os sapatos, dar uma volta e sentir o chão debaixo dos pés. Mas um exercício assim – que é puro deleite para um *S* – será, talvez, difícil, chato e sem sentido para um *N*.

É significativo lembrar que a igreja cristã ao longo de séculos, sobretudo a igreja católica (sem qualquer conhecimento da teoria keirseyaniana dos temperamentos), revelou extraordinária capacidade de aplicação da psicologia pastoral ao capturar os sentidos dos *S* encantando-os com a oferta do que mais lhes atrai: as cinzas da Quarta-Feira de Cinzas, as velas, a hóstia e o vinho, os paramentos e vestimentas sacerdotais,

o vermelho forte do Sagrado Coração, a Virgem vestida de azul e branco, o aroma do incenso, o cheiro do azeite e o bálsamo sacramental, o gosto do peixe na Sexta-Feira Santa, o som do sublime canto gregoriano, o genuflexório e o fúnebre *Dies Irae*.

Com relação à leitura do texto bíblico também se pode fazer várias observações quanto ao que agrada a preferência *S*. Gostam mais de prestar atenção a detalhes específicos e de trabalhar sistematicamente um livro em particular ou um determinado Evangelho. Segundo Goldsmith, alguns estudiosos dizem que – embora ele próprio tenha reservas com relação a esse ponto em particular – os *S* frequentemente são mais atraídos pelo Evangelho de Marcos que pelos outros Evangelhos devido a forma como foi escrito – bastante conciso, específico e em ordem. O que é certo é que, de fato, a maioria dos *S* quer que as coisas sejam claras, descomplicadas e “fincadas” factualmente na realidade. Isso não sugere que não sejam capazes de lidar com a complexidade, nem sugere que sejam menos inteligentes. Longe disso. Apenas que, ainda que utilizem imaginação, a preferência é pelos *sentidos*; e que suas características principais são imediação, simplicidade e relevância.

Passemos agora para os principais aspectos da espiritualidade dos *N* (*iNtuitives*). Como já afirmamos, pessoas cuja preferência é por *N*, tendem a ser orientadas para o futuro – provavelmente mais inclinados a uma teologia da esperança. Procuram olhar para as possibilidades e viver em um mundo ainda não explorado. Estão sempre procurando novidades e esperam por situações melhores. Essas preferências são formativas também na vida espiritual. Formam e moldam a sua abordagem para a adoração e a oração bem como para o pensamento geral sobre Deus e o mundo. Estão mais preocupadas com o “grande quadro da existência”. Nutrem especial apreço por descrever uma cosmovisão (*Weltanschauung*), uma mundividência, um quadro do mundo inteiro (*Weltbild*). Estão menos preocupadas com detalhes e podem se entediar rapidamente com repetições, práticas, minúcias e com as circunstâncias presentes. São magneticamente atraídas por uma teologia ou espiritualidade do “ainda não” (*noch nicht*), por um reino ainda não instaurado, mas que, no futuro, manifestará as características de Deus – a justiça, a paz, a harmonia e a re-união das diversas partes, ora caóticas, da criação. Buscam participar do universo. Têm visão transcendente de Deus e gostam de abrir a mente para novas possibilidades. Para os *N*, Deus é tão misterioso e maravilhoso que usar palavras para descrevê-lo significa negar seus atributos divinos ou, pelo menos, limitar o que ele é, porque as palavras não conseguem dar-lhe real significado.

Os *N*, portanto, procuram *transformar* o mundo e por isso raramente estão satisfeitos. Tendem a estar sempre à procura por “melhores” maneiras de explorar o que significa ser um discípulo. Estão sempre insatisfeitos com sua vida espiritual; o que pode ser desafiador e cativante, mas também, por vezes, irritante por causa da constante necessidade de querer desafiar e mudar tudo. Muitos líderes religiosos estão o tempo todo perguntando como podem consertar o mundo.

Os *N* gostam de pensar em muitas coisas ao mesmo tempo e suas orações tendem a perder foco. Quando um *N* para para orar e começa a pensar sobre o conteúdo da oração, muitas possibilidades lhe vem à cabeça e reluta em seguir uma delas. E, como não gosta de rotina, é improvável que estabeleça um padrão. Os *N* gostam de falar sobre o futuro e, como são insaciavelmente curiosos, tendem a querer responder questões a respeito de tudo. Pouquíssimas coisas têm valor em si mesmo e quase tudo pode conduzir a outras possibilidades. Sentem que há risco de falhar ao agir, por isso estão mais interessados em pensar em alternativas e possibilidades! Isto é particularmente verdadeiro para aqueles *N* que também são *P*. O próprio Jung alertou para o risco que os *N* – especialmente os extrovertidos – precisam encarar quando

escreveu que se trata de um tipo psicológico que gasta a vida toda em coisas e em pessoas, mas que ele mesmo, no fim, sai vazio.

Os *N* também são suscetíveis a orar por generalizações mais do que por particularidades e quando focam uma particularidade é para, muito rapidamente, torná-la uma oração mais geral outra vez. Um pedido para orar por uma criança em um hospital, por exemplo, pode conduzi-los a orar por todas as crianças nos hospitais, por todas as crianças que passam necessidade, por todas que passam perigo..., e então se torna uma oração pela paz mundial que vislumbra uma sociedade perfeita na qual todos viverão sem medo, sem dor e sem sofrimento.

Pessoas com preferência *N* estão inclinadas a acreditar que ler a Bíblia, ainda que considerem isso importante, é apenas um ponto de partida para refletir sobre um leque enorme de outras questões. Não é tanto a narrativa bíblica que importa, pois acreditam que Deus pode usar uma passagem da Bíblia para trazer outras coisas à mente. No louvor em público, os *N* podem complementar as leituras bíblicas com outras leituras que podem até suplantar a Escritura.

Outra importante distinção a ser feita nos tipos *N* é que podem ser *NT* ou *NF*. Os *NT* (*INTP*, *INTJ*, *ENTP* e *ENTJ*) estão inclinados a achar que a sua vida devocional será melhorada pelo questionamento teológico e, por isso, procuram desenvolver uma espiritualidade que recorre à razão como base do pensamento e da reflexão. Os *NF* (*INFP*, *INFJ*, *ENFP* e *ENFJ*), porém, gostam de uma espiritualidade que envolve e valoriza a pessoa inteira. Os *N* frequentemente têm períodos alternados de entusiasmo e repouso e o mesmo acontece com a espiritualidade deles. Podem ter períodos de intenso *insight*, devoção e atividade, seguidos de períodos de calma e silêncio que também, por sua vez, podem ser bem variáveis. Aprendem a não ficar excessivamente preocupados nos períodos em que produzem pouco. Como qualquer pessoa, obviamente, um *N* pode se tornar autoindulgente, inconstante ou simplesmente “difícil”! Pode haver ocasiões em que não dê atenção suficiente para as coisas importantes da vida e, conseqüentemente, achar que o seu desenvolvimento espiritual sofre. Claro que isso acontece não porque é um *N*, mas porque é humano! Entretanto, é bem provável que essa característica seja mais intensa em pessoas com esse tipo psicológico.

Os *N* Extrovertidos tendem a estar preocupados com as possíveis transformações do mundo; desejam fazer mudanças consideráveis no ambiente externo, sempre procurando novas possibilidades no mundo das ideias. Estão sempre procurando outras formas de entender e cooperar com Deus. Os *N* Introvertidos, por outro lado, podem ter menos preocupação em fazer mudanças “lá fora”; estão mais interessados em revisar a maneira de observar as coisas e procurar novos ângulos para entender a vida. A oração do *N* Introvertido pode ser muito profunda e pessoas que dominaram esta forma de oração são frequentemente respeitadas como escritores e mestres espirituais. Os *N* vivem em um mundo provisório, cheio de possibilidades excitantes e tendem a ver as coisas em grande escala. A salvação do mundo lhes é mais atrativa do que a salvação de uma única alma. Para os *N* o Evangelho de João é mais atrativo porque é rico em imaginário e simbolismo. É bastante difícil encontrar hinos que claramente trazem uma abordagem *N*. Porém, embora raros, registramos este, citado por Goldsmith, que se destaca:

I danced in the morning when the world was begun
And I danced in the moon and the stars and the sun.
And I came down from heaven and I danced on the
earth;
At Bethlehem I had my birth.

Dance then, wherever you may be;
I am the Lord of the Dance, said he,
And I'll lead you all, wherever you may be.
And I'll lead you all in the dance, said he.
They cut me down and I leap up high;
I am the life that'll never, never die;
I'll live in you if you'll live in me
I am the Lord of the Dance, said he.
Dance then ...
(Apud GOLDSMITH, 1997, p. 67)

E o credo de um *N* pode ser semelhante a este:

Creemos em Deus,
cujo amor é fonte de toda a vida
e o desejo de nossas vidas.
Cujo amor teve uma face humana
em Jesus de Nazaré.
Cujo amor foi crucificado pelo mal
que se escraviza por todos nós
e cujo amor, derrotando até a morte,
é a nossa promessa gloriosa de liberdade.
Portanto, ainda que algumas vezes estejamos amedrontados
e cheios de dúvida,
em Deus confiamos;
e em nome de Jesus Cristo, nós nos comprometemos:
a servir amorosamente aos outros,
a procurar a justiça
e a viver em paz,
para cuidar da terra e compartilhar
o bem comum da bondade de Deus,
para viver na liberdade de Deus,
no poder do espírito do amor,
na companhia da fé
e então sermos igreja.
Para a Glória de Deus. Amém.
(in GOLDSMITH, 1997, p. 69 – tradução livre)

Para um *N*, um credo assim pode ser bem mais agradável que o credo tradicional. Algumas pessoas reagirão a isto com entusiasmo e se abrirão a novas ideias e possibilidades, outras reagirão preocupadas e questionarão sobre qual o valor de uma descrição assim.

Goldsmith afirma que tem estudado profundamente os perfis do tipo psicológico *S* e *N* porque julga o tema importantíssimo para as igrejas na atualidade. Sobretudo porque que a maioria dos líderes das igrejas provavelmente seja *N* e a maioria das pessoas em geral provavelmente seja *S*. É especialmente porque, talvez, de modo geral, muito do debate contemporâneo e das controvérsias teológicas, na verdade, não é propriamente sobre teologia, mas tem mais relação com o modo como as pessoas encaram a vida; com o que, a princípio, é absolutamente insuspeito: os temperamentos. (GOLDSMITH, 1997, p. 70).

O incidente relatado no evangelho de Marcos 4:35-41 é, talvez, um bom exemplo disso. Jesus está dormindo num barco e uma tempestade assusta os discípulos que estão com Ele. Segundo Goldsmith trata-se de um cenário bastante claro para um *S*. O texto é direto e conta fatos. Um *S* facilmente “vê” a cena e se identifica com ela. Jesus reprime a tempestade de maneira miraculosa e isso é sinal concreto do seu poder e divindade. Já para um *N*, é muito difícil considerar esse incidente isoladamente, sem fazer deduções amplas e gerais. Um *N* imagina que o episódio deve ser parte de um todo e precisa ser visto a partir de um contexto mais amplo. Imediatamente lembra que, no mundo antigo, com frequência, a água representava o caos, e então conclui que esta história, simbolicamente, conta que Jesus é capaz de reprimir as forças do caos. E é aí, pensa, que essa história ganha sentido e importância.

Embora ambos (tanto os *S* e como os *N*) vejam o milagre e entendam que a história é sobre o poder de Deus manifesto em Jesus, ainda assim podem lidar de maneira bem diferente com o mesmo texto e conduzir seus argumentos para lados distintos e até mesmo opostos, podendo gerar conflitos, discórdias e divisões dentro da igreja. Um *S* poderia ser acusado de simplismo e literalismo e um *N*, de negar a verdade da Escritura.

6. As preferências: J x P

Neste caso, nem vale a pena indicar os significados das abreviações *J* e *P*, que poderiam desorientar o leitor. Baste-nos resumir dizendo que a preferência *J* é por situações bem ordenadas, com tempo, prazos, procedimentos, lugar etc. determinados; enquanto o *P* prefere situações abertas, com possibilidade de imprevisto e *easygoing*.

Para o par *J/P* na religião, também apoiar-nos-emos em Goldsmith.

Analisemos agora também – ainda que muito brevemente – os principais aspectos da espiritualidade dos tipos *P* e *J*. A primeira e mais importante consideração a fazer sobre os tipos psicológicos *P* e *J* é que é bastante difícil perceber quais são suas preferências. Não se pode afirmar dos *P* e dos *J* o que se afirma dos demais tipos. Os tipos *T* e *F*, por exemplo, são em si mesmos *processos de julgamento* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro; as preferências *S* e *N* são *processos de percepção* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro. Porém, a respeito dos tipos psicológicos *P* e *J* é possível fazer apenas uma ou duas observações gerais.

Pessoas com preferência *P* são capazes de lidar bem com situações abertas e se abrem a diferentes caminhos; tentam rotas diferentes e podem conviver satisfatoriamente bem com uma considerável quantidade de ambiguidades. Uma das principais características desse temperamento é o gosto pela liberdade de ação. Por isso, pessoas com esse temperamento, são hábeis em situações de crise, que exigem ação improvisada. Os desdobramentos para a espiritualidade destas pessoas são muitos. Para este brevíssimo estudo basta inferir que as pessoas do tipo *P* desenvolvem sua espiritualidade voltada ao espírito ecumênico e ao acolhimento pacífico de novos e diferentes dogmas e se adaptam com agilidade às polifonias e polissemias da linguagem religiosa.

Os tipos psicológicos com preferência *J*, diferentemente dos *P*, são pessoas que gostam das coisas “certinhas”; buscam a estabilidade, tanto dentro da organização quanto fora dela, tendo uma imagem de responsabilidade social, institucional e familiar; não gostam de viver na ambiguidade. São atraídas para formas mais “definidas” na espiritualidade e tendem a estar menos abertas a explorar coisas novas. Uma característica bem presente nas pessoas *J* é que quando encontram uma igreja apropriada, tendem a desenvolver grande lealdade e relutam fazer qualquer mudança. Quando feitas, as mudanças são bem pensadas e ordeiras. O risco para uma pessoa do

tipo *J* é ser mais suscetível a cair numa pista falsa e seguir um padrão de espiritualidade menos ajustado a ela, pois, já que não gosta de ambiguidades, deseja escolher rapidamente e depois seguir em frente mantendo a estabilidade. Essa característica tem sido sugerida, porém, afirma Goldsmith, não há evidências que a confirmem. (GOLDSMITH, 1997, p. 81)

A espiritualidade – como também em boa medida os demais âmbitos da vida humana – sofre da tentação de achar que melhor seria a exclusividade do seu jeito de ser, pensar, dizer e fazer as coisas; e de torcer o nariz para tudo o que não é o *seu* modo de ver as coisas. Por isso entendemos que a teoria keirseyana dos temperamentos pode ser um poderoso instrumento para iluminar o delicado problema do equilíbrio entre os diferentes tipos psicológicos, também para o campo religioso – e quem sabe um extraordinário recurso, particularmente para os líderes para lembrá-los que *in medio virtus* – onde o desejo mais profundo é o de compreensão... Como bem sintetizou DK: “*Please, understand me*”!

Referências bibliográficas

Goldsmith, Malcolm *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.

Keirsey, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

Keirsey, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

Lauand, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

PRADO, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991.

SARTRE, J.-P., **A Náusea**: Lisboa, Europa-América, 2005 Acesso em 05-08-11 <http://pt.scribd.com/doc/7165292/Jean-Paul-Sartre-Nausea>

Tipos de David Keirsey na escola – um roteiro de pesquisas

Jean Lauand³
Alexandre Medeiros

Resumo: O artigo apresenta os tipos de temperamentos dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade escolar e indicar possíveis pesquisas nessa direção.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. tipos de temperamento. temperamento e escola.

Abstract: This article intends to show the temperaments of the psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in school and stimulate researches in this field.

Keywords: David Keirsey. psychological types. temperament types. temperament in school.

1. Os fundamentos da teoria de David Keirsey – os pares de fatores

Começamos pela recordação dos elementos básicos da teoria dos temperamentos de David Keirsey (abreviaremos por DK), tendo em vista aplicá-los à realidade escolar, em seus protagonistas: alunos, professores, pais e pessoal da administração.

DK distinguiu-se no campo da Psicologia, por aplicar, a seu modo, os pares de fatores de Jung (2015) em seu clássico livro *Tipos Psicológicos*, junto com outro par (JxP), proposto pela tipologia de Myers-Briggs (1995), em seu clássico teste MBTI, *Myers-Briggs Type Indicator*.

A originalidade de DK – e que constitui um poderoso diferencial em relação a Myers-Briggs – é agrupar os 16 tipos do MBTI em torno de 4 tipos de temperamentos (com quatro “sub tipos” cada um). Ao reabilitar, em versão contemporânea, a antiquíssima doutrina dos temperamentos, DK fornece uma poderosa ferramenta para auxiliar na compreensão do modo de ser de cada um, suas preferências de gostos, conhecimento, modos de agir e de reagir aos estímulos exteriores, estilos, enfim, sua instalação no mundo.

A palavra “compreensão” utiliza-se aqui com a feliz acumulação semântica que se dá em nossa língua (também no inglês, e em tantas outras): para além da mera captação intelectual, uma atitude de empatia e aceitação do modo (diferente) de ser do outro. Não por acaso, os dois livros fundamentais de DK se intitulam: *Please understand me* (1984) e *Please understand me II* (1998).

O temperamento, para DK, é uma “configuração” inata de alguns desses fatores, que é a base da personalidade: tudo aquilo que se constrói em cada um (e que cada um constrói) por conta de tantos fatores: educação, experiências marcantes, diversas influências da sociedade etc. etc.

³. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

Advirta-se desde logo que não pretendemos fazer nenhum uso reducionista da teoria de DK: o temperamento é apenas um fator na compreensão de cada pessoa e, além do mais, é nada mais que um *Idealtypus*, com todas as limitações que a metodologia do tipo ideal impõe para o acesso à realidade. Desde logo, o tipo nunca se pode confundir com a própria realidade e o uso comum da palavra tipo parece confirmar essa prudente limitação para o método: na gíria, “tipo” é uma aproximação, que indica imprecisão: “orçamento eu não tenho, mas deve custar tipo uns 10 ou 15 mil reais”, “essa moça [junto com outras milhões] não faz meu tipo”. E quando dizemos que um salame é tipo italiano, estamos implicitamente afirmando que **não** é italiano. Um tipo é só uma acentuação teórica, caricata (não no sentido pejorativo) que permite uma primeira aproximação de uma realidade que, insistamos, está sempre longe de se esgotar no tipo.

Tenhamos em conta também que pertencer a este ou àquele tipo de temperamento não tem **nenhuma** conotação moral: há grandes santos e grandes criminosos em cada um dos 4 temperamentos e seus 16 “sub tipos”. Nem, de forma alguma, “é melhor” ser humano aquele que é deste ou daquele tipo. Trata-se simplesmente de uma preferência natural da pessoa em seu modo de relacionar-se com o mundo, como a preferência pelo uso da mão direita ou da esquerda.

Na teoria de DK, como na de Myers-Briggs, intervêm 4 pares de fatores, de preferências opostas: 3 deles procedem de Jung (as preferências I/E, S/N e F/T) e o quarto par é J/P (Myers Briggs e DK).

Desses 4 pares, DK extrai seus 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT que, combinados às possibilidades restantes, resultam em 16 tipos mais específicos (ESTJ, ISTJ, ESFJ, ISFJ, ESTP etc.).

Advertimos, desde já, que nos parece mais adequado designar os tipos pelas letras que abreviam cada caso, ao contrário de DK, que além dessas siglas, vale-se também de nomes para designá-los: o SJ sendo o Guardião; o NF, Idealista; o NT, o Racional etc. Essas siglas preservam-nos de equívocos e mal entendidos, que poderiam ser sugeridos pelos nomes dos tipos ou dos fatores (por exemplo, J x P seria a oposição entre Julgamento e Percepção, que nada têm que ver com o uso comum dessas palavras...). Na verdade, muitas vezes em nossa comunicação geral, ficamos com as siglas e não sabemos (nem precisamos saber) o que estão elas abreviando: a Confederação Sul Americana de Futebol é a *Conmebol* e ninguém tem a menor ideia de que o *http* da internet abrevia *Hyper Text Transfer Protocol*?

Passemos agora a resumir, brevemente (somente para uma recordação sumária e alusiva), os fatores de que DK se vale.

Os fatores ExI (os mais fundamentais para Jung e os menos essenciais para DK, que não os faz integrar o núcleo de nenhum dos 4 temperamentos) são simplesmente a preferência pela Extroversão / Introversão. Quem tem a preferência pelo fator E energiza-se em contato com os outros, que podem ser muitos e desconhecidos, enquanto o I recarrega suas baterias sozinho, ou em contato com muito poucos e muito conhecidos. O fato de 80% ou mais das pessoas serem E e, além do mais, nossas instituições sociais (a escola entre elas), as *vigencias*, de que falava Ortega y Gasset, são feitas para os E (em detrimento das preferências I) e são um fator a mais de exclusão e desconforto para os introvertidos... O choque do 1º. Dia de retorno às aulas (para não falar do primeiro dia de ingresso na escola!) pode ser traumático para a criança I. Além do suplício de ser constantemente convocada para opinar e “participar”, em moldes que estão feitos para as crianças E. Sem falar nos rótulos, “Ela é quietinha assim mesmo, é o jeito dela, deixa ela...”, no bullying por conta da própria extroversão etc.

BACK TO SCHOOL



<https://www.facebook.com/introvertdoodles/photos/a.1791051157833962/1929551940650549/>

O par S/N indica a preferência pelo fator S (de *sensible*, cerca de 80% da população), realista e de pés no chão, que se atém aos fatos enquanto tais, em oposição ao N (de *iNtuição*), para quem os fatos são mero trampolim para outra “dimensão”: a da leitura científica racional dos fatos (NT) ou a da realidade humana em seu sentido mais profundo (NF). Daí que os NF (ainda mais que os NT) encontrem-se muito à vontade com a comunicação por metáforas, enquanto a linguagem dos S tende a ser direta e factual.

A oposição SxN é registrada na oposição entre o capelão NF e o caricatural S, Sargento Tainha, do Recruta Zero. O capelão refere-se metaforicamente ao coração (no caso, seria melhor traduzido por “interior” ou “entranhas”), mas Tainha não alcança a metáfora:



A oposição FXT é de mais fácil e direta compreensão. F (de *feeling*) indica uma *approach* pessoal da realidade, incluindo as emoções e a afetividade. Já para o T (de *thinking*), o que conta é o *Sachverhalt*, o estado “objetivo” das coisas, à margem de considerações sobre as subjetividades envolvidas. No caso extremo, o T é um computador jogando xadrez: a decisão sobre o lance envolve somente a fria análise do tabuleiro.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T. Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

Don't ask me how I feel. Ask me what I think. People don't think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that's what interests me. (...) and I think I am fine.

Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...). O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: "*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*" (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): "a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução".

Naturalmente, haverá divergências de estilo: um professor F, mais do que ao currículo ou ao programa, estará atento ao modo como cada um de seus alunos adquire os conhecimentos devidos; enquanto os professores T preocupar-se-ão mais em cumprir o programa estabelecido. Pode também na escola surgir o conflito entre a direção, exercida frequentemente por Ts, e professoras F... Etc.

Finalmente, a oposição JxP. Keirsey (1984, p. 22 e ss.) distingue resumidamente a preferência J (de *Judging*) da preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas. (...)

Naturalmente, a preferência J conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o P propende mais ao "deixa a vida me levar"... Claro que nas escolas tradicionalmente prevalece, por parte da direção e de muitos docentes, a preferência J.

2. Os fundamentos da teoria de David Keirsey – os 4 temperamentos

Para DK, das combinações com os fatores S e N surgem os 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT.

Os SP, sempre tipicamente falando, são movidos pelo desejo de ação e pelo impulso: são lúdicos, hedonistas e focados no "aqui e agora". Em geral, tendem ao otimismo. Na disfunção, são os irresponsáveis e imaturos.

Os SJ são muito focados no dever e na responsabilidade. Valorizam as tradições e as instituições, que transmitem às novas gerações os valores para o bom funcionamento da sociedade. Tendem ao pessimismo. Na disfunção, são os engessados e inflexíveis guardiões de regras.

O grande propósito do NF é a busca por encontrar o (sempre enigmático) sentido humano e do seu self.

Já o frio NT procura as possibilidades racionais e tecnológicas oferecidas pela realidade.

A seguir apresentamos (resumidamente e com cortes), a partir do site de DK (apud Lauand 2019), os 4 temperamentos (deixando os 16 tipos de Keirsey para quando forem efetivamente reclamados).

Retrato do tipo SJ (*Guardian*) 40 a 45% da população

Os SJ são as pedras angulares da sociedade, porque eles têm o temperamento que possuem aqueles que preservam e servem às instituições mais importantes de nossa sociedade. Os SJ tem um talento natural em administrar bens e serviços – da supervisão à manutenção e fornecimento – usando todas as suas habilidades para manter as coisas e procedimentos funcionando sem atritos e dificuldades em suas famílias, comunidades, escolas, igrejas, hospitais e negócios.

Todos os [4 tipos] SJ compartilham as seguintes características principais:

- orgulham-se em serem confiáveis, auxiliares, e trabalhadores.
- são companheiros fiéis, pais responsáveis, e líderes que trazem estabilização.
- tendem a ser conscientes de seus deveres, cautelosos, humildes, e focados em tradições e autoridades.
- valorizam a cidadania, confiam nas autoridades, juntam-se a grupos, procuram segurança, valorizam a gratidão, e sonham em propagar e encontrar justiça.

SJ também acreditam na lei e na ordem, e às vezes se preocupam com a perda do respeito pelas autoridades, e que até o próprio senso do que é certo ou errado esteja sendo perdido. (...)

Retrato do tipo SP (*Artisan*) 30 a 35% da população

(...) Todos os [4 tipos] SP compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos, e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

(...) Os SP querem estar onde a “ação” está; eles procuram aventuras e mostram uma “fome” constante por prazer e agitação. Eles acreditam que variedade é o tempero da vida e que fazer coisas que não são divertidas ou excitantes é um desperdício de tempo. São impulsivos, adaptáveis, competitivos e acreditam que o próximo lançar de dados será a jogada sortuda. Eles também podem ser generosos com os defeitos das pessoas, e estão sempre prontos a dividir com seus amigos as bênçãos da vida. Acima de tudo, os SP precisam estar livres para fazerem o que desejam, quando eles desejam. Eles resistem a serem “amarrados” ou presos, confinados ou obrigados a fazerem algo. Eles preferem não esperar, não economizar, poupar ou viver para o amanhã.

Na sua visão, o hoje deve ser aproveitado porque o amanhã... nunca chegará!

Retrato do tipo NF (*Idealist*)

Os NF, como temperamento, são apaixonadamente preocupados com crescimento e desenvolvimento pessoal. Empenham-se em descobrir quem eles são e como podem se tornar o melhor que eles podem ser - esta constante busca pelo autoconhecimento e autodesenvolvimento impulsiona sua imaginação. E eles querem ajudar os outros a fazer esta mesma jornada. Os NF são naturalmente atraídos para trabalhar com pessoas, seja em educação ou aconselhamento, nos serviços sociais ou na área de recursos humanos, em jornalismo ou ministério. Eles são dotados em ajudar outros a achar seus caminhos na vida, frequentemente inspirando-os a crescer como indivíduos e a realizar seu potencial.

Todos os [4 tipos] NF compartilham as seguintes características principais:

- são entusiásticos, confiam em sua intuição, anseiam por romance, procuram seu “eu” verdadeiro, valorizam relações significativas, e sonham em atingir sabedoria.
- orgulham-se em serem amorosos, de bom coração e autênticos.
- tendem a ser dadivosos, confiáveis, espirituais, e estão focados em jornadas pessoais e potenciais humanos.
- são companheiros intensos, pais estimulantes, e líderes que inspiram outros.

(...)

Retrato do tipo NT (*Rational*) de 5 a 10% da população

Os NT têm o temperamento voltado a resolver problemas, principalmente se o problema tem a ver com sistemas complexos que compõe o mundo à nossa volta. NT atacam problemas em sistemas orgânicos (como plantas e animais) ou em sistemas mecânicos (como ferrovias e computadores), ou mesmo em sistemas sociais (como famílias, empresas ou governos). Mas qualquer que seja o sistema que desperta sua curiosidade, os NT irão analisá-los a fim de entender como eles funcionam, com o objetivo de fazê-los funcionar ainda melhor.

Todos os [4 tipos] NT compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser pragmáticos, céticos, autônomos, e focados em resolução de problemas e análise de sistemas.
- orgulham-se de ser engenhosos, independentes, e determinados.
- são cônjuges razoáveis⁴, pais individualizadores e líderes estratégicos.
- são ponderados, confiam na lógica, anseiam por realizações, procuram conhecimento, apreciam a tecnologia e sonham em entender como o mundo funciona.

⁴ *Reasonable*, aqui, obviamente, não no sentido de medianos, mas como quando se fala em “chefe razoável”, “sargento razoável” ou “nutricionista razoável”, que se pauta pelo razoável (não esqueçamos que Keirsey dá aos NT o nome *rational*s).

Ao trabalhar com problemas, os NT tentam achar soluções que tenham aplicações no mundo real, mas estão ainda mais interessados nos conceitos abstratos envolvidos no problema, nos princípios fundamentais ou leis naturais subjacentes ao caso em análise. Eles são absolutamente pragmáticos sobre os caminhos e meios para atingir seus fins. Os NT não se preocupam em ser politicamente corretos. (...)

3. Os tipos de David Keirseis na escola – algumas pesquisas possíveis

Neste artigo, apontaremos algumas (dentre as inúmeras) possíveis linhas de pesquisa sobre a importância da teoria de DK para identificar e, na medida do possível, apontar soluções, problemas no cotidiano escolar.

Uma linha central decorre do fato, tão simples quanto manifesto, de que a escola atrai irresistivelmente – para muitos cargos de direção e docência – profissionais do tipo SJ. De fato, a escola (como a Igreja, a associação de bairros, os grupos de escoteiros etc.) é um polo gravitacional para os SJ, por temperamento voltados a servir as instituições que estruturam a sociedade, a transmitir para as novas gerações o legado de valores da cultura e da ética, o senso de dever e responsabilidade, valores centrais para seu tipo. Junte-se a isto, seu talento em administrar bens e serviços e teremos configurada, para o bem e para o mal, a relação SJ e a escola de educação básica.

Se os SJ já são o tipo mais frequente na população em geral (40 a 45%), DK estima que alcancem a esmagadora maioria 75% dos cargos de direção e docência (KEIRSEY, 1998, p. 98).

Certamente, os 45% de alunos SJ estarão muito à vontade, nessa escola dominada por professores e direção de seu mesmo tipo. Mas o que dizer dos 35% de alunos SP?

Embora compartilhem o fator S, SP e SJ são estilos altamente conflitantes: para o SP, a liberdade, o viver o momento, a independência, a impulsividade e o lúdico são valores fundamentais e, ao contrário dos SJ, não têm nenhum apreço por dever, disciplina, hierarquia e responsabilidade. A fábula da cigarra e da formiga é bem o contraste entre os estilos SJ e SP.

E as crianças SP são lançadas em uma escola tediosa, cuja formatação lhes é estranha e até hostil. Daí as inúmeras clássicas situações de humor em filmes, séries, Histórias em Quadrinhos etc. criadas a partir das tentativas dos alunos SP em subtrair-se ao controle SJ exercido pela escola: horários, silêncio, ordem, lição de casa, regras, punições, carteiras enfileiradas... Os conflitos entre Calvin e sua Profa. Hermengarda; entre Chico Bento e a Profa. Dona Marocas, entre Chaves e o Prof. Girafales etc. etc. são já quase estereótipos dessa situação.



<https://novaescola.org.br/conteudo/3621/calvin-e-seus-amigos>



<https://www.youtube.com/watch?v=B2S8k6kiM7o>



<https://twitter.com/Chicobento0/status/1035365781830164480>

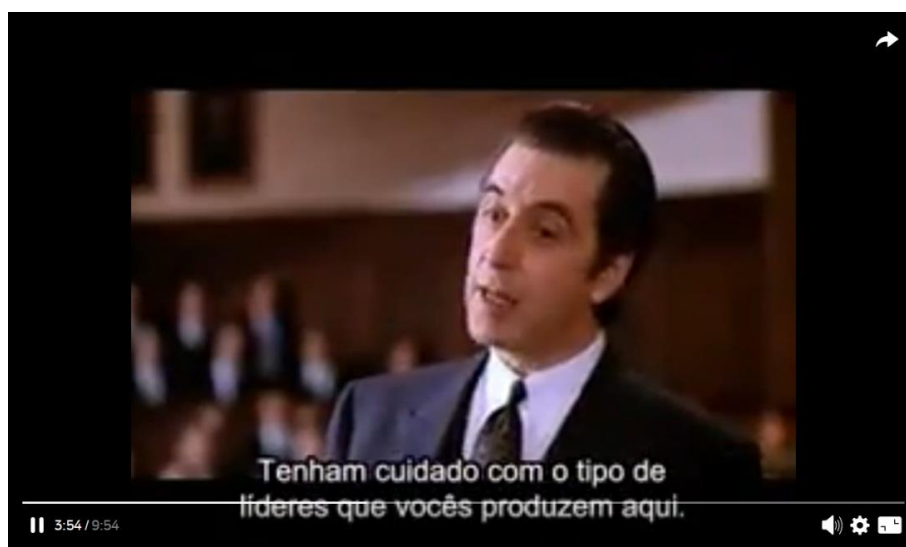


Os desentendimentos entre pais SP e a direção SJ da escola são também outras constantes. Como nos casos antológicos de Rochelle, mãe do Chris (da série “Todo mundo odeia o Chris”), defendendo os filhos como uma leoa.



<https://globoplay.globo.com/v/7879805/programa/?s=04m23s>

Ou o antológico discurso do Tenente Coronel Frank Slade (AL Pacino) em defesa de Charlie Simms ante o Conselho Diretor da Escola Baird – filme “Perfume de Mulher”.



<https://tvuol.uol.com.br/video/perfume-de-mulher--discurso-final-al-pacino-04021A3968C0894366>

Os tipos minoritários, NF e NT, também sofrem e são incompreendidos na escola feita à imagem e semelhança dos SJ. Os questionamentos sobre o humano e seu sentido, o próprio núcleo das aspirações NF não encontra muito espaço no âmbito SJ.



E quanto aos NT, também seu anseio de leitura racional, científica ou tecnológica do mundo, não encontra muito respaldo no modelo tradicional de escola. Muitos NT falam de seu ideal de uma escola que cultivasse a curiosidade científica. Stephen Hawking (2018) relembra o tédio que viveu na escola até encontrar um professor que compreendesse seu modo de ser NT:

Durante a infância, eu era apaixonado pelo funcionamento das coisas. Naquela época, era mais simples desmontar um objeto para ver seu mecanismo. Nem sempre eu conseguia remontar as peças dos brinquedos que abria, mas acho que aprendi mais do que uma criança aprenderia hoje se tentasse fazer o mesmo com um smartphone.

Meu trabalho ainda é descobrir como as coisas funcionam, embora em outra escala. Não destruo mais trenzinhos. Em vez disso, tento entender o funcionamento do universo usando as leis da física. Se sabemos como algo funciona, podemos controlá-lo. Soa tão simples quando falo dessa maneira... Mas é um trabalho cativante e complexo que me fascinou e empolgou durante toda minha vida adulta. Trabalhei com alguns dos maiores cientistas do mundo. Tive a sorte de viver no que tem sido um período glorioso para meu campo de estudo, a cosmologia, que investiga as origens do universo.

A mente humana é uma coisa incrível. Ela pode conceber a magnificência do firmamento e as complexidades dos componentes básicos da matéria. Porém, toda mente necessita de uma fagulha para atingir seu pleno potencial. A centelha da curiosidade e da dúvida.

Muitas vezes essa centelha vem de um professor. Deixe que me explique.

Não fui um aluno exemplar, demorei para aprender a ler e minha caligrafia era ruim. Mas quando estava com quatorze anos, meu professor em St. Albans, Dikran Tahta, mostrou-me como aproveitar minha energia e me encorajou a pensar criativamente em termos matemáticos. Ele abriu meus olhos para as matemáticas como o projeto de construção do próprio universo.

Por trás de toda pessoa excepcional, há um professor excepcional. Quando pensamos nas coisas que sabemos fazer na vida, há grandes chances de que as saibamos graças a um professor.

No entanto, a educação, a ciência e a tecnologia correm mais perigo do que nunca. Devido à recente crise financeira global e a medidas de austeridade, há um significativo corte de verbas em todas as áreas da ciência, mas a pesquisa básica tem sido profundamente afetada. Há a ameaça também de nos tornarmos culturalmente isolados e provincianos e cada vez mais distantes de onde o progresso está sendo feito. Na questão da pesquisa, o intercâmbio entre as fronteiras permite que as habilidades sejam transferidas mais rapidamente e proporciona diferentes ideias a novos pesquisadores, derivadas de seus diferentes contextos. Isso pode facilmente contribuir para o progresso nos lugares onde hoje enfrentamos maior dificuldade.

Infelizmente, não podemos voltar no tempo. Com o Brexit e Trump trazendo novas pressões sobre a imigração e o futuro da educação, presenciamos uma revolta mundial contra o conhecimento especializado, algo que inclui os cientistas. Assim, o que podemos fazer para assegurar o futuro da educação em ciência e tecnologia?

Volto a meu professor, o sr. Tahta. A base para o futuro da educação deve residir em escolas e professores inspiradores. As escolas, no entanto, oferecem apenas uma estrutura elementar onde às vezes a rotina de decoreba, equações e provas pode indispor os jovens contra a ciência. A maioria das pessoas responde a uma compreensão qualitativa, e não quantitativa, sem a necessidade de equações complicadas. Livros de divulgação científica e artigos sobre ciência também ajudam a explicar ideias sobre o modo como vivemos. Entretanto, apenas uma pequena parcela da população lê até mesmo o best-seller do momento. Documentários e filmes de ciência atingem um público imenso, mas não passam de comunicação de mão única.

As diferenças de postura começam cedo. Keirsey sugere a seguinte experiência: se olharmos para uma sala de aula de jardim de infância, podemos facilmente observar cerca de uma dúzia de crianças SJ de cinco anos, procurando com sinceridade e empenho as pistas que lhes indicarão o que devem fazer. O resto das crianças, principalmente SPs junto com um número pequeno de NTs e NFs, estarão como animaizinhos, pulando, brigando, cheirando e mastigando. Resumindo: esta escola feita por SJ e para os SJ, tem como objetivo transformar esses filhotes brincalhões em adultos sérios e orientados para o dever, que buscam apenas saber o que devem fazer (KEIRSEY, 1984, p. 40).

4. Considerações finais

O objetivo deste artigo era o de apontar linhas de pesquisa sobre a importância do estudo da teoria de DK para a análise de problemas da vida escolar. Indicamos algumas poucas; mas pode-se facilmente perceber que há inúmeras outras, principalmente se, para além dos 4 temperamentos, ingressarmos na análise mais fina dos 16 tipos que deles derivam.

Referências

Briggs Myers, Isabel & Myers, Peter B. Keirsey. **Gifts Differing: Understanding Personality Type** - The original book behind the Myers-Briggs Type Indicator (MBTI). CPP: Mountain View, 2nd ed., 1995. e-book.

Hawking, Stephen **Breves respostas para grandes questões**. Intrínseca: Rio de Janeiro, 2018. E-book. Disponível em (acesso em 10-07-2020): https://books.google.com.br/books?id=tI9yDwAAQBAJ&pg=PT160&lpg=PT160&dq=%22A+maioria+das+pe%C3%A7as+responde+a+uma+compreens%C3%A3o+qualitativa,+e+n%C3%A3o+quantitativa,%22&source=bl&ots=TuPeKEUKhh&sig=ACfU3U2YyxleS-sDB4J_oaOCShtBagfrTQ&hl=pt-

BR&sa=X&ved=2ahUKEwi6gMKMhqXrAhUzEbkGHQC6DFkQ6AEwAnoECAEQAQ#v=onepage&q=%22A%20maioria%20das%20pessoas%20responde%20a%20uma%20compreens%C3%A3o%20qualitativa%2C%20e%20n%C3%A3o%20quantitativa%2C%22&f=false

Jung, C. G. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2015.

Keirsey, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

KEIRSEY, D. **Please understand me II**: temperament, character, intelligence. California: Prometheus Nemesis Book, 1998_a.

LAUAND, Jean (org.). **Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação**. Santo André: Kapenke, 2019.

Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte I: os 4 tipos SP

Alexandre Medeiros
Enio Starosky

Resumo: Nas revistas do Cemoroc foram publicados dezenas de artigos sobre a teoria de David Keirsey. Uma das dificuldades encontradas pelos estudiosos de Keirsey é o caráter “ideal” (*Idealtypus*) de seus fatores, temperamentos e tipos. Neste par de estudos, apresentamos uma “galeria” de 8 tipos keirseyanos (os SP e SJ), extraídos desses artigos: pessoas/personagens que podem ajudar a compreender a teoria, discernindo e identificando de modo concreto tipos em personalidades encarnadas. Nesta primeira parte, os 4 tipos SP.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos. temperamento. temperamentos SP.

Abstract: The theory of David Keirsey is the subject of many articles in Cemoroc’s journals. From these articles we extracted the present “Gallery of types” (real people/characters), in order to help – in a concrete way – the understanding of Keirsey’s types. This part I is on the four SP types.

Keywords: David Keirsey. types. temperament. temperament SP.

Enfrentando a dificuldade de discernir tipos keirseyanos em casos concretos⁵

Uma dificuldade frequente dos estudiosos da tipologia de David Keirsey (abreviaremos por DK) é a de discernir e identificar, nas pessoas, os diversos tipos propostos por DK. E não se trata só de pessoas que não se encaixam perfeitamente neste ou naquele tipo, mas mesmo casos que DK considera claramente como representante de determinado tipo, não encontram unanimidade. Por exemplo, se o próprio DK caracteriza Joana D’Arc como emblemática INFP (Keirsey 1984, p. 176), outros não hesitam em identificá-la como ESTP⁶ (!?); o site oficial de DK situa Madre Teresa como primeiro exemplo de ISFJ⁷, mas há quem a considere típica INFJ⁸.

Pensando em ajudar o estudioso keirseyanos a “visualizar”, de modo concreto e “encarnado”, os diversos tipos da teoria de DK, organizamos a presente “Galeria de Tipos” SP e SJ, recolhendo as análises que, ao longo de anos, pesquisadores do Grupo de Pesquisas – liderado por Jean Lauand – têm apresentado nesta e em outras revistas do Cemoroc – Centro que se distingue também por acolher pesquisas de qualidade sobre a teoria de DK.

Embora cada título se refira a um dos 8 perfis (SP / SJ que somam mais de 80% da população) é claro que cada tipo se esclarece em contraste com outros, de modo que as análises não são necessariamente “estranques”. Esta parte I é dedicada aos 4 tipos SP, deixando os 4 SJ para a parte II, nesta mesma edição.

⁵. Esta introdução é comum ao estudo seguinte (parte II). Também mantivemos as mesmas referências bibliográficas.

⁶. <https://grottonetwork.com/keep-the-faith/community/catholic-saints-myers-briggs/>. Acesso em 05-05-2021.

⁷. <https://keirsey.com/temperament/guardian-protector/>. Acesso em 05-05-2021.

⁸. <https://www.16personalities.com/infj-personality>. Acesso em 05-05-2021.

I – Os 4 Tipos SP: ISFP, ESTP, ESFP e ISTP

1. O tipo ISFP: Guga Kuerten (Mozart, Fred Astaire...)

(extraído de: Jean Lauand & Chie Hirose: “Tipos de DK - Identificando algumas características” – International Studies on Law & Education 33, 2019: <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>)

Começemos a apresentação de nossos exemplos com um particular caso de SP: o ISFP.

Se os SP são denominados por DK *artisans*, que no caso do ISTP envolve a especial inclinação para lidar com ferramentas e fabricos (motores, armas etc.), por alguma razão o ISFP costuma voltar-se para as *fine arts*:

Quando encontramos um destacado compositor, pintor ou bailarino, frequentemente será um ISFP. Beethoven, Toscanini, Rembrandt e Nijinski, como se manifesta na pesquisa tipo-histórica, eram ISFP chapados (Keirsey 1984, p. 204).

Seu acentuado senso S de realidade, de concreto, especialmente para a “especialidade” para a qual está particularmente dotado “keeps the ISFP more closely in touch with the very real” (Keirsey 1984, p. 205).

O ISFP sintoniza com a cor, a linha, a textura, a tonalidade – tato, movimento, ver e ouvir, em harmonia. Os sentidos do ISFP parecem mais agudamente sintonizados do que os dos outros. Rembrandt podia quase saborear as cores, devido à sua grande sensibilidade. Toscanini podia distinguir uma única nota desafinada em meio à mais complexa performance instrumental da orquestra. E as palavras de Hemingway tinham o gosto, cheiravam e sentiam as ondas” (Keirsey 1984, p. 205).

A sensibilidade do ISFP é como que um radar sempre ativo para o aspecto do mundo concreto que o toca em sua arte (no sentido amplo, que pode abarcar, por exemplo, esportes como o tênis). Meu amigo, o saudoso grande pintor Fulvio Pennacchi via (e vibrava com isso) espontânea e necessariamente composição e cromatismo em qualquer situação do cotidiano, enquanto nós outros víamos apenas uma cena rotineira a mais. Dorival Caimmy não compunha com o violão, mas extraía canções da simples prosódia do falar cotidiano...

Nesse sentido, nada supera a antológica cena do filme *Amadeus* de Milos Forman, na qual a sogra de Mozart, Frau Weber, enfurecida com o genro irresponsável, quer afastá-lo e vai proferindo uma série de insultos: “... Você é um monstro... egoísta ... para você só existe a sua música. Eu bem que avisei a minha filha: ‘case-se com um homem, não com um bebê’. Etc.” Mozart, indiferente à fúria da sogra, atenta somente para a prosódia dela, da qual extrai imediatamente a ária “A Rainha da Noite” e a câmera vai pontuando a transição da estridente megera para a soprano de “A Flauta Mágica”.



A cena encontra-se em <https://www.youtube.com/watch?v=5wfp8EB179g>



Ao caso do Mozart do filme de Forman, foi dedicada uma dissertação de mestrado, contrapondo (sem usar a terminologia de DK) a caricatura das disfunções dos SJ no personagem Salieri ao – também carregado –, Mozart, SP⁹.

Mas a característica do ISFP que queremos destacar, a propósito de Guga, é aquela apontada por DK:

The ISFP has to be the kindest of all the types with no near competitors. The kindness is unconditional. Here is sympathy, of which we are all capable, carried to its most extreme form. The ISFP is especially sensitive to the pain and suffering of others and, like St. Francis of Assisi, with sympathetic impulsivity gives freely to the sufferer. (Keirsey 1984, p. 205)

Fred Astaire (1899-1987), o maior dançarino da história do cinema, obrigava os roteiristas de seus filmes a contorcionismos: ele era incapaz, mesmo como personagem, de magoar alguém.



9. Lucyana do Amaral Brillhante. “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

Nosso Gustavo Kuerten, como bom I concede poucas entrevistas e sua mãe refere-se ao fato, dizendo jocosamente que o filho é “bicho do mato”. No caso extremo de outro ISFP, João Gilberto, ninguém conseguia furar o bloqueio e sua personalidade permanecia (outra marca registrada dos ISFPs) um tanto enigmática para os outros tipos. São legendários os intermináveis “ensaios” de João Gilberto que, como em geral nos ISFPs, não eram propriamente ensaios, mas o impulso incontido da ação artística, unido à exigência de nada menos do que a perfeição em sua arte. (Mas atenção: por mais que sejam extremamente gentis, os ISFP são, afinal, impulsivos como todos os SP e daí também os “destemperos” de João Gilberto diante de alguma falta de sintonia do público. Paulinho da Viola conta uma sua desestruturação no palco diante de uma simples desatenção de um espectador.)

Qual a grande dificuldade do tipo *kindest*, ISFP, Guga no início de sua carreira? A mais inesperada para quem não leu DK: a dificuldade de vencer para não magoar seu adversário, infligindo-lhe amarga derrota! É o que ele mesmo nos conta em uma de suas raras entrevistas. Aos 14 anos, conheceu Larri Passos, que ia ser seu técnico, por longos anos.

[O Larri me ajudou muito] Teve uma situação já com o Larri que foi determinante: eu saio da quadra, perdendo o jogo – isso acontecia, eu me emocionava muito... ficava triste, porque no tênis tem isso: um ganha e o outro tem que ser derrotado e eu... “Pô, mas que pena...”. Eu tinha uma dificuldade de enfrentar isso. Para mim foi difícil e o Larri falava: “vai pra cima dele, cavalo! Passa por cima, vai, mata o cara!” (<https://www.youtube.com/watch?v=ZLgIh5iDmWA> 9:50m)



Assim, o (árduo) trabalho do técnico foi o de ajudar Guga a, no esporte, “superar” sua tendência mais arraigada, a de “ajudar as pessoas e fazer carinho”! E, refreado seu sensível fator F, liberar o estilo SP: revolucionário, agressivo, exuberante e alegre. Vencedor. A Revista Tênis o coloca entre os “10 tenistas que transformaram a forma como o tênis é jogado”:

A inesperada conquista de Guga em Roland Garros 1997, contudo, pavimentou a mudança que se solidificou hoje.

Diante de adversários que fundamentavam seus jogos no preparo físico e na regularidade de fundo, o brasileiro ousou acelerar bolas, arriscar paralelas de backhand, tentar curtinhas etc. De repente, aquele padrão extremamente defensivo do jogo de saibro deu lugar a um estilo muito mais agressivo, exuberante e alegre.

Mesmo jogando do fundo de quadra, Guga mostrou que era capaz de encurralar os oponentes, tirá-los do sério com seus imprevisíveis ataques com o backhand na paralela ou então com deixadinhas depois de tê-los jogado metros longe da linha de base.

(https://revistatenis.uol.com.br/artigo/nascidos-para-mudar-o-tenis_12455.html)

Guga, leva ao extremo o carisma do ISFP e aparece como a pessoa mais gentil, alegre e emotiva do mundo. Por suas aparições na olimpíada de 2016, suscitou nas redes sociais uma sacada genial, que bombou imediatamente: chamar Guga de “Labrador Humano”.

Ele, naturalmente se emocionou e agradeceu: “Tenham a certeza de que foi a minha medalha de ouro. Vai ficar guardada no coração como símbolo e a grande lembrança desses jogos aqui no Rio” (http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/guga-comenta-apelido-labrador-humano-e-conta-o-que-tira-seu-sorriso-do-rosto-video.html_)

Outro exemplo: uma das tantas delicadezas de Guga foi quando, emocionadíssimo, enviou uma mensagem para os familiares da tragédia da Chapecoense e teve o cuidado de dizer: “nós estaremos orando, estaremos rezando...”, para evitar ferir qualquer susceptibilidade entre evangélicos e católicos. “<https://www.youtube.com/watch?v=iRSyyZaiVJY>”

2. O tipo ESTP: Neymar Jr. (Felipe Melo, Val Marchiori, Cristina Rocha, Sérgio Vieira de Mello...)

(extraído de: Jean Lauand & Chie Hirose: “Tipos de DK - Identificando algumas características” – International Studies on Law & Education 33, 2019: <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>)

Muitos dos grandes esportistas são SP e ESTP. Com suas características, para o bem e para o mal: impulsividade, independência, liberdade, hedonismo, ludicidade etc. Na disfunção: indisciplina, farras, pavio curto, irresponsabilidade, infantilidades, fanfarronice etc.

Na vida comum é difícil (especialmente para os comedidos SJ) compreender como uma pessoa pode, por exemplo, cair nos juros, literalmente absurdos, do cheque especial ou do parcelamento do cartão: é óbvio que é um grave erro financeiro. Para a descontrolada impulsividade do SP (os SP são as principais vítimas da impulsividade...) essas opções podem afigurar-se viáveis: magnetizados pelo “aqui e agora” não medem as consequências, tudo que vêem é a necessidade de seguir o impulso e evitar

a espera. São os mesmos impulsivos que, tendo perdido no cassino, dobram a aposta: é tudo ou nada, é agora ou nunca etc. São acentuados SP que tiram a camisa ao comemorar um gol, mesmo cansados de saber que esse ato custa um cartão amarelo...

E é que se há algo que os SP (todos eles) não conseguem suportar é a espera; a palavra que lhes é mortal é *wait*: “eles não esperam porque esperar é ver seu impulso definir e morrer, eles querem e valorizam seus impulsos e os vêem como o centro de suas vidas” (Keirse 1984, p. 204).

O santo dos SPs é Santo Expedito (pouco importa se ele realmente existiu ou não); Expedito é o santo que não enrola, resolve na hora, “mete as cara”, como no lema SP da Nike: “*Just do it!*” O reflexo dos SP pode ser tamanho que, muitas vezes ele dá uma resposta tão rápida que o interlocutor de outros tipos pode considerar impensada, frívola ou irresponsável; quando, na realidade, é sua resposta ponderada definitiva: a prontidão lhe é conatural e ele, normalmente, não precisa ruminar o assunto por tempo prolongado.

Já a introdução do clássico dos clássicos, Casablanca (no qual o tempo é um dos temas...), descreve entre os horrores da guerra, o suplício dos SP, o purgatório da espera: alguns poucos conseguem o visto para Lisboa (que lhes permitirá ir para a América); os outros..., esperam em Casablanca “...and wait, and wait..., and wait...”. Nessa linha a (extremadamente SP) Tina Turner, gravou a canção que melhor exprime o impulso típico dos SP: *Paradise is here* (Paul Brady), nem sonhos nem planos: *right now!*

(...) But paradise is here
It's time to stop your crying
The future is this moment
And not some place out there
Tonight I need your love
Don't talk about tomorrow
Right now I need your loving
Right now give it to me
Right now I want your loving
Right now- now now now (...)

Com o acima exposto, não é difícil evocar a galeria dos extremados ESTP (incluiremos também alguns ISTP) de nosso futebol (ou de outros setores...):

Felipe Melo. Entre tantas outras, recém contratado, na entrevista de apresentação ao Palmeiras (jan. 2017), o meia foi logo avisando que iria reabrir antigas desavenças: “Se tiver que dar porrada, eu vou dar. Se tiver que bater na cara de uruguaio, vai tomar tapa na cara”. Não deu outra: o Palmeiras x Peñarol em abril (2017) acabou em pancadaria; os uruguaio tinham como alvo principal o próprio Felipe Melo. Meses depois, Felipe exibe como troféu, um porta-retratos em sua casa, a foto do soco que deu no uruguaio. Se o ISFP é labrador, os STP podem ser pitbull, como no grito da torcida do Palmeiras: “O bagulho é doido! Felipe Melo, pitbull, cachorro louco!” (<https://www.lance.com.br/palmeiras/cachorro-louco-felipe-melo-ganha-musica-torcida-agradece.html>).



<http://esportes.r7.com/blogs/r7-so-esportes/e-ousado-demais-rapaz-felipe-melo-guarda-lembranca-de-briga-no-uruguai-na-sala-de-casa/2017/08/31/>

Nossa galeria se amplia com, digamos, **Maradona**, **Dudu** (outro “guerreiro” do Palmeiras), **Adriano Imperador**, **Romário** (que quando cobrado pelas farras em seu tempo de Barça, saiu-se com a antológica frase: “*Si no salgo a [sic] la noche, no meto goles*”), os comentaristas **Neto** e **Edmundo** (“animal”), o atualmente técnico **Renato Gaúcho** (Portaluppi), **Donald Trump**, **Kim Jong Un** (o ditador que adora a Disney e o Chicago Bulls), **Jair Bolsonaro**, **José Luiz Datena**, **Ratinho**, **Silas Malafaia**, o ISTP **Vladimir Putin**, etc.

Sérgio Cabral, com sua audácia, ostentações e farras como a do guardanapo, expõe algumas outros traços (disfuncionais) dos ESTP.

Não é de estranhar que, no caso das mulheres ESTP – como **Amy Winehouse**, **Madonna**, **Angelina Jolie** (e **Lara Croft**), **Camilla Parker Bowles** –, alguns aspectos de seu comportamento possam parecer, em alguns casos e alguma medida, associado a padrões estereotipadamente masculinos (independentemente de conotações homossexuais como no caso de Thammy Gretchen). Eu sou durona... diz uma conhecida sentença de Madonna: “I’m tough, I’m ambitious, and I know exactly what I want. If that makes me a bitch, okay.”¹⁰; Amy Winehouse afirmou certa vez: “I’m more of a boy than a girl” e de Camilla Parker Bowles se diz que é uma **tomboy**, mulher com gostos e jeitão mais para masculino (sem conotações homossexuais). Disse ao ser apresentada ao Príncipe Charles: “My great-grandmother was the mistress of your great-grandfather - so how about it?”. Já Madonna diz de si mesma: “I’m a man inside a woman's body.” E a SP, em famosa entrevista, diz do idealismo dos NF: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon – but I want to stay alive”.

No caso feminino, o troféu ostentação vai para a ESTP Val Marchiori, com suas quinhentas e tantas bolsas Louis Vuitton, peles e o inseparável champagne...



<https://televizao.wordpress.com/tag/val-marchiori/page/16/>

¹⁰. Todas as citações desse parágrafo procedem de: <https://www.idrlabs.com/estp.php>

Para que se entenda bem o que estamos afirmando, um exemplo, ilustrativo e esclarecedor: o popular programa do SBT, “Casos de Família” foi apresentado pela discreta Regina Volpato de 2004 a 2009; sendo, então substituída pela ESTP (com maiúsculas), Cristina Rocha.

Com Volpato, o programa era sério, sóbrio, de aconselhamento, sem gritaria nem barracos. Cristina Rocha, assumiu para agitar (promover barracos, como no programa original venezuelano) e aumentar a audiência e chegou mesmo a alfinetar sua antecessora:

Eu entrei [no Casos de Família] com o coração. Tudo que eu faço eu visto a camisa. Comigo não tem isso de estar em cima do muro. Quando fiz o teste, o Silvio queria um programa mais popular com uma apresentadora que se desse bem com a plateia. Que fosse mais participativa, coloquial e que desse opinião. A [antiga] apresentadora [Regina Volpato] ficava sentada o tempo todo e no final a psicóloga falava. Era uma coisa mais contida.

(<https://www.otvfoco.com.br/apresentadoras-casos-de-familia-christina-rocha-critica-regina-volpato-ficava-sentada-o-tempo-todo/>)



Outros estilos de apresentadoras:



Hebe **ESFP**



Eliana **ESFP**



Fátima **ESTJ**



Cátia **ESFJ**



Oprah e a sensibilidade **NF**



A fria racionalidade **NT** Justus e Dória

Quem senão o **ESTP** (e mais ainda o **ISTP**) pode, na disfunção, ter a arrogância de um Carlos Marun, líder de várias tropas de choque, para celebrar na

Câmara, com dancinha, cantando: “surramos a oposiçããã, que não consegue nem uma ganhar”... (<https://www.youtube.com/watch?v=WORSkpfdFgc>).

Apesar dos exemplos que demos anteriormente de ESTPs, a bem da verdade, o ESTP não é necessariamente truculento (como pode parecer em um Brasil e em um mundo rachado em maniqueísmos e radicalismos); pelo contrário, o ESTP pode ser, e frequentemente é, simpático, eletrizante e refinado (como o agente 007) e, devido a essa observação das motivações alheias, pode ser um grande negociador, como é o caso de um dos maiores campeões mundiais da paz de todos os tempos (e mártir da paz), o diplomata brasileiro: Sérgio Vieira de Mello. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirmava que Vieira de Mello era “a pessoa certa para resolver qualquer problema”. Foi o primeiro brasileiro a atingir o alto escalão da ONU. Como negociador da ONU, atuou em alguns dos principais conflitos mundiais - Bangladesh, Camboja, Líbano, Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Ruanda e Timor-Leste, entre 1999 e 2002.

Sua incomparável vocação para a negociação fez dele (na década de 90) o único diplomata capaz de abrir e manter conversações com o Khmer Vermelho. Em maio de 2003, foi enviado como representante oficial do Secretário-geral das Nações Unidas para o Iraque e fez parte da equipe que vistoriou a Prisão de Abu Ghraib. Em Bagdá acabou sendo morto em 2003 durante o ataque suicida ao Hotel Canal, com a explosão de um caminhão-bomba. Abu Musab Zarqawi, chefe da Al Qaeda, assumiu a responsabilidade pelo atentado: Mello foi assassinado pois ele era um “cruzado” (sic: *franji*) que extraiu uma parte (o Timor Leste) do país muçulmano da Indonésia.



O ESTP Sérgio Veira de Mello, considerado um misto de Bobby Kennedy e James Bond.

E é que:

Os ESTP têm um dom especial para observar o que motiva as pessoas; são hipersensíveis às mínimas indicações não verbais dos outros, o que passaria despercebido para muitos outros tipos. (Keirsey 1984, p. 196).

Mas não se trata de uma captação das motivações alheias como pela capacidade empática do NF, mas por um instinto de indícios (*Elementary, dear Watson...*!), muito úteis para um espião como James Bond.

Como no caso daquele nosso amigo inquilino, que foi negociar um gasto no apartamento com o proprietário (tipicamente ESTP). Só se conheciam dos breves encontros mensais no escritório deste para pagamento do aluguel e um cafezinho. A proposta era para dividirem os gastos de uma descupinização necessária, pois o apartamento estaria infestado de cupins. O proprietário, ato contínuo, desmontou a charada: “- Não me diga, o senhor se casou?...”. A pergunta era retórica, era mais uma afirmação e, de fato (!), o inquilino tinha acabado de se casar (sem que o outro soubesse). A sequência da fala foi antológica: “... Porque nesta época do ano [tinha havido revoada de verão de cupins no bairro alguns dias antes] eles aparecem por toda parte, até em estruturas metálicas ou de concreto... Agora, se a sua esposa quiser fazer um favor para a gente, diga para ela pegar uma seringa velha e injetar onde ela acha que eles [os supostos cupins] estão instalados... [e pare de nos aborrecer com sua neurose de problemas fictícios]”.

Machismos à parte, nosso ESTP decifrou em um relance a situação toda...

Se em algumas atitudes dos ESTP acima prevalece o aspecto “durão”, machão (muitos STP têm afinidade com armas, esportes radicais etc.), o tipo é em geral sociável e magnetiza o ambiente:

Se são utilizadas as capacidades promotoras e empreendedoras do ESTP, a instituição beneficiar-se-á muito de sua presença. Mas se seu desejo de *excitement* não encontra receptividade construtivamente, então sua energia pode se canalizar para o destrutivo, para atividades anti-sociais, para o estelionato, falsificação, contravenção etc. Um filme, do começo dos anos 70, que expressa bem esse uso dos talentos dos ESTP é “Golpe de mestre” (*The Sting*). (Keirsey 1984, p. 197).

Em nosso Neymar destaca-se o lado lúdico dos SP: na melhor tradição da escola brasileira (avalizada pelo insuperável Garrincha) o futebol é antes e acima de tudo brincar: inventar gracinhas e dancinhas para comemorar, coreografias com os “parças”..., enfim: a molecagem. O drible pode ser mais importante do que o gol...

Dois episódios ilustram esses traços de sua personalidade (não por acaso ele é chamado de “menino” Neymar). Em plena Libertadores de 2011, contra o Colo Colo na Vila Belmiro, ao marcar o terceiro gol (o gol da vitória de virada 3x2) Neymar comemorou colocando uma das milhares de máscaras com seu rosto que foram distribuídas a torcedores na entrada do estádio. A regra é clara: não se pode comemorar tirando a camisa, lançando-se sobre o alambrado, usando máscaras etc. Ele usou a máscara e recebeu o segundo cartão amarelo, sendo expulso na sequência e desfalcando seu time no próximo jogo, decisivo.



<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/em-partida-tumultuada-santos-reage-e-vence-colo-colo-4c46wrcag6q5qmym8r1lazo7i>

Tal como o menino que é levado para a sala da diretora (as professoras são, no estereótipo, SJ; as diretoras, “essejotonas T, ISTJ”), Neymar comenta sua expulsão, fazendo uma brilhante epítome SP, um autêntico manifesto SP; afinal inútil, pois o mundo das regras é, por definição, o reino dos SJ...:

Tem a lei e tudo mais, e sempre tem aquela coisa chata [SJ] no futebol, infelizmente. Mas querendo ou não, o gol é o que todo mundo que vai ao estádio está esperando, e você quer comemorar com os torcedores, com a família. Naquela noite eu queria retribuir o carinho da torcida usando a máscara, mas infelizmente acabei tomando o cartão e ficando fora de um jogo muito importante (<http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2011/04/neymar-lamenta-queria-retribuir-o-carinho-da-torcida-usando-mascara.html>)

Os SJ, não perdoam a irresponsabilidade SP... Naturalmente, Neymar poderia responder como o Mozart do *Amadaeus*: “Perdão, Majestade. Sou um homem vulgar. Mas lhe garanto que a minha música não é!”



Na escola da coautora deste artigo (que leciona para o Fund. I da Prefeitura de São Paulo), uma das alunas de 1o. ano é uma menina vinda de Angola (a escola recebe muitos alunos estrangeiros e refugiados etc.), extremamente ESFP, pura sensibilidade e alegria de viver, e que se chama precisamente Alegria (sua irmã se chama Benção e sua coleguinha angolana, Maravilha!). Um dia, a Professora Raimunda (já conhecida dos leitores de nossas revistas, pelos seus artigos), estava no pátio com as crianças e outras professoras mostrando o desenvolvimento das plantinhas que cultivam na escola e Alegria percebeu que havia surgido uma bela florzinha em uma delas. Não se

contendo, começou a bater palmas, dançar e proclamar “Olha, que florzinha mais bonita!” Ato contínuo, uma SJ (disfuncional) de plantão atalhou: “Para com isso, menina! Aqui [escola] não é lugar de show!”

Naturalmente, depois, a professora explicou para a desconsolada Alegria que nem todos os adultos são assim...

O outro episódio deu-se por ocasião da briga entre o Real Madrid e o Barcelona para ver qual dos dois contrataria o Neymar. Em meio a todas as intrigas de bastidores, o então Presidente do Santos, Luís Álvaro Ribeiro, convenceu Neymar a ficar no Santos (até que pudesse, nos bastidores, fechar com o Barça...), usando um argumento decisivo para lúdicos SP:

Um dos argumentos que usei para convencer o Neymar a ficar foi dizer a ele que lá (em Madri) o Mourinho poderia implicar com o seu cabelo e mandá-lo cortar, e aqui ele deixa o cabelo como quiser.



(<http://www.goal.com/br/news/805/mercado-de-transfer%20C3%A4ncias/2011/11/13/2755187/luis-%20C3%A1lvaro-brinca-e-afirma-mourinho-ia-pedir-para-neymar-cortar-.>)

É a eterna oposição entre a disciplina, a “seriedade”, o comedimento, as regras do SJ x a ludicidade, o hedonismo, a impulsividade SP. Como costumamos fazer em nosso grupo de pesquisas sobre DK, estendemos a tipologia para países e grupos sociais (atendo-nos às *vigencias* de Ortega). Nesse sentido, a cidade de Nápoles é a capital mundial dos SFP, com seu sentido do lúdico, da arte, do ócio criativo, da gastronomia, da exuberante alegria de viver, do “aqui e agora” (o famoso “*carpe diem*” bem poderia ser o lema partenopeu), da “malandragem” etc.

Há um delicioso programa diário da RAI (ao vivo dos estúdios de Nápoles), *Zero e Lode*, que é um *quiz* no qual vence a equipe que der a resposta certa e menos óbvia (em relação a um prévio grupo de controle). O apresentador Alessandro Greco (informal, meio palhaço e animadíssimo, como costumam ser os programas de auditório napolitanos) diverte-se surpreendendo a plateia com perguntas que (frequentemente) manifestam o contraste com o “antagonista”: a seriedade britânica.



Assim, por exemplo, “Segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 gafes, que mais deixam uma pessoa embaraçada?” E, claro, nenhum napolitano, atinou com a resposta *Zero*, a resposta campeã absoluta: chegar atrasado a um encontro!! Do mesmo modo, “segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 coisas, que mais fazem uma pessoa feliz?” E, para assombro do público, “comer bem” não figurava na lista dos (bárbaros) britânicos.

3. O tipo ESFP: o personagem Raymond Barone (da série “Everybody loves Raymond”)

(extraído de: João Sérgio Lauand: “David Keirse e a TV – o caso de Raymond” – International Studies on Law & Education 5, 2010: <http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>)

Neste mês de julho 2010 [mantivemos a data do artigo original], foram lançados na TV brasileira as novas séries “*Men of a certain age*” e “*The Middle*” (ambas já na 2ª. Temporada na TV americana), protagonizadas respectivamente por Ray Romano e Patricia Heaton, astros de “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR), *sitcom* dos anos 90 e 2000, de enorme sucesso e, ainda hoje, exibida todos os dias, em três diferentes horários, no Brasil. Embora Romano e Heaton sejam atores extraordinariamente talentosos, as novas séries não parecem capazes de alcançar os índices de audiência de ELR: penso que um dos segredos do incomparável sucesso de ELR está precisamente na força tipológica de seus personagens.

Neste estudo, a partir dos tipos psicológicos de David Keirse (combinações de I/E, S/N, T/F, J/P), analisaremos alguns aspectos do personagem principal da ELR, visando identificar, em situações de comportamento cotidiano, como age o tipo ESFP (tipo de Raymond) em situações concretas da vida. A tipologia de Keirse é ferramenta útil para a psicologia e para a antropologia com fecundas aplicações para a educação.

É de Heráclito a sábia sentença que afirma que é o mesmo e único o caminho que sobe e o que desce. Os 16 tipos de Keirse são “ideais” (no sentido weberiano) e foram construídos a partir de anos de observação (também profissional); eles nos propiciam importantes informações para a compreensão (no sentido técnico de *verstehen*) dos temperamentos; mas cada tipo só existe, na realidade, encarnado em indivíduos concretos: e é quando “descemos” ao plano concreto que podemos novamente “ascender” ao alcance e significado do plano ideal.

Pense-se, por exemplo, nas potenciais contradições de valores inerentes a cada tipo. Por exemplo, a mãe de Raymond (abrev.: R), Marie (M), é nitidamente ESFJ e, como tal, tem como valores primordiais: o sentido do dever, o cuidado pela família, pelas tradições, pela religião etc. Preocupa-se, portanto, com seu filho Robert, que aos 40 anos continua solteiro, e quer um bom casamento para ele. Como se comportará ela, digamos, quando uma determinada possibilidade de casamento conflitar, digamos, com valores religiosos?

Ou, no nosso caso, do ESFP, como se resolvem na realidade do cotidiano, choques entre valores abstratos do tipo: liberdade, harmonia, impulsividade etc.?

Naturalmente, o tipo de temperamento, mesmo que se dê de modo acentuado, não esgota a realidade do indivíduo; poderíamos compará-lo à mútua atração dos

sexos: é um dado real e importante, mas não determina ou explica a totalidade da conduta de uma pessoa.



Robert, Frank, Debra, Raymond e Marie
(<http://br.canalsony.com/shows/everybody-loves-raymond>)

Assim, a compreensão teórica do ESFP (ou de qualquer outro tipo) está em interação dialética com o modo concreto em que este tipo se dá em Fulano ou Beltrano. E é de grande importância – também heurística – a análise de um personagem de ficção bem construído, como é o caso de R.

O interesse metodológico de ELR reside no fato de ser uma *sitcom* voltada para o cotidiano, que nos oferece 212 episódios (1996-2005), mais de 80 horas de convivência e interação de um nítido e coerente conjunto de personagens, ambientados em situações comuns, que constituem um rico “laboratório” para a compreensão concreta dos tipos de temperamento de Keirse, pois manifestam, de modo vivo e encarnado, suas atitudes e modos de agir. ELR recebeu 13 Emmys (além de 35 indicações para esse prêmio, 6 delas para melhor roteiro). A série encontra-se integralmente disponível em diversos sites da Internet¹¹ e é exibida com sucesso até hoje, nas TVs do Brasil e de todo o mundo.

Os personagens que convivem com Raymond Barone (ESFP) são seus pais Frank (ISTP) e Marie (ESFJ); e Debra (ESTJ), sua esposa (além de Robert, irmão de R; a filha mais velha Ally e os gêmeos Michael e Geoffrey). Trata-se, portanto, de dois casais SJ-SP, o tipo mais comum de casamentos realmente existentes.

Para além das características individuais - advindas de educação, gênero, etnia (os Barone são ítalo-americanos), classe social, geração (na série convivem três gerações), religião, grau de instrução etc. -, este estudo centra-se no concreto dos comportamentos típicos do ESFP.

[...]

Não cabe neste estudo a descrição de todos os 16 tipos; bastar-nos-á apresentarmos algumas das características daquele que analisaremos mais detidamente em nosso trabalho: o ESFP (de Raymond).

O próprio Keirse recorre a personagens ficcionais para exemplificar sua teoria; mas, o faz ocasionalmente, sem aprofundar neste ou naquele personagem. ELR pareceu-nos objeto privilegiado para este estudo: pela própria configuração dos

¹¹Como em: <http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/15rVLBFab699yyTkgZ8ZTw> ou http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/LDqObhq2Dwb6o4F_YCNVSQ ou ainda: <http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/rIRejdHVcOXa6RSQ9OuJ7A>, ou: <http://tv.blinkx.com/show/everybody-loves-raymond/S4RmNGUeMtEGUith5fQBCWRHgBbl4UY0c2OiaA>.

personagens (em geral, nítidos e coerentes tipos keirseyanos); roteiros sugestivos e pela rica variedade de situações vividas pela família nas mais de 80 horas da série, produzida ao longo de 10 anos (1996-2005),

É comum entre roteiristas e diretores de séries e novelas recorrer a teorias da personalidade para criar seus personagens: as 4 protagonistas de *Sex and the City*, por exemplo, correspondem com muita exatidão aos 4 tipos de temperamento de Keirsey: Carrie é a NF; Samantha, a SP; Charlotte, SJ; e Miranda, NT. No caso de ELR, a tipificação também é nítida: Keirsey oferece como exemplo de ISTP o Gal. Patton e Frank Barone (o ISTP de ELR), ao afirmar que não vai ao cinema há anos, diz que a última vez em que o fez foi para assistir ao filme “Patton” e que só voltará às salas de exibição, quando for lançado um “Patton II”.

Raymond como Performer (ESFP)

Destaquemos, neste estudo, um par de características do tipo. Já o primeiro *Please Understand Me* indica dois traços marcantes (aplicáveis perfeitamente a R) do ESFP: sendo extremamente sociável, divertido, charmoso, eletrizante e agradável no convívio (*Performer* é o nome com que Keirsey define o ESFP); é, ao mesmo tempo, o tipo com menor resistência à ansiedade.

Assim, diz Keirsey, que na família, “se houver uma doença ou algum problema, o ESFP pode se tornar impaciente e querer se ausentar” (Keirsey, 1984, p. 198). “A tolerância para com a ansiedade no ESFP é a menor de todos os tipos. E a ansiedade é evitada tentando ignorar o lado negro de uma situação tanto quanto possível” (Keirsey, 1984, p. 198).

Descendo para o concreto, em ELR, o protagonista mostra muito bem esse querer eludir o problema da doença, como em ELR#13, *Debra's sick*. Debra (abrev.: D), Ally e um dos gêmeos, Michael, estão fortemente gripados. R tenta em vão esquivar-se de todas as formas (começa por tentar que sua mãe venha cuidar do problema) e, quando tem que assumir o dever de cuidar dos doentes, não se lembra do nome do pediatra, não sabe onde está seu telefone etc. chegando finalmente, em sua aversão à tarefa, ao extremo caricaturesco de levar Geoffrey em vez de Michael ao médico!

A síndrome do avestruz: evitar a todo custo situações de conflito e tentar ausentar-se quando elas se impõem: ignorar o problema como se com isso ele desaparecesse por si... Em ELR#20, *Neighbors*, quando os vizinhos falam com D que querem uma reunião porque não suportam mais os incômodos que Frank (F) e Marie causam na vizinhança a primeira reação de R é tentar ignorar o problema como se ele não existisse e pensar ingenuamente que pode se recusar a participar da reunião (a mesma resistência ocorre quando há problemas com os filhos na escola, ante perguntas difíceis da pré-adolescente Ally ou em diversas outras situações de dificuldade). Ao começar a reunião, R ao ouvir o primeiro minuto de queixas, diz levianamente que o problema vai se resolver (mas não diz como) e que todos podem ir embora tranquilos. Ante a recusa dos queixosos, que começam a multiplicar as reclamações, R, cada vez mais nervoso, deriva para piadinhas que só fazem exacerbar os ânimos dos vizinhos. R se desespera porque sabe que por trás desse conflito haverá outro: enfrentar seus pais e transmitir-lhes as queixas dos vizinhos.

Mas trata-se, sobretudo, de evitar conflitos de relacionamento. Há todo um episódio dedicado a isso: ELR#20 *T-Ball*. Ally participa de uma versão infantil de baseball, o T-Ball, jogos acompanhados por todas as famílias dos alunos. Cada jogo é um evento e um casal de pais, Brian e sua esposa, se investiram na função de organizar os turnos dos lanches. Brian é o típico burocrata metuculoso e se desentende

com D porque, no dia do rodízio dos Barone, ela levou profusão de salgadinhos e não a lista de produtos ecologicamente corretos que o memorando de Brian indicava aos pais para o lanche. D começa a argumentar que os salgadinhos que trouxera são adequados para o lanche de crianças, mas o irredutível Brian, munido de sua prancheta e formulários, esgrime os memorandos que enviou e sua “autoridade” de coordenador. R vendo que D está se exaltando e que Brian não vai ceder, tenta pôr panos quentes e diz que de fato os salgadinhos não estavam na lista, que na próxima semana trarão o lanche “correto”, chega a pedir desculpas a Brian para pôr um ponto final no assunto. Mas D não aceita: o problema não é o lanche das crianças, mas aceitar as frescuras (freaking out) de um babaca de um maníaco bitolado (uptight, pompous little ass, with that stupid list etc.). Nesse momento, passa Michael correndo nu e Brian pergunta onde é que estão os pais irresponsáveis; R faz um gesto de concordância com o escândalo de Brian (como se Michael não fosse seu filho e compartilhasse o escândalo de Brian). Em casa, R tenta convencer D de que não vale a pena brigar por um lanche e D fica indignada com a falta de senso de dignidade de R (“Why do you need everybody to like you?”) e este acaba concordando em desafiar Brian, não levando lanche na semana seguinte. Mas, na verdade, o que R faz é, no jogo seguinte, levar ocultamente o lanche da lista de Brian (cenoura, rúcula etc...) e, em um momento em que D sai para cuidar das crianças, sorrateiramente R entrega a Brian o pacote. Mas Brian agradece a D e o plano pacifista de R fracassa.

O episódio T Ball registra ainda uma aguda captação do estilo ESFP. Embora gentil ao extremo, o ESFP, como todo SP é marcado pela impulsividade. Essa combinação pode gerar conflitos internos (como em ELR#154 *Sigh*, quando R, numa generosidade impensada e irresponsável, abdica do uso do banheiro do casal, deixando-o só para D e, quando os incômodos de usar o banheiro das crianças tornam-se insuportáveis, tem que voltar atrás, de modo nada gentil). Quando seu pacifismo é desmascarado, R, finalmente, explode e extravasa de modo veemente sua agressividade para com Brian. Na verdade, a quadradice de Brian incomoda muito mais a R do que a D, que, afinal, também é SJ... E nada como o poder de um STJ para fazer um SFP perder a paciência: há dezenas de filmes (Rambo, Patton, muitos westerns etc.) inspirados nesse tipo de conflito: o impedimento da ação (militar, policial etc.) – e a ação é valor supremo para o SP – por entraves burocráticos de chefes SJ.

A explosão de ira do gentil Raymond é só aparentemente surpreendente; na verdade, sua cortesia procede precisamente de apreciar mais a harmonia das relações humanas do que as (por vezes tolas) teimosias dos outros; quando as teimosias burocráticas do SJ inviabilizam o convívio então o SP libera suas energias de ira e investe descontroladamente contra o agressor. Depois da explosão com Brian, em casa, R reflete – com muita agudeza – sobre o fato: “I don’t know what happened out there” “I never go off on people like that” “I’m like a time bomb”.

A perplexidade de R é por saber que sua característica marcante (como ESFP) é a gentileza, a cortesia: “são os mais generosos de todos os tipos e ocupam o segundo lugar em gentileza (superados somente pelos [raros] ISFP)”¹². Uma das manifestações dessa *superior kindness* – não esqueçamos que os ESFP são altamente vulneráveis à sedução psicológica (Keirsey, 1984, p. 198) – é o modo fácil e rápido com que costumam ceder ao outro (Keirsey, 1984, p. 198): vale tudo para evitar uma discussão.

O que é compreensível: afinal, o SFP cede porque não tem o apego aos imperativos do dever (SJ); ou aos da lógica ou racionalidade (NT); ou aos do sentido ontológico (NF); seu imperativo é a alegria na convivência.

¹² Keirsey, site oficial: www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=4&c=performer . Acesso em 15-07-10.

Essas características – junto com outras do ESFP que não cabe analisar neste estudo – tornam perfeitamente natural que todo mundo goste de R e explicam o próprio título da série, *Everybody loves Raymond*, necessariamente um protagonista ESFP...

4. O tipo ISTP: o personagem Frank Barone (da série “Everybody loves Raymond”)

(extraído de: João Sérgio Lauand: “David Keirse e a TV – o caso de Frank” – International Studies on Law & Education 6, 2010: <http://www.hottopos.com/isle6/8JSLau.pdf>)

No número anterior de International Studies on Law and Education, a partir dos tipos psicológicos de David Keirse (combinações de I/E, S/N, T/F, J/P), analisamos alguns aspectos do personagem principal da *sitcom* “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR), visando identificar, em situações de comportamento cotidiano, como age o tipo ESFP (no caso, Raymond) em situações concretas da vida. Aproveitando a mesma matriz teórica, voltamo-nos, neste estudo para um par de características amostrais do ISTP, encarnado no personagem Frank Barone, pai de Raymond em ELR.

[...]

Os personagens que circundam Frank Barone (ISTP) são sua esposa Marie (ESFJ) e seus filhos Robert (que aos 40 anos ainda mora com os pais) e Raymond. Raymond mora com sua esposa Debra (abrev.: D) e seus filhos ainda pequenos - Ally e os gêmeos Michael e Geoffrey - na casa em frente da de Frank (e a comunicação entre as casas é constante e sem cerimônias).

Frank como ISTP (Artisan)

No trato com Marie (M), Raymond (R) e Robert (Rb), e em geral, Frank (F) é o típico durão, teimoso e grosseiro, veterano da guerra da Coréia (assunto recorrente em suas conversas...).

Sempre se acha com razão e nunca pede desculpas. Frank diz tudo o que lhe vem à cabeça (especialmente para agredir verbalmente Marie), vive dizendo palavrões (seu favorito é a exclamação “*Holy Crap!* - equivalente ao nosso: p* m*!”). Frank é aquele que não se lembra de puxar o zíper da braguilha e não se importa de ir buscar o jornal no jardim em cuecas. Machão, homóforo ao extremo, ridiculariza gestos sensíveis (impróprios de machos) de R (ou Rb), chamando-o(s) de Nancy, Shirley ou Mary Alice...

Frank é o homem dos consertos; para ele, chamar um profissional – encanador, eletricista, carpinteiro etc. – é um desperdício de dinheiro; e ele valoriza cada centavo (colecciona cupons de descontos irrisórios, permite-se comer “amostras” no supermercado sem pagar etc.). Tenha-se em conta que essas características, junto com o fato de ser do tipo ISTP devem-se também a fatores como idade, um pai repressor, frustrações profissionais (Frank deixou de trabalhar, mas sem conseguir uma aposentadoria, embora a família não passe por apertos financeiros) etc.

Como pai, Frank encarna o tipo durão: sentimentos e afetos só servem para amolecer e formar “Nancys”. Temperamento marcante, é em torno dele que giram alguns personagens secundários, como os sogros dos filhos, cujos temperamentos estão para contrastar frontalmente com o ISTP Frank. Assim, em certo sentido, junto com Raymond, é seu pai Frank o centro da série, que, nesse recorte, poder-se-ia chamar: “Frank hates Everybody” (de acordo com a fala de Marie para R): “Your father, hates everybody.” (E Frank se defende: “There's only some people I hate. The rest I tolerate... (#160, abrev. para episódio No. 160)

Para o bem e para o mal (no caso, mais para um cômico mal), Frank é uma realização do ISTP, com defeitos literariamente exagerados. A primeira característica que Keirsej aponta do ISTP (no tópico dedicado ao tipo em *Please Understand Me II*) é a extraordinária habilidade no manejo de ferramentas e a magnética atração que sentem por elas. É bem o caso de Frank, que passa o tempo todo de cuecas vendo TV e comendo e não faz absolutamente nada, exceto manejar ferramentas para consertos.

Frank adora ferramentas: também esta boa qualidade é dada ao personagem em dose exagerada, caricaturesca. Aplica-se-lhe à letra, o que Keirsej afirmou do ISTP: “A natureza do ISTP mostra-se mais facilmente no domínio das ferramentas... que os atraem como imãs: eles têm necessidade imperiosa de manejá-las e ferramentas caem em suas mãos buscando uso” também em (1984, pp. 200-201). O aposentado indolente e inútil, incapaz de mover uma palha; de repente, rejuvenesce-se e revigora-se e aplica uma imponente capacidade de trabalho, quando se trata de consertar um chuveiro, ou o piso de uma escada, um fogão etc.

Já na primeira temporada, há um episódio (#20) dedicado a essa paixão. Ray dá de presente ao pai *The big book of hobbies* e Frank, habitualmente decaído e desmotivado, torna-se incrivelmente energizado e – para desespero de todos – instala alarmes para a casa e para os carros, começa a revolucionar os equipamentos das casas, passa dias inteiros em intensa e contínua atividade na garagem etc. São 7:30 da manhã e Frank já está freneticamente manejando suas ferramentas e criticando a inatividade dos outros membros da família!

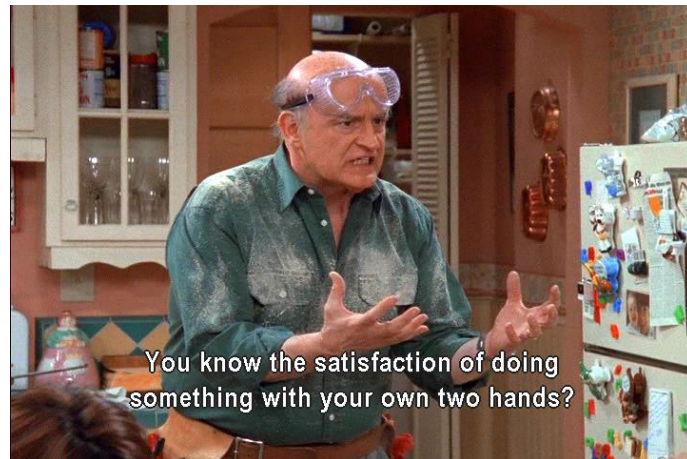
What are you doing in your pajamas?
It's a little early for woodworking, isn't it?
Not for me. I never felt so alive.
You know the satisfaction of doing something with your own two hands?
Debra - I'm imagining it right now.
I love the *Big Book of Hobbies*. The best gift you ever gave me.
Hey, where's the drill?
- In the garage.
- Great, thanks. (e dirige-se à garagem, cantarolando a trilha do filme “Indiana Jones”)

Como explica Keirsej (ainda no tópico *Artisans*) as ações e o manejo destros de ferramentas obedecem ao elemento básico dos SP: o impulso. E prossegue: mais do que um propósito deliberado (ou o desejo de servir etc.); dá-se no ISTP a ação pela ação, sem planejamento; o ISTP se sente feliz quando a ação é espontânea e livre, seguindo sua própria vontade. No caso do ISTP, essa ação pela ação é um absoluto e ele tende a rejeitar veementemente “normas, regras ou leis”. Conclui Keirsej: “Os artesãos podem ser muito insubordinados e consideram que a hierarquia e a autoridade são desnecessárias e até aborrecidas. Não se trata tanto de opor-se aos regulamentos,

mas de ignorá-los e não permitir que atrapalhem nas ações ... Se um programa imposto de fora coincide com seus impulsos, tudo bem; se não, pior para o programa”.



Ally, Frank Debra e Raymond



É o tema conhecido de dezenas de filmes: um ISTP está realizando rápida e eficazmente uma missão (policial, militar etc.); mas por não seguir a cartilha de regras é afastado da missão pela máquina burocrática e, inconformado, tenta dar um jeito de continuar sua ação; a burocracia descobre e pune-o severamente etc. É de um roteiro clássico: quer se trate de Rambo; Nick, o detetive acima da lei; de um Romário (e sua famosa: “Si no salgo por la noche no meto goles”, que lhe valeu a saída do Barcelona); ou do Gal. Patton, o grande herói de Frank.

Frank x Hank: o embate entre o ISTP e o ISTJ

O contraste é fonte poderosa de humor. Para contrastar com a efusividade dos Barone e, especialmente, com as características ISTP de Frank; está o sogro de Robert, Hank MacDougall (que traz a tiracolo sua esposa Pat).

Hank, ISTJ, está posto como antípoda moral de Frank, ISTP. Basta percorrer as características do ISTJ (definido por K como “o Inspetor”) em *Please Understand Me II* para ver quão acertada é a escolha do tipo.

Do ISTJ, diz Keirse, que é sério e escrupuloso; minucioso e detalhista (excelentes como fiscais), legalista, respeitador de hierarquia e autoridades, guardiões

das tradições e instituições, estóicos e nada hedonistas; silenciosos e discretos; sem nenhum brilho no vestir ou no falar: pessoas cinzas! Claro que os ISTJ, como guardiões das tradições, instituições e moralidade, sentem-se atraídos por igrejas e para acentuar o caráter moralista de Hank, ele é presbiteriano rigoroso (o diferencial presbiteriano é a intolerância para com a “imoralidade”), o casal é de um puritanismo à toda prova.

Para o principiante na teoria de Keirsey pode surpreender o antagonismo entre tipos com três características em comum. Mas o próprio Keirsey adverte: “We might think that there would be some resemblance (entre o ISTP) to the ISTJ, having as they do, IST in common. But no, their behavior is antithetical in almost every dimension of comparison” (1984, p. 203)

Como é de esperar, o contato com os Barone e, particularmente com Frank, o ISTP, insubordinado e hedonista, será explosivo. No episódio 161, Rb vai à Pennsylvania pedir a mão de Amy e recebe um sonoro “Não”(porque os Barone são católicos, porque RB e Amy dormiram juntos antes do casamento etc.)

Os Mac Dougall conhecem os Barone (#163, Meeting the Parents) num domingo: chegam de surpresa, da Pennsylvania, ao apartamento de Amy, que tinha preparado um brunch para os restantes Barone (Robert passara a noite no apartamento de Amy). De cara dão com Robert em cuecas.

Frank, que não tem sensibilidade para com as visitas e nenhuma habilidade ou interesse em receber e ser agradável, logo propõe ligarem a televisão; Hank diz que ele e a esposa não gostam de televisão (fonte de imoralidade) e que preferem família e igreja. Hank aproveita e pergunta a Amy se já foi à igreja (é um domingo).



Já está estabelecida a antipatia entre os casais. Naturalmente, o episódio se desenrola com a explicitação das desavenças entre Frank e Hank quase chegando às vias de fato.

Frank: A rapidez da captação do SP

No episódio 169, ocorre uma das mais sutis observações sobre temperamento por parte dos roteiristas, captando uma característica do ESTP, mas que se aplica perfeitamente a Frank (ISTP) e também a todos os SP: a rapidez em captar plenamente uma situação; o que os torna impacientes para os detalhes que o interlocutor desejaria contar porque não acredita na incrível rapidez da captação do SP. Do ESTP, diz Keirsey (1984, p. 196): a extraordinária capacidade de percepção de a mínimos indícios que os deixam “several jumps ahead in anticipation of another’s position”.

Na casa de Ray (ELR 169) está, há dias, uma mala de viagem largada no patamar da escada; a razão é que D e R, de volta de uma viagem, estão em um surdo braço de ferro para ver quem cede e desfaz e guarda a mala.

Rb, entra na casa de R e precisa de uma longa explicação para entender o fato; para o SP Frank, literalmente, basta meia palavra. F chega em casa de Ray, D leva as crianças pela escada e avisa para tomarem cuidado com a mala no patamar e R faz uma cara de descrédito ante teimosia e diz: “essa mala está aí há 3 semanas e...”; F atalha: “Nobody wants to be the one to move it. I gotcha”.

Esse “I gotcha” é uma constante dos STP. Muitos STP queixam-se precisamente disto: de serem considerados levianos por interlocutores (cônjuge, amigos, filhos etc.) de outros temperamentos, quando, por exemplo, lhes pedem conselho e pela rapidez da resposta pensam erradamente que o conselho foi dado de forma irresponsável ou se queixam “ele (o SP) não me deixa falar”. Na verdade, o SP inteirou-se da situação de forma extraordinariamente rápida e toma a decisão (presumivelmente acertada) também de forma surpreendentemente veloz, o que deixa desconcertados sobretudo os SJ.

Essa rapidez procede em boa parte do realismo S preparado para aceitar qualquer fato real (o SJ também é realista S, mas “perde tempo” ponderando sobre os valores do fato).

Com essa fina observação de ELR, concluímos este trabalho, que, a partir de um par de amostras, pretende apontar para o potencial heurístico das obras de ficção para a identificação e análise dos tipos de Keirsey.

Referências

BENTO XVI “São Bento de Núrsia”. Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf Acesso em 16-5-2017.

BRILHANTE, Lucyana do Amaral. “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionísios de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, diss. Mestrado, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: www.jeanlauand.com/Interprete.pdf

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

KEIRSEY, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.

LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

MORIN, Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

MOTHER TERESA of Calcuta *The joy in loving*. N. York: Viking/Penguin, 1997.

Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte II: os 4 tipos SJ

Alexandre Medeiros
Enio Starosky

Resumo: Nas revistas do Cemoroc foram publicados dezenas de artigos sobre a teoria de David Keirsey. Uma das dificuldades encontradas pelos estudiosos de Keirsey é o caráter “ideal” (*Idealtypus*) de seus fatores, temperamentos e tipos. Neste par de estudos, apresentamos uma “galeria” de 8 tipos keirseyanos (os SP e SJ), extraídos desses artigos: pessoas/personagens que podem ajudar a compreender a teoria, discernindo e identificando de modo concreto tipos em personalidades encarnadas. Nesta segunda parte, os 4 tipos SJ.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos. temperamento. temperamentos SJ.

Abstract: The theory of David Keirsey is the subject of many articles in Cemoroc’s journals. From these articles we extracted the present “Gallery of types” (real people/characters), in order to help – in a concrete way – the understanding of Keirsey’s types. This part II is on the four SJ types.

Keywords: David Keirsey. types. temperament. temperament SJ.

Enfrentando a dificuldade de discernir tipos keirseyanos em casos concretos¹³

Uma dificuldade frequente dos estudiosos da tipologia de David Keirsey (abreviaremos por DK) é a de discernir e identificar, nas pessoas, os diversos tipos propostos por DK. E não se trata só de pessoas que não se encaixam perfeitamente neste ou naquele tipo, mas mesmo casos que DK considera claramente como representante de determinado tipo, não encontram unanimidade. Por exemplo, se o próprio DK caracteriza Joana D’Arc como emblemática INFP (Keirsey 1984, p. 176), outros não hesitam em identificá-la como ESTP¹⁴ (!?); o site oficial de DK situa Madre Teresa como primeiro exemplo de ISFJ¹⁵, mas há quem a considere típica INFJ¹⁶.

Pensando em ajudar o estudioso keirseyanos a “visualizar”, de modo concreto e “encarnado”, os diversos tipos da teoria de DK, organizamos a presente “Galeria de Tipos” SP e SJ, recolhendo as análises que, ao longo de anos, pesquisadores do Grupo de Pesquisas – liderado por Jean Lauand – têm apresentado nesta e em outras revistas do Cemoroc – Centro que se distingue também por acolher pesquisas de qualidade sobre a teoria de DK.

Embora cada título se refira a um dos 8 perfis (SP / SJ que somam mais de 80% da população) é claro que cada tipo se esclarece em contraste com outros, de modo que as análises não são necessariamente “estanques”. Esta parte II é dedicada aos 4 tipos SJ; os 4 SP foram apresentados na parte I, nesta mesma edição.

¹³. Esta introdução é comum às 2 partes do estudo. Também mantivemos as mesmas referências bibliográficas.

¹⁴. <https://grottonetwork.com/keep-the-faith/community/catholic-saints-myers-briggs/>. Acesso em 05-05-2021.

¹⁵. <https://keirsey.com/temperament/guardian-protector/>. Acesso em 05-05-2021.

¹⁶. <https://www.16personalities.com/infj-personality>. Acesso em 05-05-2021.

I – Os 4 Tipos SJ: ISTJ, ESTP, ESFP e ISTP

1. O tipo ISTJ em oposição aos (E/I)STP: o *maitre* Fernão, Geraldo Alckmin, O Velho do Restelo x Vasco da Gama.

(extraído de: Jean Lauand e Enio Starosky: “Tipos de David Keirsey - identificando algumas características II” – Revista Internacional d’Humanitats 45, 2019: <http://www.hottopos.com/rih45/123-136JeanEnioKeirsey.pdf>)

O famoso verso de Fernando Pessoa : “Navegar é preciso, viver não é preciso” (precedido de “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:...”) tem seu mais imediato sentido no original latino “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, frase de Pompeu, general romano, aos marinheiros, com medo de viajar para a guerra.

Essa necessidade, esse *must*, indica bem a compulsão dos SP para a ação, no caso de Vasco da Gama, pela aventura portuguesa dos mares.

Dos ESTP (e parece estar falando do Gama, que pode ser também ISTP), diz DK:

Os ESTP sabem usar a informação adquirida, para, ostentando nervos de aço, engajar-se naquilo que os outros considerariam um esforço suicida. Para outros tipos pareceria algo esgotador, mas o ESTP se excita com trabalhar no limite do abismo. Os ESTP são implacáveis pragmáticos e frequentemente apresentam os fins como justificação para os meios, sejam quais forem, que lhes parecem necessários; lamentáveis, talvez, mas necessários. Geralmente, porém, os ESTP nem se preocupam em justificar suas ações; preferindo lançar-se a realizar a próxima ação. (Keirsey 1984, p. 196-197)

Vale rigorosamente também para o “navegar” dos STP, o que DK afirma de outro tipo SP (o artista ISFP):

A ação é quem impera no ISFP [STP] e não o contrário. Assim, devemos abandonar qualquer ideia de dedicação, cuidadoso planejamento ou responsável preparação e ensaio. Não. Eles pintam, cantam, fazem piruetas, dançam, correm, patinam ou seja lá o que for, simplesmente porque *they must*. A montanha é escalada porque ela está aí! (Keirsey 1984, p. 204)

Com isto, demos com a chave da aventura marítima portuguesa e do próprio Vasco da Gama: o imperativo do impulso da ação: navegar é preciso!

Claro que para efeitos épicos, Camões começa *Os Lusíadas* falando de edificar “Novo Reino” e de dilatar a Fé e o Império etc. São os tais “fins”, as justificações de que DK falava acima, mas o que os move, em última instância é a

ação. Como bom ESTP, Donald Trump expressou isto de maneira categórica: “Eu não faço negócios pelo dinheiro. Dinheiro, eu já tenho de sobra. *I do it to do it*”¹⁷

Essa compulsão da ação é parte da suspeita com que o SJ encara o SP; a praia dos SJ é a segurança. Se procurarmos as expressões dos tipos nos provérbios, a quase totalidade deles são dos SJ e SP, os realistas. O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apega à experiência) pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

Os SJ dirão: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. De grão em grão a galinha enche o papo. Um homem prevenido vale por dois. Devagar e sempre. Pense duas vezes antes de agir. O seguro morreu de velho. Como está o mundo, aonde vamos parar! A pressa é inimiga da perfeição. Quem espera sempre alcança. Deus ajuda quem cedo madruga.

O SP prefere outras expressões e provérbios como: Quem não arrisca, não petisca. O que não mata, engorda. *Carpe diem* (curta o momento). Mais vale um gosto do que seis vinténs. Quem não tem cão caça com gato. O amor é eterno, enquanto dura... Águas passadas não movem moinhos. *Bis dat qui cito dat* (só dá de verdade quem dá rapidamente). É agora ou nunca. Demorou! E, é claro: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Em meio à toda a celebração épica do heróico Vasco, a genialidade de Camões introduz nos Lusíadas um personagem de contraponto, o Velho do Restelo, que pretende desmascarar toda aquela “glória”, a (pseudo) motivação de dilatar a Fé e o Império e mostrar a **realidade** da aventura. Atrevemo-nos a qualificar o Velho do Restelo como ISTJ, porque esse é o tipo mais refratário à mudança e à aventura e o mais preocupado com os perigos que ameaçam desestruturar a nação, a família, a religião, a sociedade, as instituições, a civilização etc. (Keirse 1984, p. 189) São aqueles tios conservadores, super formais, sempre de terno (cinza) e que vêm na gíria ou na música apreciada pelos jovens, ou numa saia mais curta, praticamente sinais apocalípticos: “É o fim do mundo!”. “No meu tempo, sim, havia respeito...”

Cabe aqui o relato de um caso com um ISTJ (desses de alma grandiosa), Fernão (chamemo-lo assim...), muito amigo nosso, *maitre* de um grande restaurante em São Paulo. Para se ter ideia da ISTJice dele, uma vez confidenciou-nos da saudade viva, mesmo décadas depois, que sentia do seu tempo de exército: “Aquilo era uma maravilha, tínhamos o RDE (Regulamento Disciplinar do Exército), contendo regras para tudo, regras e mais regras...”. E em seu restaurante ele tinha que pacientemente ensinar às suas dezenas de subordinados até as normas mais elementares. Ele que é um profissional insuperável, capaz de perceber a menor falha no bom atendimento das centenas de clientes que lotam a casa. Enfim, o Fernão não fica nada a dever ao *maitre* do palácio de Buckinghham. Mas, claro, esse seu trabalho importantíssimo permanece invisível.

Dezembro de 2011, meu irmão [de JL], João Sérgio, tinha acabado de defender seu doutorado sobre DK na Feusp e calhou de, na véspera de Natal, estarmos ambos sós em São Paulo e resolvemos passar a Ceia do dia 24 no restaurante do Fernão. Naturalmente, falamos de seu doutorado, ainda fresco, e de como o Fernão era um ISTJ chapado. Conversa vai, conversa vem, propus ao João uma aposta: se eu conseguisse fazer o Fernão chorar, ele pagaria a conta. Claro que nunca usei meus (parcos) conhecimentos de DK para manipular ninguém: tratava-se de comover às lágrimas o Fernão, por gratidão sinceríssima e verdadeira.

¹⁷. Cit. in Trump - <https://www.idrlabs.com/estp.php>

Como abalar o todo certinho e (aparentemente) blindado a sentimentos ISTJ? Lembrei dos ensinamentos de DK: que os SJ, e mais ainda os ISTJ, se ressentem de que seu trabalho, importantíssimo, raramente é reconhecido, dá-se por assente que o SJ, com sua vocação de cuidar, tem mais é que prestar seus serviços mesmo. E que o ISTJ, como todos os SJ, preza datas, comemorações, tradições, reuniões de família (especialmente o Natal!) etc.

Lá pelas tantas chamei o Fernão e disse: “Não, não está faltando nada, está tudo ótimo. Eu só queria dizer que estamos todos nós aqui, famílias inteiras, passando um Natal maravilhoso e ninguém repara que isto só é possível porque, você, Fernão, para prestar-nos esse precioso serviço, renunciou ao seu próprio Natal, ao convívio com a família da qual você é o patriarca, à companhia de filhos e netos, numa data como a de hoje e eu não queria que esta noite acabasse sem que você ouvisse o nosso: muito, muito obrigado, Fernão!”.

O Fernão ouviu, não respondeu nada e retirou-se. O João já estava comemorando e ia pedir champanhe por minha conta (já que ele achava que tinha ganhado a aposta), quando volta o Fernão, acompanhado do dono do restaurante e de 3 ou 4 colegas gerentes, choroso de emoção e dizendo-me: “Por favor, repita... repita para eles o que o senhor me disse agora há pouco”. Eu, claro, repeti, também muito emocionado pelo bem que tinha feito ao amigo, e ao final, recompus-me e disse: “Ah, sim, Fernão, por favor, vê uma garrafa de champanhe para nós!”

Se os ISTJ tendem a nunca aparecer (por mais que seu trabalho seja importante), os ESTP agitam e brilham (em alguns casos até com o esforço de outros...). DK reiteradamente fala do pouco reconhecimento que se presta aos SJ (seu serviço é *taken for granted*) e da mágoa que isso pode lhes causar. Isso é reproduzido em uma postagem do Facebook do ISTJ Geraldo Alckmin:



Escrevemos este artigo em pleno processo eleitoral. O jornalista Otávio Guedes, no programa “Globo News em Ponto” de 30-08-18, logo após as entrevistas dos candidatos à presidência da República ESTP, Ciro Gomes (27-08) e Bolsonaro (28-08), e do ISTJ Alckmin (29-08); a propósito do estilo inosso deste, o famoso “picolé de chuchu” (José Simão), em comparação com o dos citados ESTP, ponderou:

Não basta você ter uma boa proposta; é preciso que o eleitor entenda a boa proposta (...). Por exemplo você pode dizer: “Eu vou aquecer a economia, atacando o problema da inadimplência das famílias”; outra coisa é dizer: “Vou tirar seu nome do SPC” – mensagem clara, curta, objetiva, que está falando a mesma coisa. Você pode dizer o seguinte:

“Vou dar garantias jurídicas aos agentes em caso de ações que resultem em letalidade por parte do policial”. Ou você pode dizer: “Eu vou prestigiar o policial que der trinta tiros no bandido.” [...] (<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6983962/>)

Ainda Vasco da Gama e o Velho do Restelo

Voltemos ao Velho de Camões. No Restelo, em Lisboa, está a região do embarque dos navegadores (ainda hoje margeada pela Avenida das Descobertas e pela Avenida Dom Vasco da Gama). No canto IV, o Gama em primeira pessoa, narra o embarque. É um momento dramático, toda a cidade concorre para o evento, os marinheiros (acompanhados de multidão de religiosos) vão em procissão para os batéis (IV, 88). Mães, esposas e irmãs na extrema aflição da possível (ou até provável) morte dos seus amados (IV, 89 e ss.). Como por exemplo, a queixa da mãe:

Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento! (IV, 90)

Mas como navegar é preciso, “o forte Capitão” dá ordem de que ninguém se despeça, nem olhe para trás:

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa. (IV, 93)

Neste momento, surge o Velho do Restelo, um ISTJ, de quem o gênio de Camões diz que seu “saber (é) só de experiências feito”, tirado do “experto (experiente) peito” e vai atinar com as verdadeiras motivações de nosso STP, a compulsão da ação – “dura inquietação d’alma e da vida (IV, 96) – para a glória das batalhas, em sentido próprio e também a batalha que era a navegação naquele tempo:

Glória é um conceito que os ISTP entendem melhor do que os outros tipos. Ou, pelo menos, o ISTP está mais interessado nela do que a maioria. Na batalha há glória porque na batalha podem exercitar, com aprovação, sua habilidade mortífera.

Enquanto embarcam, surge o Velho:

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,

A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito: (IV, 94)

Nas estrofes seguintes (94 a 104), o Velho despeja longamente suas críticas e maldições aos aventureiros do mar:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas! (IV, 94)

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo di[g]na de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana! (IV, 95)

Etc. Etc.

Nem o Gama nem Camões contestam o “velho honrado” em suas críticas e o canto seguinte começa com a conclusão do episódio: simplesmente deixando-o para trás:

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: "Boa viagem", logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento. (V, 1)

1a. Ainda o ISTJ x ISFP: Dom João Mehlmann, Bento XVI, São Francisco x São Bento

(extraído de: Jean Lauand, Enio Starosky e Sylvio Horta: “Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses” – International Studies on law and Education 28, 2018: <http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>)

O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.

Feitas todas as ressalvas ao procedimento tipológico, é necessário acrescentar que cada indivíduo, por mais que possa se enquadrar em um determinado tipo psicológico, mantém sua individualidade, na qual ocupam seu lugar os fatores complementares (em um sujeito no qual predomine fortemente, digamos, o T, sempre tem, em alguma medida, o F; como um jogador destro de vez em quando deve chutar com a esquerda...) e outras características que transcendem o âmbito dos tipos: sempre insisto em que se há, por exemplo, grandiosidade (e generosidade etc.) todos os tipos são deliciosos e trazem importante contribuição específica para o convívio.

No começo dos anos 80, duas razões me [autor JL] levaram a procurar o Dr. D. João Mehlmann, um ilustre beneditino do Mosteiro de São Bento: eu estava elaborando meu doutorado sobre o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper e – segunda razão – eu tinha sido encarregado de lecionar Idade Média na Feusp (naqueles saudosos tempos, a História da Educação Medieval, disciplina obrigatória, ocupava um semestre inteiro de 4h/aula por semana!!) e, nos dois casos, sua ajuda foi decisiva: o mosteiro dispunha de livros e artigos de revistas raros e antigos sobre Pieper (que ninguém mais no Brasil possuía) e para um jovem de 30 anos (na época, os estudos medievais eram incipientes entre nós) era imprescindível a ajuda de um mestre como D. João.

Evoco a sua figura pois é muito melhor do ponto de vista didático nos atermos ao concreto – não por acaso *enseñar* em espanhol significa também mostrar – no caso, uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos (ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Para as recordações que se seguem, recorrerei ao artigo em homenagem a Dom João, que publiquei no Estadão (Lauand 1988) e a entrevista que concedi a Roberto Castro (2009).

Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor dos amigos que frequentavam sua cela no mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*.

Suas raras saídas limitavam-se a uma ou outra conferência na USP ou a participação em bancas também na USP, como a de meu doutorado em 1986. Sempre que uma tese envolvia assuntos de antiguidade para os quais não havia especialistas, D. João era convocado. Entre os interlocutores que o visitavam no mosteiro, recordo os professores da USP: Ruy Afonso da Costa Nunes, Isaac Nicolau Salum, Nachmann Falbel e Helmi Nasr.

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é

considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média, e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”.

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena estudar”.

Dom João, como bom SJ, prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela foi interrompida por um monge que lhe trouxe a bandeja do almoço. “– Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]”. Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio, Dom Irineu – mas *agora* eles continuam Valdisnei mesmo”. O seu “agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura. Claro que, para Dom João, o “agora” incluía novas teologias que, no fundo – em seu acentuado lado S – simplesmente escondiam desordenados desejos carnisais.

São Bento e os SJ: a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “- Nós estamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de ele morrer, fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me um livro (o que não era permitido) raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para

a cela, ele falou-me energicamente: “- Ô, camufla!”. “- ?!?””. Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de ajuntar os livros remanescentes...

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente foi extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro, que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que o (acentuadamente) ISTJ Joseph Ratzinger, tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente.

São Bento de Núrsia

Queridos irmãos e irmãs!

Gostaria hoje de falar de São Bento, Fundador do monaquismo ocidental, e também Padroeiro do meu pontificado. (...)

São Bento de Núrsia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia. (...) O contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como "astro luminoso", [seu biógrafo e quase contemporâneo, o papa] Gregório queria indicar nesta situação atormentada, precisamente aqui nesta cidade de Roma, a saída da "noite escura da história" (cf. João Paulo II, *Insegnamenti*, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a sua *Regra* revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o rosto da Europa, suscitando depois da queda da unidade política criada pelo império romano uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos "Europa". (...) Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (Regra 5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a Regra dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira auto-realização como criatura à imagem e semelhança de Deus. (...) Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra* para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, econômicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São Bento como uma luz para o nosso

caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro. (Bento XVI, 2008)

O que ressalta é a afinidade dos SJ – e particularmente dos ISTJ – com o carisma beneditino. Keirsey diz que os ISTJ são “os guardiães das instituições tradicionais” (1990, p. 216), ficam “muito inquietos com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir” (1990, p. 216), “transmitem uma mensagem de formalidade e estabilidade” (1990, p. 217), primam “pela paciência em seu trabalho” (1990, p. 217), são os mais sérios e detalhistas em inspecionar se está tudo em ordem na instituição (1988, p. 107), especialmente “preocupados com moralidade” (1988, p. 107), são confiáveis, voltados para o passado, prezam autoridade e *belonging* (1988, p. 107), “tendem a se envolver em organizações de serviço à comunidade que transmitam valores tradicionais aos jovens, tais como Escola Dominical, Escoteiros etc. (1988, p. 108). Etc.

O oposto ao ISTJ: Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.

Antes de falar de São Francisco como ISFP, é importante rever brevemente as preferências F / T; para isso tomo a liberdade de copiar um par de parágrafos do referido artigo anterior.

F / T referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T. Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”.

Evidentemente, para as religiões – e para a vida em geral – são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, o papa Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e no recente Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”.

O SP, embora compartilhe com o SJ o fator S, é-lhe notadamente oposto.

Se o SJ é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização; o SP é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico e não liga muito para hierarquias e instituições. Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (o chato de galocha); o SJ queixa-se do SP, como uma vez ouvi em um diálogo desses dois S: “Pôxa, parece que para você as regras e leis foram feitas para serem infringidas...”

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, “c’um saber só de experiências feito” (IV, 94), maldizendo e denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama, movido por impulso de aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirse coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (Keirse 1990, p. 235) e efetivamente as características desse tipo realizam-se no *Poverello*.

“Embora todos os SP sejam artesãos por natureza, não praticam sua habilidade com a mesma devoção à graça e ao adorno como o ISFP. Por alguma razão o ISFP parece mais inclinado às ‘belas artes’ do que os outros SP” (Keirse 1990, p. 233). “São tão hedonistas e impulsivos como os demais SP (...) não planejam nem preparam. Submersão na sua arte não é preparação para algo que farão mais tarde; é antes o experimentar intensamente esse momento. Os ISFP não esperam, porque esperar é ver seu impulso murchar e morrer” (1990, p. 234).

Pela sua ligação com o concreto específico (cor, no caso do pintor; som, no do músico; etc.) o ISFP é quem está mais fortemente ligado à realidade (no caso do ISTP, temos a mediação de algum instrumento ou ferramenta). Sendo “de longe o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos” (1990, p. 235), o ISFP é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de Keirse (1990, p. 236) que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

Podemos hallar en muchos ISFP un deseo instintivo por la naturaleza, lo pastoral y lo bucólico. Se sienten en casa cuando se encuentran en medio de la naturaleza y esta parece darles la bienvenida. Algunos saben tratar de un modo especial a los animales, incluso a los animales salvajes. Parece como si hubiera un lazo común de mutua simpatía y

confiança. Em alguns casos, ese mesmo lazo aparece entre los ISFP y los niños pequeños de un modo instantáneo sin planearse.

O que vimos sobre os SP e, em particular, sobre o ISFP, relaciona-se com São Francisco. Se o SJ São Bento foi glorioso pela sua Regra; São Francisco, por não querer regra nenhuma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* – seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino; Francisco prefere a vida à intelectualização. Sua compaixão para com os pobres e doentes. O senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio. Seu amor à natureza e aos animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este leva Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946 consagrou Tonico e Tinoco e, 50 anos depois, sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento:

A jangada saiu
Com Chico Ferreira e Bento
A jangada voltou só

Na mesma linha, a da necessidade de individualizar cada Francisco, Bento presta-se a esse fator de determinação secundária no famoso personagem de Maurício: Chico Bento.



Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin Hood).

Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Na vida de Francisco encontramos um famosíssimo gesto impulsivo (típico de SP): para expressar seu desprendimento dos bens materiais, ficou nu em praça pública,

afrontando as ameaças do pai, rico comerciante de tecidos. Algumas más línguas eclesiásticas (confidencialmente, é claro) admitem a hipótese de que o antigo emblema dos franciscanos, com dois braços em cruz, seria na verdade o gesto, em versão estilizada, “*dell’ombrello*” (dobrar o braço com a mão fechada, apoiada no cotovelo), que em Portugal, segundo Câmara Cascudo (2012, verb. “Dar Banana!”) se chama eufemisticamente: “apresentar as armas de São Francisco”! Essa teria sido a resposta gestual de Francisco à pergunta do pai sobre que destino dar – já que o filho não se interessava – a seus ricos tecidos... Não sabemos como realmente as coisas se passaram, mas o gesto não é simplesmente impensável para nosso SP (mesmo que santo). Naturalmente, os mais “devotos” sempre preferirão a interpretação pia:



<http://slideplayer.es/slide/1033678/>

Para finalizar esta parte, recordemos alguns pontos do livro clássico de Gilberto Freyre (1959), quase totalmente dedicado a expor a enorme contribuição (embora muito menos documentada do que a de outras ordens) da energia criadora dos franciscanos para a identidade brasileira:

- a presença franciscana na paisagem, na vida na cultura do Brasil inteiro é uma das constantes do modo brasileiro de ser (p. 15)

- o franciscano, aberto aos valores de outros povos e civilizações, opõe-se ao risco de confundir o cristianismo com a civilização europeia (pp. 19 e ss.). O franciscanismo, a difícil arte das relações de europeus com não europeus, fomenta a variedade de vozes dentro da unidade cristã. Variedade de vozes, de artes, de gostos, de danças, de alimentos, de estilos de arquitetura, contanto que sejam todos valores a serviço do Homem e, quando acrescentados às tradições europeias da Igreja, a serviço do cristianismo (p. 68).

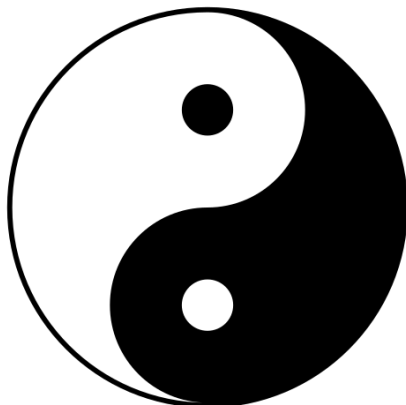
- Essa abertura liga-se ao nominalismo, filosofia desenvolvida pelos franciscanos, que opõe o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal (pp. 71 e ss.).

- “admiramos no franciscanismo, além de sua eterna mocidade de espírito, seu caráter socialmente democrático (...), sua identificação antes com a gente simples que com a sofisticada, sua indiferença aos títulos e aos bens chamados do mundo, sua exaltação do que no homem é autêntico e do que na inteligência e no saber dos homens é genuíno” (p. 35). Etc.

2. O ISFJ (e uma possível disfunção) : o Urso (da Masha), Me. Teresa de Calcutá

(extraído de: Chie Hirose e Enio Starosky: “Keirsey, tradicionalismo religioso e educação – o fator T” – Notandum 48, 2018: <http://www.hottopos.com/notand48/143-150ChieEnioDK.pdf>)

(...) Essa aguda colocação de Tomás – sobre a necessária complementação e harmonização entre fatores opostos – vem ao encontro da, também muito feliz, observação de Edgar Morin (2002, p. 53), a propósito do símbolo da doutrina de Lao Tsé:



Escolho esse símbolo porque ele exprime para mim o mais profundo, a impossibilidade de desunir duas ideias contrárias. [...] O que é interessante é que eles são não só complementares, mas que um *está* dentro do outro.

Morin lembra também Heráclito:

Reencontramos Heráclito que dizia: “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome”. Com efeito, Heráclito é o pensador típico da união dos contrários. (p. 54).

O que poderíamos, para a oposição de que nos ocupamos, complementar dizendo: “e também amor e justiça, fator F e fator T”. A verdadeira convivência humana se dá na harmonização dos contrários, também no importante âmbito dos temperamentos.

Voltemos às análises de Keirsey: para ele o par F x T é o único para o qual (Keirsey 1990, p. 23) se registra uma distinção de incidência em nossa sociedade: 60% dos homens têm a preferência T e 60% das mulheres a preferência F.

As pessoas que usam a preferência F como base de suas decisões manifestam por vezes que o grupo T são pessoas “sem coração”, “insensíveis”, “frias”, “inacessíveis”, “intelectos que carecem do leite da bondade humana”, “gente que tem gelo nas veias”. Por outro lado, os que se inclinam por decisões impessoais (T) por vezes comentam que o grupo F são pessoas “sem firmeza”, “demasiadamente emotivas”, “sem lógica”, “manteiga derretida” e “coração mole, de gelatina”.

[...]

Uma possível distorção, envolve a disfunção do fator F, como no caso tratado no livro *O Grande Abismo*, de C. S. Lewis.

Nele, algumas pessoas, que acabaram de morrer, são submetidas a um juízo para decidir seu destino eterno: se querem realmente ir para a união com Deus. No capítulo XI, apresenta-se o caso de Pamela, a mãe que tudo o que quer é rever seu filho, que morreu antes dela e já está com Deus. O anjo que dialoga com os recém-chegados tenta convencê-la de que é necessário amar a Deus. Ela se declara disposta a aceitar o que for necessário (“quanto antes, melhor”) para a única coisa que lhe importa: estar com seu filho. O anjo explica que assim não é possível: Deus não pode ser um meio para alcançar seu objetivo: ela teria que desejar a Deus por si mesmo. Ante essa intransponível dificuldade, a mãe termina por afirmar que seria perfeitamente feliz, mesmo no inferno, desde que pudesse estar com seu amado filho...

Sempre que se fala em tipos psicológicos é necessário relembrar que eles são em si “neutros” – como o são também a atração sexual, a lateralidade dominante (destra ou canhota) etc. –; não é superior (em termos de ética, dignidade etc.) este ou aquele tipo: a ética está nas escolhas do indivíduo.

É o que vemos no desenho russo dos estúdios Animaccord, *Masha e o Urso*, de imenso sucesso mundial (no youtube há episódios com bilhões de visualizações!). A genialidade do enredo está em vestir os personagens centrais (de um conto tradicional do folclore russo) como uma acentuada ESTP (a travessa menininha Masha) e seu amigo Urso, um ISFJ cabal.

Assim, o Urso ao longo das dezenas de episódios (transmitidos no Brasil pela TV Cultura, SBT, Boomerang e Cartoon Network) cumpre exemplarmente seu papel de protetor, educador, companheiro e, sobretudo, como cuidador (ISFJ).

Em distintos episódios, o Urso cria uma escolinha só para Masha, alimenta-a, pacientemente ensina-a a tocar piano, afasta-a dos perigos etc. Ambos são imensamente felizes nessa relação.



O episódio 52, episódio final da segunda temporada do desenho (<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>) – “Te vejo depois” – traz um dilema semelhante ao da Pamela de Lewis. Chegou a hora de Masha, já crescadinha, deixar o rincão siberiano para ir para Moscou com sua priminha. Há um jantar de despedida na casa do Urso e todos estão tristes pois Masha é (era...) a alegria da turminha. Ela fica para dormir na casa do amigão, mas o Urso, deprimido e insone, não consegue imaginar sua vida sem ter de cuidar da pequerrucha. Então, em um primeiro momento, sucumbe à tentação de sabotar a partida de Masha e chega a

atrasar o despertador para que ela perca o trem. Mas, depois, dá-se conta de seu egoísmo e se penitencia, levando a menina, à toda velocidade, até o trem.



Tendo partido o trem, o Urso, após um momento de desconsolo, nota que a porquinha da Masha está precisando de seus cuidados e, um minuto depois, já está feliz novamente, brincando com sua nova “afilhada”.

Quando tudo corre bem, o fator F é responsável por maravilhosas iniciativas religiosas, como a incrível vocação de serviço de uma Madre Teresa de Calcutá, a grande santa ISFJ, de quem o Papa Francisco, na cerimônia de sua canonização, fez notar que (o português é uma rara língua na qual a acumulação semântica Mãe/Madre não funciona) o povo não a chama de Santa Teresa, mas *Madre*, mãe.

Ela mesma conta o caso, acentuadamente F, de profunda *sym-pathia* (compartilhar o sofrer), transcendendo os ódios entre hindus e muçulmanos na Índia:

Nunca esquecerei a noite em que um homem veio à nossa casa para contar-nos o caso de uma família hindu de oito filhos. Não comiam há vários dias. Pedia-nos que fizéssemos algo por eles, de modo que tomei um pouco de arroz e fui vê-los. Vi como brilhavam os olhos das crianças por causa da fome. A mãe tomou o arroz de minhas mãos dividiu-o em duas partes e saiu. Quando regressou, perguntei-lhe aonde tinha ido. Respondeu-me: "Eles também têm fome". Ela sabia que os vizinhos da porta ao lado, muçulmanos, tinham fome. Fiquei mais surpresa por ela saber do que pela ação em si mesma. Em geral, quando sofremos e quando nos encontramos em uma grave necessidade não pensamos nos demais. Aquela mulher, em seu terrível sofrimento físico, sabia que a família vizinha também estava com fome (Mother Teresa 1997, p. 337-8)

3. ESFJ: a personagem Marie Barone de “Everybody Loves Raymond” (ELR)

(extraído de: João Sérgio Lauand: “David Keirse e a SJ Marie Barone” – Notandum 23, 2010: <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf>)

Um fato relevante para a compreensão da situação de nossa personagem é o de que o casal Raymond (R) e Debra (D) moram na casa em frente da dos pais de Raymond, Marie (M) e Frank (F) (e o irmão Robert, embora já com seus trinta e tantos

anos, mora com os pais na maior parte dos episódios). As portas não ficam trancadas e os sogros adentram quando bem entendem (e muito frequentemente) a casa de Debra.

Nunca é demais insistir no fato de que os temperamentos em si não são objeto de avaliação moral; um temperamento não é melhor nem pior do que outro: é a pessoa que é santa ou pecadora; generosa ou mesquinha; solidária ou egoísta etc. em qualquer um dos 4 temperamentos ou dos 16 tipos. O temperamento é uma base para as escolhas morais pessoais. Embora, naturalmente, essa base pode, em cada caso, configurar certos defeitos ou modos do defeito “adequados” a cada tipo. Assim, por exemplo, se a impulsividade, própria dos SP é, dentro de certos limites, uma qualidade positiva; a impulsividade exagerada – que contemplamos no artigo dedicado a Frank Barone – é defeito, passível de ser explorado no roteiro.

Assim também os defeitos de Marie, acentuados para efeitos de comédia, não ofuscam o seu temperamento, pelo contrário assentam-se no modo ESFJ; embora, essas mesmas qualidades, em dose normal, sejam positivas. Normais ou exageradas as características do ESFJ se realizam muito bem em Marie. Como as qualidades desse tipo apresentadas em Keirsey (1984, pp. 192-194): sendo os mais sociáveis de todos os tipos, os ESFJ são os principais fomentadores, *nurturers* das instituições (igrejas, escolas etc.), a começar pelo lar, evidentemente. Sempre atentos às necessidades dos demais, procuram que todos estejam bem e integrados, e Keirsey os intitula (1988, p. 110) *providers*.

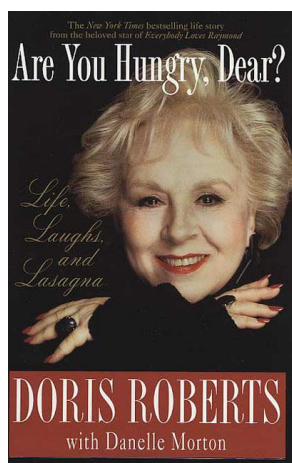
Evidentemente, quando os criadores dos personagens querem criar uma mãe (e sogra que mora em frente!) super-protetora, controladora e invasiva, não há dúvida, que deva ser uma ESFJ:

These Providers take their role as family provider seriously, in both material and a moral sense. They provide a sound and safe home, good food, nice clothes, and a store of possessions. But they are also conscientious about home responsibilities, are orderly about the house, and prefer the other family members be the same. In addition, they have a strong set of values with clear shoulds and shouldn'ts, which they expect their family to abide by. Providers want family decisions settled quickly and with little fuss, and they want family living regularly scheduled and correctly executed. They do not rebel against routine operations, are devoted to the traditional values of home and hearth, and are the most sympathetic of all the types. (Keirsey 1988, p. 112)



Se Marie é extremamente cuidadosa e eficiente na limpeza, arranjo e ordem do lar, é na cozinha que sua excelência se torna incomparável e é sua principal arma de controle sobre o marido e os filhos. Quando a atriz Doris Roberts lança sua autobiografia, o título é precisamente: “Are you hungry, dear?”, o bordão da

personagem, invariavelmente repetido como saudação a cada vez que Raymond entra na casa dos pais (muitas vezes, atraído precisamente pela comida preparada pela mãe).



Essa excelência como *provider* do lar é usada por Marie para legitimar os atropelos sobre o espaço da nora Debra, que por mais que se esforce, é incapaz de cozinhar e não é páreo para Marie no que diz respeito ao cuidado da casa. É frequente vermos a sogra Marie (sem pedir licença) limpar a geladeira de Debra, (re-)lavar as roupas dos gêmeos, (re-)dobrar as camisas, levar jantares de surpresa para a casa da nora (e removendo o jantar já servido por Debra) etc.

As tensões familiares que alimentam a série ELR são asseguradas pela construção da personagem Debra, também como SJ (ESTJ) e ciosa de seus deveres de dona de casa, que se enfurece ante a incontestável superioridade das qualidades da sogra. Qualidades que constituem o próprio eixo da personalidade do ESFJ:

They need to be needed, loved, and appreciated and may spend much energy reassuring themselves that this is the case. They can become melancholy and depressed and even suicidal if they take the blame for whatever might be wrong in their institution or their personal relationships – as they are prone to do. (Keirse 1984, p. 193)

***The Shower*, episódio 21 da 7ª. temporada**

Há sequências nesse episódio que resumem essas qualidades de Marie, além de outras, como esta que Keirse atribui às ESFJ:

“They enjoy the rituals connected with serving of good food and beverages, thrive on festive occasions” (Keirse 1984, p. 193)

Nesse antológico episódio, Debra, encarregando-se de tudo, promove um chá de cozinha no apartamento de Amy, que vai se casar com Robert. Marie, ciente de sua superioridade, mesmo sabendo que é Debra quem está dando a festa, não tem a menor preocupação em atropelar publicamente a nora:

Debra: (com a bandeja entre as convidadas) Okay, everybody, who wants a pizza bagel?

[Judy, a parceira durona de Robert na polícia (uma ESTP com “espontaneidade” rude), serve-se de diversos pedaços da mini-pizza]

Judy: All right, pizza bagels!

[De repente, surge Marie, que preparou os mais refinados aperitivos italianos]

Marie: And I made prosciutto e melone.

Judy: All right, prosciutto e melone!

Debra: Marie, I told you I was taking care of the food.

Marie: (ignorando Debra) I know, dear. Oh, save room, everyone. I also have insalata caprese.

Judy: Oh, insalata caprese! (devolvendo as mini pizzas de D) Sorry.



Marie: (oferecendo de sua bandeja para Debra) Don't eat that. Have one of these.

Debra: (contendo a raiva) Marie, you know, I've been planning this shower for weeks. I'm the matron - I'm the shower thrower.

Marie: Of course, dear, but it's only natural for me to want my new daughter-in-law to have the finest Italian appetizers.

Debra: I've got it covered, okay?

Marie: Oh. Oh, I know what's bothering you. Don't worry. I'll always have plenty of time for my old daughter-in-law.

(...) [Marie continua alfinetando Debra quanto à qualidade e a animação da festa... e assumindo faticamente o posto de organizadora]

Marie: Oh, I know - bridal bingo.

Debra: No, that's for later, Marie.

Marie: Well, I'll just help get them ready.

Debra: Marie, I said no. (...) Are you not getting it, Marie?

Marie: I'm just trying to help.

Debra: I don't need your help. I know you think I can't survive without you, but I can. I don't need you!

[Debra acaba de atingir o ponto mais sensível de Marie como ESFJ]



[Marie, retira-se visivelmente ofendida]

Marie: Excuse me, everyone. I just would like to say my goodbyes.

Pat: Don't go, Marie.

Marie: Oh, that's all right. It was wonderful seeing you again. And, Amy, I love you. Have a wonderful party. Good night, everyone.

As cenas seguintes desse nosso episódio também trarão significativas tiradas sobre Marie. A partir da apreensão da carteira de motorista de Debra. Aborrecida com o fato de Marie ter estragado sua festa, bebe um pouco demais, estaciona na rua e cochila no carro, e é abordada por um policial (em Nova York, se a chave estiver no contato, mesmo com o carro estacionado, o motorista pode ser submetido ao bafômetro e autuado) e tem sua carteira retida por um mês.

Mas antes, explicitemos brevemente outras características de Marie.

Marie sempre informada de tudo (“ESFJs show a delightful fascination with gossip... and they're happy to fill us in on all the details” – Keirsey 1988, p. 111) aproveita para aplicar suas técnicas de controle e “enquadramento”: afirmar negando ou perguntando; falando “genericamente” de pontos concretos; desfazendo sutilmente formulações atenuantes etc.) e sobretudo para recuperar seu ponto mais essencial: “to be needed”.

Claro que Marie nunca se considerará uma fofoqueira, mas simplesmente uma boa mãe. E como os filhos, mesmo na casa dos 40, são sempre considerados “menores de idade” e (como os familiares em geral) incapazes, ela se considera responsável (e não esqueçamos que a responsabilidade é o valor supremo para os SJ) e deve exercer vigilância, mesmo que implique em invasão de privacidade: “A good mother checks”, responde ela no episódio 57 a um Robert indignado ao descobrir as bisbilhotices da mãe.

Marie não hesita em, às escondidas, cheirar as roupas de Robert para ver se andou fumando, em espionar seu namoro com Amy (Marie é conservadora em matéria de sexo, como, em geral as SJ de sua geração), em ler os diários dos filhos adolescentes, em remexer as gavetas (mesmo as trancadas) de Debra, para “comprovar” que a nora gasta demasiado em supérfluos e frivolidades; etc.

Outro ponto comum aos ESFJ é assim expresso por Keirsey:

ESFJs can cause others undue tension by expressing anticipations of gloom and doom, exhibiting a bent toward the pessimistic that can be contagious. They need to control their fears that the worst is sure to happen and suppress their tendency toward crepe-hanging and anticipating disasters. (Keirsey 1984, p. 193)

É claro que essa tendência a antecipar desastres reforça a necessidade de ser uma mãe superprotetora. No episódio 3 da 2ª. temporada, encontramos uma das mais cômicas cenas de toda a série. Raymond e Robert, recordando sua adolescência, lembram dos cuidados de Marie em trancar as pastilhas Valda, para que os filhos não tivessem acesso a elas, que representavam para Marie um primeiro passo no caminho das drogas (mesmo naquela época em que as drogas eram muito menos difundidas) [...]

Mas, voltemos ao episódio *The Shower*, quando Debra volta da delegacia:

Marie: Oh, thank God! Are you all right?

Debra: Yeah, I'm fine, Marie. I'm just a little tired.

M: Oh, I just want you to know that in this family, whatever our differences, we stand together... no matter what you've done, no matter how much shame you've brought upon us. What did you do?

D: You know, nothing. It was just a minor traffic... misunderstanding.

M: Thank God. (cochichando para R:) What did she do?

R: Nothing. She took a nap in the car, that's all.

M: I don't understand. Why would they arrest her for that?

D: I just took a little nap because I didn't want to drive.

M: Why not?

D: Because I had a little too much champagne.



M: Drunken driving! Oh my God! Drunken driving! Oh, this is so awful! Now it all makes sense. The messy house, the kids running around filthy, the way she talks to me. It's all clear now. (...)



(Raymond ao saber por Robert que a carteira de D está cassada)

R: Wait a minute, wait a minute. What-what-what about the errands and the kids and all their crap? Oh no! Why does this happen to me?

D: I'll figure something out, Ray.

R: How? By the way, I'm going on the road with the Mets. Somebody's gotta drive you and the kids around.

F: I'll do it. She can tell me about the Big House [prisão] .

R: We don't like you driving the children, Dad.

F: Why, because I tell it like it is?

R: Well-well, how about you, Ma?

M: Of course I'll drive Debra... *if she needs me*. Will Debra say she needs me?



D: Thank you, Marie. It's a very generous offer.

M: And?

D: And I accept because I... need you.

M: Happy to do it. Good night.

Há muitos outros aspectos na construção ESFJ do personagem (todo o imenso tema da “pedagogia da culpa”, por exemplo); neste artigo, limitamo-nos a apontar alguns poucos, como indicação da correlação da tipologia de Keirsey com os protagonistas de ELR.

4. ESTJ: a personagem Debra Barone de “Everybody Loves Raymond” (ELR)

(extraído de: João Sérgio Lauand: “Debra Barone à Luz de Keirsey” – Revista Internacional d’Humanitats 21, 2011: <http://www.hottopos.com/rih21/P41a50.pdf>)

A ESTJ Debra

Um fato relevante para a compreensão da situação de nossa personagem é o de que Raymond e Debra moram na casa em frente da de Marie e Frank (e Robert, embora já com seus trinta e tantos anos, mora com os pais na maior parte dos episódios). As portas não ficam trancadas e os sogros adentram quando bem entendem (e muito frequentemente) a casa de Debra.

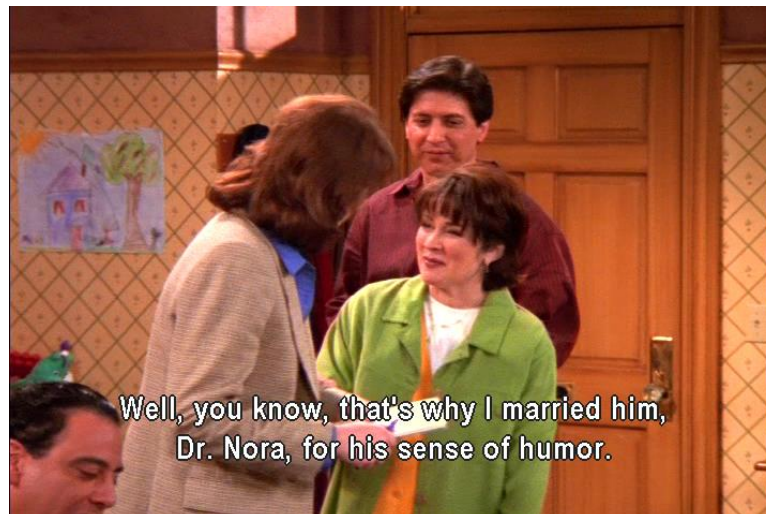
A criação de cada personagem foi estudada de modo a criar tensões cômicas na articulação com os demais: Debra, como ESTJ, responsável e ciosa dos deveres próprios e dos demais (sobretudo marido e filhos), é casada com um cônjuge “oposto”: Raymond, o imaturo ESFP, preocupado em viver uma boa vida e fazendo piadas que divirtam e encantem os demais. Se os choques de convívio com o marido dão-se pela complementaridade dos temperamentos; os conflitos com a sogra, pela similaridade: sendo ambas SJ, Marie vai competir com Debra como dona de casa e mãe de família modelo; alfinetá-la continuamente mostrando-se superior na cozinha e no cuidado da casa; etc.

Debra realiza cabalmente o que Keirse diz dos ESTJ:

Sociable and civic-minded, Supervisors are usually pillars of their community. They are generous with their time and energy, and very often belong to a variety of service clubs, lodges, and associations, supporting them through steady attendance, but also taking a vocal leadership role. Indeed, membership groups of all kinds strongly attract ESTJs, perhaps because membership satisfies in some degree their need to maintain the stability of social institutions (Keirse 1988, p. 105).

Assim, vemos Debra competir com Marie (também SJ) na realização do ritual do dia de “Ação de graças” (1ª. temp., epis. 10), zelando pelas tradições do próprio lar; ao contrário do marido SP, dá extraordinária importância às reuniões de pais na escola (2ª. temp., epis. 2); administra com perfeição as contas da casa (2ª. temp., epis. 16 – neste episódio, o SP Ray é um desastre quando assume as contas da casa por um mês); valoriza extremamente a cerimônia de casamento; participa ativamente das associações da igreja e da escola; etc.

O casal Debra-Ray é de um grande realismo: falando do interesse de casamento da(o) ESTJ (Keirse 1984, p. 77), Keirse diz que precisamente pelo anseio por preservar o *establishment* familiar e social, pelo gosto pelo equilíbrio e estabilidade, a(o) ESTJ “is attracted to the disestablishmentarian, the ISFP” ou, poderíamos acrescentar, na falta deste tipo raro, seu próximo mais frequente: o ESFP. Em qualquer caso, um contraponto, uma válvula de escape para a contínua tensão de responsabilidades que o ESTJ acumula. É o caso de Debra e Raymond, que, por sua vez, como ESFP “wants to be settled down by this very stable and responsible person [I(E)STJ]” (Keirse 1984, p. 76).



Claro que esses encantos, com o passar dos anos, tendem a se desvanecer e, ao sabor da rotina, Debra manifesta, especialmente para com as “infantilidades” de Raymond, a impaciência e irritação típica dos ESTJ, ante a negligência dos demais para com seus deveres:

Highly materialistic and concrete, ESTJs believe the table of particulars and the manual of standard operating procedures are what count, not speculation and experimentation, and certainly not fantasy. They keep their feet firmly on the ground and make sure that those under their supervision do the same, whether employee, subordinate, offspring, or spouse for that matter. If others wish to fool around and daydream, fine, as long as they do it on their own time-which means after the job is done. But if they fritter away their time while on duty, they should not be surprised when the Supervisor calls them on the carpet. The top sergeant will not put up with such nonsense (Keirse 1988, p. 105).

Mas no quadro geral da série, o papel de Debra é o de ser a personagem de comportamento normal (e este fato não é alheio a seu temperamento ESTJ, o mais “normal” de todos os tipos), referencial de senso comum em contraste com as esquisitices do cunhado Robert (com seus cacoetes, instabilidades comportamentais e que vive se comparando com Raymond, para quem tudo dá certo e sempre se sai bem, enquanto ele, Robert, só se dá mal em tudo na vida); da sogra Marie (ostensivamente controladora, super-mãe e super-sogra) e do sogro Frank (grosseirão, que passa a vida vendo TV e comendo – sujando-se com a comida – e sem nenhum reparo em ir em cuecas apanhar o jornal na rua).

É o que vemos no primeiro episódio da 6ª. temporada: “The angry family”. Toda a família vai à escola para assistir a uma apresentação de alunos, na qual o pequeno Michael, recém alfabetizado, lê para a plateia de pais e mestres, a historinha que escreveu:



“The Angry Family”

“The daddy was mad at the mommy.

The mommy was mad at the daddy.

[os assistentes olham para os constrangidos Barone]

The mommy and daddy were very mad at the grandpa.

The grandma got mad at everybody.”

Marie: I did not!

“The grownups were always very loud. It hurt the kids' ears. The end.”

Em casa, os desolados Barone, conversam sobre o assunto. Marie tenta jogar a culpa em Debra: “Como você o deixou escrever aquilo?”. Debra responde que Eileen deixa as crianças com total liberdade. Raymond, sempre omissivo, pergunta quem é Eileen... e Debra, irritada, responde que é a professora de Michael!

Ante a tenebrosa imagem que o menino tem dos pais e avós, começam as acusações mútuas:



Naturalmente, a professora Eileen chama Ray e Debra no dia seguinte para discutir “o caso”. Ante as esfarrapadas desculpas e disparatadas alegações de Ray e os nervos de Debra, Eileen se convence de que a história escrita por Michael é verdadeira e sugere acompanhamento profissional. É quando Debra explode e desabafa explicando para a professora o que são os Barone:

Eileen...

you have no idea what I have to put up with.

When I got married, I didn't just get a husband, I got a whole freak show that set up their tent right across the street.

And that-that would be fine, if they stayed there.

But every day, every day they dump a truckload of their insane family dreck into my lap.

How would you like to sit through two people in their 60s fighting over who invented the lawn?

The lawn!

And then the brother...

[imitando os cacoetes de Robert]

"I live in an apartment. I don't even have a lawn. Raymond has a lawn."

But you can't blame him when you see who the mother is. She has this kind of sick hold on the both of them.

And the father's about as disgusting a creature as God has ever dropped onto this planet.

So no wonder the kid writes stories!

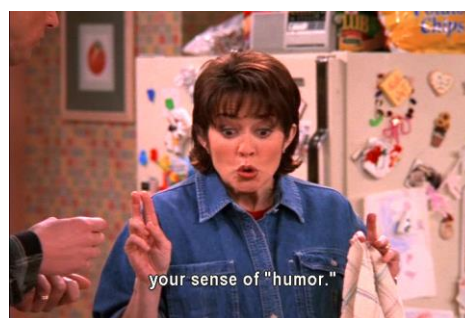
I should be writing stories. My life is a Gothic novel, and until you have lived in that house, with all of them in there with you day after day, week after week, year after friggin' year, you are in no position to judge me!

No término do episódio, quando finalmente ouvem Michael, descobrem que a “angry family” não era sua família, mas, na verdade, uma ficção inspirada no desenho animado: “Monster Maniacs”...



A normalidade da ESTJ Debra (pelo menos quando os sogros não a tiram do sério) é mesmo o tema do episódio 21 da 1ª. temporada: “Fascinatin’ Debra”. Debra conversa por telefone com a famosa psiquiatra Dra. Nora Sarasin em seu programa de rádio, expondo-lhe alguns problemas domésticos. Terminado o programa, Debra, eufórica, recebe um telefonema da Dra. Sarasin, marcando uma entrevista com ela, na casa de Debra, para o dia seguinte. Ela está escrevendo um livro sobre a família e vê em Debra a típica dona de casa, espécie em extinção...

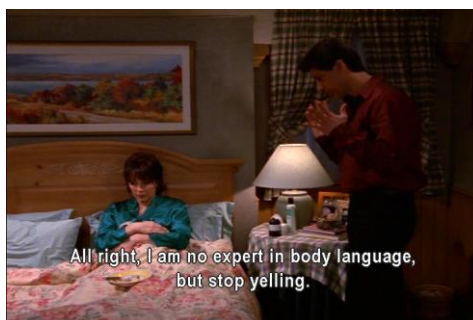
Preparando-se para a vinda da psiquiatra, Debra, afetadamente, esforça-se por passar uma imagem maquiada, “adequada” e “correta” da casa e da família, prevenindo Raymond para que evite, ao menos nesse dia, suas constantes piadinhas.



Mal começada a entrevista, entram na casa (como sempre, sem avisar) os demais Barone. E a Dra. Sarasin, para desespero de Debra, fica fascinada com as esquisitices deles e esquece-se da normal ESTJ, dedicando toda a atenção a Frank, Marie, Robert e às piadinhas de Raymond...



Debra ofuscada pela “naturalidade” dos Barone, que “roubaram a cena” com a psiquiatra, fica deprimida e inconsolável: ela não é uma pessoa interessante!



Debra: Dr. Nora was supposed to be here for me... not your family, and by the end, she didn't even know I was in the room. (...)

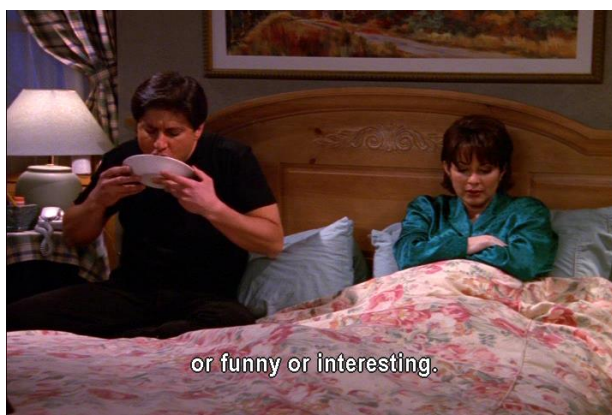
D: Dr. Nora thought I was boring.

Ray: You're not boring, **you're normal**. That's good. Growing up in my family, I prayed for normal every night. Then I'd fall asleep to the sound of my brother naming his toes. There was Fat Tony, Jimmy the Weasel... Billy Stretch, and Tastes Bad.

D: Ray, I was so excited that Dr. Nora was coming here... but there's no way I could follow the dysfunctional family circus.

R: You should have went on before them. Maybe if you'd been yourself, Dr. Nora would've been more interested. - What did you go put on a big act for?

D: Because I am boring. There's, you know, nothing about me... that's, you know, like, quirky... or funny or interesting. What are you doing?



R: There's a little left in there. I'm sorry.

D: No. See, that's exactly my problem. I don't do that: lick the bowl! I mean, that's the kind of great weird stuff you freaking guys do all the time.

Naturalmente, há muitos outros aspectos a explorar na personagem ESTJ (como a discussão do papel da mulher na série, a necessidade de segurança, os ciúmes, o modo de lidar com a opinião alheia sobre ela etc.); aqui, detivemo-nos em alguns poucos, sobretudo na normalidade, celebrada (silenciosamente) pelos outros tipos na

sentença final de Ray: “Look at all of us. We need a normal one. That's why I married you.”

Referências

BENTO XVI “São Bento de Núrsia”. Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf Acesso em 16-5-2017.

BRILHANTE, Lucyana do Amaral “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, diss. Mestrado, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: www.jeanlauand.com/Interprete.pdf

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Compreendê-me*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

KEIRSEY, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação*. São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.

LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

MORIN, Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

MOTHER TERESA of Calcuta *The joy in loving*. N. York: Viking/Penguin, 1997.

“Verdade”, justiça ou misericórdia na religião? Keirsey, o fator T no tradicionalismo religioso e a educação

Chie Hirose¹⁸
Enio Starosky

Resumo: O artigo discute o discurso do tradicionalismo religioso no Brasil de hoje, focando em suas relações com o fator T (em oposição ao fator F) da tipologia de David Keirsey.

Palavras Chave: tradicionalismo religioso. David Keirsey. fatores T e F educação. cultura das relações.

Abstract: This article discusses Brazilian contemporary religious traditionalism – in the new right-wing movements – focusing on the preference T (in opposition to F) in Keirsey's typology.

Keywords: Brazilian religious traditionalism. preferences T and F. David Keirsey. education.

Os fatores T e F de Keirsey

Em estudo anterior (<http://www.hottopos.com/rih43/index.htm>) discutíamos alguma relação entre a preferência J, na tipologia de Keirsey, e o conservadorismo religioso. Neste artigo, discutiremos a possível relação entre este e o fator T, do par T x F, proposto por Keirsey.

Começamos por recordar o que são F e T, recolhendo a breve apresentação que desses fatores faz Lauand (2018, 27 e ss.)

As preferências F / T referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, a abordagem emotiva e pessoal em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal: o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão. [...]

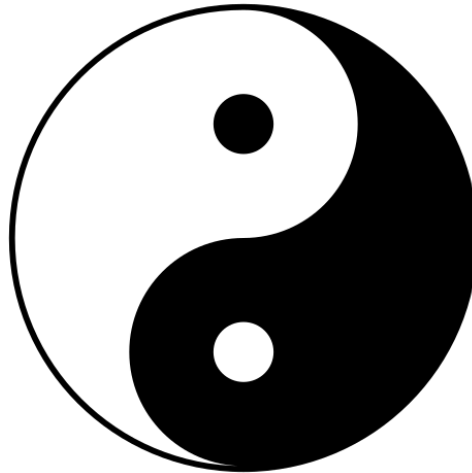
Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral

¹⁸. Doutora e Pós doutora em Educação pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

Essa aguda colocação de Santo Tomás – sobre a necessária complementação e harmonização entre fatores opostos – vem ao encontro da, também muito feliz, observação de Edgar Morin (2002, p. 53), a propósito do símbolo da doutrina de Lao Tsé:



Escolho esse símbolo porque ele exprime para mim o mais profundo, a impossibilidade de desunir duas ideias contrárias. [...] O que é interessante é que eles são não só complementares, mas que um *está* dentro do outro.

Morin lembra também Heráclito:

Reencontramos Heráclito que dizia: “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome”. Com efeito, Heráclito é o pensador típico da união dos contrários. (p. 54).

O que poderíamos, para a oposição de que nos ocupamos, complementar dizendo: “e também amor e justiça, fator F e fator T”. A verdadeira convivência humana se dá na harmonização dos contrários, também no importante âmbito dos temperamentos.

Voltemos às análises de Keirsey: para ele o par F x T é o único para o qual (Keirsey 1990, p. 23) se registra uma distinção de incidência em nossa sociedade: 60% dos homens têm a preferência T e 60% das mulheres a preferência F.

As pessoas que usam a preferência F como base de suas decisões manifestam por vezes que o grupo T são pessoas “sem coração”, “insensíveis”, “frias”, “inacessíveis”, “intelectos que carecem do leite

da bondade humana”, “gente que tem gelo nas veias”. Por outro lado, os que se inclinam por decisões impessoais (T) por vezes comentam que o grupo F são pessoas “sem firmeza”, “demasiadamente emotivas”, “sem lógica”, “manteiga derretida” e “coração mole, de gelatina”.

A religião e as preferências pessoais

A sentença acima de Tomás de Aquino já antecipa as divisões de “preferências” religiosas (de “escolha” de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião).

É perfeitamente natural e legítimo que uma pessoa tenha suas preferências religiosas: que seu modo de ser se ajuste melhor a esta ou àquela denominação e, mesmo dentro de uma mesma igreja, seja mais atraída por este ou por aquele aspecto: da doutrina, da liturgia, da pastoral, do modo como viver o amor ao próximo etc. Em recente estudo de nosso grupo de pesquisas (<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>), víamos como na mesma igreja, São Francisco de Assis e São Bento de Núrcia, dois extraordinários expoentes do catolicismo tinham modos de ser (e de viver genuinamente a religião) totalmente diferentes: este um ISTJ cabal; aquele um ISFP irretocável. E os dois são grandes santos que a Igreja propõe como exemplos e modelos para seus fiéis. Como lembra o Prof. Lauand, quando Cristo diz “Eu sou o caminho”, a palavra semita para caminho (*derek* em hebraico, *táryq* em árabe) não se refere a um caminho de ferro como o dos trilhos do trem, literalmente bitolado, nem sequer a uma rodovia pavimentada, como a via Dutra, mas ao caminho que cada um faz a seu modo, imitando o Mestre:

O Oxford English Dictionary (OED), indica em suas etimologias algumas palavras que estenderam seu sentido sob influência da Bíblia. É o caso do inglês *way*: o caminho (*derek*), que na perspectiva semita não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela estrada de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho (e Jesus é o caminho - Jo 14,6) é o de cada um: não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica que foi parar no inglês *way* (Lauand 2016, p. 150)

Dizíamos ser perfeitamente legítimo que cada um tenha suas preferências na religião. Mas, para nossa análise, é importante uma distinção feita por Marías (1995, p. 16) e que pode ajudar-nos a compreender possíveis desvirtuamentos da religião, também com base nas preferências keirseyanas.

Marías começa por lembrar o óbvio: o cristianismo é uma religião! E o problema de nosso tempo é que o “cristianismo tende a não funcionar primariamente como *religião*, mas como outras coisas que *também é* (ou pode ser): moral, ideologia, interpretação da realidade, princípio de convivência, fundamento de uma sociedade, instrumento de poder...”. Perde-se e desvirtua-se a perspectiva da fé: “(Deus) é tomado como ‘ponto de partida’ para ir a outras coisas, que são as que **verdadeiramente interessam**” (1995, p. 16, grifo nosso).

Esse desvirtuamento pode se dar de diversas formas: desde as aberrações “religiosas”, do tipo Ku Klux Klan ou Estado Islâmico, até a modos mais sutis e menos perceptíveis.

O filme “Silêncio” de Martin Scorsese, baseado no romance de mesmo nome do escritor japonês católico Shūsaku Endō, publicado em 1966, que analisa aspectos da conversão (e martírio) dos japoneses no século XVII e discute a questão de se por trás da incrível coragem para o martírio naqueles neófitos há verdadeira fé ou antes um apego supersticioso a símbolos da fé: imagens, estátuas, crucifixos, rosários ou até aos próprios padres. É a “fé” que se dá no pântano, onde o cristianismo não pode criar raízes, como adverte o sádico Inquisidor Inoue ao jesuíta Rodrigues.



Será que todos aqueles que praticam “devoções”, pagam promessas, ou “idolatraram” a Bíblia (ou pastores...) estão querendo viver verdadeiramente a religião cristã?

O fator F e o servir religioso (e uma possível disfunção)

Uma dessas distorções, envolve a disfunção do fator F, como no caso tratado no livro *O Grande Abismo*, de C. S. Lewis.

Nele, algumas pessoas, que acabaram de morrer, são submetidas a um juízo para decidir seu destino eterno: se querem realmente ir para a união com Deus. No capítulo XI, apresenta-se o caso de Pamela, a mãe que tudo o que quer é rever seu filho, que morreu antes dela e já está com Deus. O anjo que dialoga com os recém-chegados tenta convencê-la de que é necessário amar a Deus. Ela se declara disposta a aceitar o que for necessário (“quanto antes, melhor”) para a única coisa que lhe importa: estar com seu filho. O anjo explica que assim não é possível: Deus não pode ser um meio para alcançar seu objetivo: ela teria que desejar a Deus por si mesmo. Ante essa intransponível dificuldade, a mãe termina por afirmar que seria perfeitamente feliz, mesmo no inferno, desde que pudesse estar com seu amado filho...

Sempre que se fala em tipos psicológicos é necessário lembrar que eles são em si “neutros” – como o são também a atração sexual, a lateralidade dominante (destra ou canhota) etc. –; não é superior (em termos de ética, dignidade etc.) este ou aquele tipo: a ética está nas escolhas do indivíduo.

É o que vemos no desenho russo dos estúdios Animaccord, *Masha e o Urso*, de imenso sucesso mundial (no youtube há episódios com bilhões de visualizações!). A genialidade do enredo está em vestir os personagens centrais (de um conto tradicional do folclore russo) como uma acentuada ESTP (a travessa menininha Masha) e seu amigo Urso, um ISFJ cabal.

Assim, o Urso ao longo das dezenas de episódios (transmitidos no Brasil pela TV Cultura, SBT, Boomerang e Cartoon Network) cumpre exemplarmente seu papel de protetor, educador, companheiro e, sobretudo, como cuidador (ISFJ).

Em distintos episódios, o Urso cria uma escolinha só para Masha, alimenta-a, pacientemente ensina-a a tocar piano, afasta-a dos perigos etc. Ambos são imensamente felizes nessa relação.



O episódio 52, episódio final da segunda temporada do desenho (<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>) – “Te vejo depois” – traz um dilema semelhante ao da Pamela de Lewis. Chegou a hora de Masha, já crescidinha, deixar o rincão siberiano para ir para Moscou com sua priminha. Há um jantar de despedida na casa do Urso e todos estão tristes pois Masha é (era...) a alegria da turminha. Ela fica para dormir na casa do amigão, mas o Urso, deprimido e insone, não consegue imaginar sua vida sem ter de cuidar da pequerrucha. Então, em um primeiro momento, sucumbe à tentação de sabotar a partida de Masha e chega a atrasar o despertador para que ela perca o trem. Mas, depois, dá-se conta de seu egoísmo e se penitencia, levando a menina, à toda velocidade, até o trem.



Tendo partido o trem, o Urso, após um momento de desconsole, nota que a porquinha da Masha está precisando de seus cuidados e, um minuto depois, já está feliz novamente, brincando com sua nova “afilhada”.

Quando tudo corre bem, o fator F é responsável por maravilhosas iniciativas religiosas, como a incrível vocação de serviço de uma Madre Teresa de Calcutá, a grande santa ISFJ, de quem o Papa Francisco, na cerimônia de sua canonização, fez notar que (o português é uma rara língua na qual a acumulação semântica Mãe/Madre não funciona) o povo não a chama de Santa Teresa, mas *Madre*, mãe.

Ela mesma conta o caso, acentuadamente F, de profunda *sym-pathia* (compartilhar o sofrer), transcendendo os ódios entre hindus e muçulmanos na Índia:

Nunca esquecerei a noite em que um homem veio à nossa casa para contar-nos o caso de uma família hindu de oito filhos. Não comiam há vários dias. Pedia-nos que fizéssemos algo por eles, de modo que tomei um pouco de arroz e fui vê-los. Vi como brilhavam os olhos das

crianças por causa da fome. A mãe tomou o arroz de minhas mãos dividiu-o em duas partes e saiu. Quando regressou, perguntei-lhe aonde tinha ido. Respondeu-me: “Eles também têm fome”. Ela sabia que os vizinhos da porta ao lado, muçulmanos, tinham fome. Fiquei mais surpresa por ela saber do que pela ação em si mesma. Em geral, quando sofremos e quando nos encontramos em uma grave necessidade não pensamos nos demais. Aquela mulher, em seu terrível sofrimento físico, sabia que a família vizinha também estava com fome (Mother Teresa 1997, p. 337-8)

O fator T na religião: a “defesa da verdade”

A citada sentença de Tomás de Aquino já antecipa as divisões de “preferências” religiosas (de “escolha” de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião). Em outro artigo de nosso grupo de pesquisas, tipificávamos essas atitudes, nas emblemáticas figuras dos dois papas da atualidade:

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e neste Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”. (<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>).

Multiplicar-se-ão, *ad infinitum*, as discussões entre os T e os F, os embates entre Verdade e Justiça, de um lado; Misericórdia e Compreensão, do outro. Sempre na chave: “sim, mas...”: - O Evangelho diz: “Quero misericórdia, não sacrificio...” (Mt 9, 13). - Sim, mas diz também: “É a verdade que vos libertará” (Jo 8, 32). - “Atire a primeira pedra...” (Jo 8,7). “- Não sairás do cárcere dali enquanto não pagares o *último ceitil*.” (Mt, 5, 26) Etc. etc. etc. Em ambos os casos, trata-se de um reducionismo simplista, no qual se abdica da visão do todo e da complexidade própria da realidade cristã, instalando-se numa “cômoda” interpretação ao gosto de cada qual. Na contra mão do principal fator de sobrevivência do cristianismo: sua resiliência e capacidade de arraigar-se nas mais distintas culturas, épocas e tipos de personalidade.

Como na exaltada entrevista do pastor Silas Malafaia a Mônica Iozzi (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU>), que indagou sobre sua suposta homofobia:

Mônica – O senhor acha que os gays vão para o inferno?

Malafaia – Eu não acho eu tenho conceitos bíblicos! [...] Deixa eu falar uma coisa que você não sabe: a Bíblia que fala que Deus ama, é a mesma Bíblia que diz que vai botar o homem no inferno.

Mônica – Mas Ele também fala: “Ame ao outro como a si mesmo...”

Malafaia – O mesmo Deus que fala sobre amor, lança o homem no inferno.

Mônica – Preconceito é pecado.

Malafaia (cada vez mais agressivo) – [...] Eu não tenho preconceito, eu tenho conceito firmado.

“Conceitos”, “conceitos bíblicos”, essas expressões tão caras ao radicalismo T de um Malafaia, são contestadas em sua própria existência por Lauand (2016, 90-91), Cristo nunca estabeleceu nenhum conceito:

Amthal (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se – falando tipicamente – o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* – sempre falando em tipos – é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mathalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Ainda nas disfunções de uma hipertrofia T ao conceber o cristianismo, diz Julián Marías (1998, p. 230-231):

A parálise que sobreveio à teologia católica desde o séc. XVII – o declínio de sua inspiração desde muito antes – é algo que por fim hoje se tornou muito evidente e se compreende que sua causa foi esse mesmo espírito inquisitorial, **a obsessão com o erro**, o quimérico empenho em fazer ciência sem se equivocar. O caminho já tinha sido preparado pela hipertrofia dogmática, pela consideração da religião como algo que se dirige primária e quase que exclusivamente à inteligência e que **se realiza em enunciados** – verdadeiros ou falsos. [...] A mentalidade jurídica, que tem dominado excessivamente a religião, tem deformado muitas coisas. A religião não é algo que se possa aplicar como um código [...] (grifos nossos)

Nesse contexto, a difícil missão da Educação é a de – entre um dos pais que “puxará” para seu lado T, enquanto o outro o fará para seu lado F; entre uma corrente da Igreja e outra que se digladiam na mesma falsa dicotomia – criar um ambiente de liberdade que permita a cada um, como diz Marías, **viver** o cristianismo, proporcionando o estar à vontade, de quem está em casa “livremente, na confiada e segura instalação amorosa dos filhos da casa” (*ibidem*, p. 230).

Nisso, como em tudo, a dificuldade da Educação – e ao mesmo tempo sua grande missão – é a de abrir-nos horizontes, que nos façam ver o valor humano para além de nossas próprias idiosincrasias e reconhecer o enriquecimento que é propiciado pelos valores que radicam no Outro, sem o empequenecimento de “achar feio o que não é espelho”.

Ou como redondamente diz Morin:

Efetivamente, a complexidade não é somente o fato de que tudo está ligado, de que não se podem separar os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, de que, nós somos seres de desejo, seres econômicos, seres sociais, etc., de que tudo está ligado – aliás, a era planetária é aquela em que tudo está ligado – , mas é além do mais a idéia de que conceitos que se opõem não devem ser expulsos um pelo outro quando se chega a eles, por meios racionais. Isso faz parte da minha concepção da complexidade. Do universo e do homem” (MORIN, 2002, p. 58).

Referências

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. **Por favor compréndeme**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990.

LAUAND, Jean **Revelando a linguagem**. São Paulo: Factash, 2016.

___ (org.) **Uma introdução à tipologia de David Keirse**y. São Paulo: Factash, 2018.

MARÍAS, Julián. **Problemas del cristianismo**. Planeta-DeAgostini: Madrid, 1995.

MARÍAS, Julián. **Sobre el cristianismo**. Planeta: Madrid, 1998.

MORIN Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

Mother Teresa of Calcuta **The joy in loving**. N. York: Viking/Penguin, 1997.

Tipos e Estereótipos: uma análise keirseyaniana da escola, seu cotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv & Cia.)

Alexandre Medeiros

Resumo: Este artigo¹⁹ apresenta a Teoria dos Temperamentos do psicólogo americano David Keirseyan em diálogo com filmes e séries televisivas, como um subsídio para a descoberta de algumas respostas sobre a temática da tristeza e insatisfação dos alunos (as) no ambiente escolar.

Palavras Chave: educação. psicologia. tristeza. escola. temperamentos. David Keirseyan.

Abstract: This article presents the American psychologist David Keirseyan's Theory of Temperaments in dialogue with films and television series, as a bases for discovering some answers on sadness and dissatisfaction of students in school environment.

Keywords: education. psychology. sadness. school. theory of temperaments. David Keirseyan.

Introdução

Nos últimos anos tenho me dedicado à pesquisa sobre a tristeza e insatisfação dos alunos (as) no ambiente escolar (MEDEIROS, 2020b). Como resposta tenho estudado possíveis caminhos que possam contribuir para uma educação feliz (MEDEIROS, 2020). Um dos frutos recentes desta pesquisa foi um importante material produzido em escola de aplicação²⁰ sob minha orientação, discutindo a questão da depressão e violência nas escolas²¹. Este artigo portanto é uma continuação de minhas investigações. Como desdobramento desta pesquisa, apresento a contribuição para a temática, na Teoria dos Temperamentos do psicólogo americano David Keirseyan²² em diálogo com filmes e séries televisivas, como importante material para esta discussão delicada e ainda pouco investigada.

De onde vem tanta tristeza e sofrimento? Minha hipótese ainda que provisória (FOUCAULT, 2012, p. 120), é a de que diretores, professores e alunos não se entendem na escola. Esta falta de compreensão gera interpretações errôneas dos signos individuais (DELEUZE, 2003), ou seja, cada *tipo psicológico* tende a compreender o mundo somente a partir de um conjunto de signos compatíveis com seu temperamento.

Não precisamos nos esforçar para perceber que a educação atualmente está sendo aplicada em pacotes e sistemas que devem abarcar todos os alunos e alunas num único formato educacional. Esse formato apostilado é, em muitos casos, mecânico e

¹⁹ Este artigo é fruto da apresentação no "XI Simpósio de Pós-Doutorado da FEUSP - Pesquisas caleidoscópicas: modos de ver e criar", realizado na Faculdade de Educação entre os dias 18/08/2021 e 20/08/2021. O presente material já contempla as contribuições e sugestões dos componentes das mesas.

²⁰ Centro de Estudos Júlio Verne - www.julioverne.com.br

²¹ *Sufrimento & Depressão: os desafios da Educação – I* e *Sufrimento & Depressão: os desafios da Educação – II* – ambos publicados na revista Coepta N. 5 - ed. especial da Revista Internacional d'Humanitats 51 jan-abr 2021 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona - São Paulo - 2021

²² Um material riquíssimo e ainda pouco investigado no Brasil. Inclusive há originais não traduzidos para a língua portuguesa, o que diminui o alcance e a divulgação de seus conceitos e teorias.

não criativo. Como diz Marx, modelos contínuos e uniformes acabam por fatigar o organismo, que encontraria prazer em atividades variadas (MARX, 2008, p. 122).

Para se adequar aos sistemas educacionais empacotados, os alunos dessas escolas devem se enquadrar num modelo único. Vale o formato de fábricas, com disciplina de quartel, inclusive com sinais sonoros que ditam o momento para aprender matemática, a hora de parar de aprender literatura, avisar quando comer e quando descansar (MARX, 2008, p. 140).

Partindo do conceito proposto por Keirse, de que existem 4 Temperamentos (KEIRSEY, 1984, p. 3-4), podemos imaginar que se em uma escola a maioria for do temperamento (A) e a minoria for (B), (C) e (D), já teremos uma situação de dificuldade de compreensão. Agora imaginemos se um destes temperamentos predominantes na escola, imponha um modelo educacional que todos devam seguir? (VIANNA, 2019).

Para construir minha hipótese, utilizo os conceitos do psicólogo David Keirse e sua teoria dos temperamentos. Nas obras *Please Understand Me I* e *Please Understand Me II*, ele desenvolve uma teoria que nos fornecerá pistas para começarmos a identificar uma das possíveis fontes da tristeza na educação. Em outras palavras, pretendo a partir da teoria dos temperamentos (KEIRSEY, 1984; 1998) e em diálogo com filmes e séries televisivas (LAUAND J. S., 2014), retratar possíveis conflitos dos perfis psicológicos envolvidos na trama.

Metodologicamente, a pesquisa parte de uma instalação na teoria de David Keirse e seus *tipos* para, a partir daí, ir identificando concretamente os diversos *tipos* na vida escolar das personagens. Serviu-nos de referencial, o caminho trilhado por João Sérgio Lauand (2014), em seu: “*Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a educação. Um estudo da sitcom Everybody loves Raymond*”.

O fato de lançarmos mão de um referencial de ficção tem duas vantagens adicionais: ser por todos conhecido e, além disso, o fato de – precisamente por serem personagens – apresentarem frequentemente características marcantes, mais “puras”, dos tipos que representam. Como diz João Sérgio Lauand, é comum entre roteiristas e diretores de séries e novelas recorrer a teorias da personalidade para criar seus personagens: as protagonistas de *Sex and the City*, por exemplo, correspondiam com muita exatidão aos 4 tipos de temperamento de Keirse (LAUAND. J.S, 2014, p. 38)

É importante ressaltar que, quando não nos atemos às características humanas individuais de cada perfil psicológico, corremos o risco de transformar a escola em um lugar apenas para desenvolver destreza profissional (MARX, 2008, p. 128-129). Em outras palavras, uma vez privados de suas habilidades e características individuais os seres humanos são mutilados (MARX, 2008, p. 129), e se tornam funcionários robotizados, tristes e sem vida.

Neste estudo, o importante será perceber as diferenças existentes entre os Guardiões (SJ) – *Tipo* que predomina nos cargos decisórios e salas de aula das escolas (VIANNA, 2019) – e os demais *Tipos*²³ de temperamento (SP/NF/NT) dos professores e alunos, que devem se encaixar num modelo SJ (LAUAND. JS, 2019).

²³ Para nossa pesquisa precisamos entender o que é um *Tipo* (JUNG, 1991, p. 20-21). *Tipo ideal* é um termo comumente associado ao sociólogo Max Weber (1864-1920). *Tipo* é um instrumento de análise com o objetivo de criar tipologias, destituídas de tom avaliativo, de forma a oferecer um recurso para análise do homem e da sociedade (WEBER, 2004). Segundo Weber, o fato de que nenhum *Tipo Ideal* esteja historicamente na sua forma pura, não impede que a partir de um conjunto de características predominantes, construamos um *Tipo* para que nossas análises sejam empíricas (WEBER, 2012, p. 141). O *Tipo Psicológico* é só mais um dos fatores que nos ajudam a compreender o ser humano, sendo que o *Tipo*, em si só, é neutro, não é bom ou mal (LAUAND, 2019, p. 97). Como escreve Jean Lauand, na análise da Tipologia dos Temperamentos, apresentamos o caso ideal, ciente de que existem tipos mistos e

1. David Keirsey: conhecendo a teoria dos temperamentos.

Hipócrates (460 a. C - 370 a. C) classificou os seres humanos em 4 tipos: Sanguíneo: otimista; Fleumático: sonhador e dócil; Colérico: ambicioso e explosivo; Melancólico: pessimista e sozinho. Hipócrates fundamentou toda sua prática médica, em compreender o organismo e a personalidade do homem (KEIRSEY, 1984, p. 3-4).

Platão apresentou suas ideias em forma de diálogos dramáticos, como *A República*, obra em que construiu um conceito de utopia da sociedade perfeita. Esta seria erigida sobre 4 diferentes funções sociais, que seria assumida por 4 diferentes personalidades: Artesão, Guardião, Idealista, Racional (KEIRSEY, 1998, p. 337).

O cientista Alemão Eric Adickes escreveu em 1905 o livro *Charakter und Weltanschauung* – um verdadeiro tratado Greco-Romano da teoria dos 4 Temperamentos. Aproveitou as contribuições de Platão e Aristóteles para desenvolver sua pesquisa. Artesãos foram chamados de Inovadores; Guardiões de Tradicionais; Idealistas de dogmáticos; Racionais de agnósticos (KEIRSEY, 1998, p. 339).

O psicólogo Alemão Eduard Spränger escreveu *Lebensformen* em 1914 e que foi traduzido para o inglês em 1920 como *Type of Men*. Spränger chamou os Racionais de teóricos; Artesãos de estéticos; Idealistas de religiosos; Guardiões de econômicos (KEIRSEY, 1998, p. 339).

Sendo assim, a teoria dos 4 Temperamentos da antiga Grécia (KEIRSEY, 1984, p. 3-4; LAUAND, 2018, p. 8), foi o terreno fértil de onde Carl Jung, partindo da psicologia de Hipócrates (KEIRSEY, 1984, p. 3) em 1921, elaborou *Tipos Psicológicos* (JUNG, 1991). Foi também de onde Isabel Myers e Katheryn Briggs em 1950 pinçaram seu famoso método de análise comportamental - MBTI²⁴, escola que Keirsey continuou, ampliou e reelaborou em *Please Undertand Me I* (1978) e *Please Understand Me II* (1998).

David Keirsey começa a observar os tipos em 1956 (KEIRSEY, 1984, p. 67). Keirsey não utiliza diretamente as funções psíquicas de Jung, mas aproveita a descrição comportamental destas funções (KEIRSEY, 1984, p. 27). Keirsey refinou a teoria dos 04 temperamentos e definiu traços únicos de caráter nos 16 tipos psicológicos advindos destes (KEIRSEY, 1998).

Desta forma, Keirsey chamou os Guardiões de (SJ), os Artesãos de (SP), os Idealistas de (NF) e os Racionais de (NT). Para cada um destes temperamentos, ele descreveu 4 tipos, incluindo para cada um o fator Introversão ou Extroversão, além de outras combinações. Neste estudo focaremos em apresentar os 04 temperamentos e distinguir um do outro – SP/SJ/NF/NT. Vale lembrar que as outras funções, letras e variações adicionadas ao temperamento, são finas distinções para acurar, melhorar, refinar e aprofundar a análise ao longo do estudo (KEIRSEY, 1984, p. 13).

2. David Keirsey: um pouco sobre a personalidade do Artesão (SP).

Segundo Keirsey (1984), a essência do Artesão (SP) é a impulsividade (p. 31). O (SP) é incansável, se não tiver ação ele desanima (p. 32). O (SP) se orgulha

exceções (LAUAND, 2019, p. 89). Portanto, o *Tipo* nos auxilia na compreensão de alguém, mas não define quem ele é (LAUAND, 2018, p. 12-13).

²⁴ MBTI (Myers-Briggs Type Indicator®). Hoje, o MBTI ® é a ferramenta de Assessment mais utilizada em todo o mundo, com cerca de 2 milhões de relatórios emitidos ao ano (MBTI, 2020). Na década de 1950, Isabel Myers foi tirar o pó de um livro de sua mãe Katheryn Briggs, e redescobriu os *Tipos Psicológicos* de Jung. Depois deste acaso, nasce através de Mayers (M) e Briggs (B), o Psychological Type (T) Indicator (I) – MBTI (KEIRSEY, 1984, p. 4).

precisamente de sua liberdade, mas não só isso, ele quer que os outros vejam como é ser livre (p. 32-33). O (SP) age como se não houvesse amanhã, cada dia traz uma nova aventura (p. 33). Os (SP) podem passar horas em esforço contínuo. Estudantes de instrumentos musicais, facilmente viram *virtuosos*, devido ao empenho incansável (p. 34-36). São românticos e extravagantes, podem mandar rosas amarelas, anéis de diamante, mas se esquece da data de namoro, casamento e aniversários (p. 38).

Para Keirse, o Artesão (SP) busca incansavelmente uma perfeição inconsciente. A busca empreendida pelo (SP) é por prazer (KEIRSEY, 1984, p. 36) O (SP) está ancorado na liberdade e fraternidade (KEIRSEY, 1984, p. 41).

Segundo Keirse (1984), em relação às mulheres (SP) talvez tenhamos um grande desafio. As mulheres Artesãs (assim como os homens), querem liberdade e ação, mas possuem pouquíssimo espaço na sociedade, para levar uma vida profissional com estas características. O movimento feminista é uma tentativa de libertação das mulheres (SP), que estão em busca de liberdade e aventura (p. 33). Mulheres (SP) são encontradas em esquadrões de bombeiros, polícias, ambulâncias, resgates de vários tipos e formas (p. 37). Os tipos (SP) não são regidos por objetivos, mas por ações. Eles não se preocupam com cansaço, fome, desconforto, eles saem fazendo o que for necessário; Em especial as mulheres (SP) querem ser livres, querem agir conforme seu desejo e impulso, sem se preocuparem. São dançarinas, artistas de teatro, vocalistas de bandas de rock, aventureiras, escaladoras (p. 34-36). SP tem uma ética Epicurista (KEIRSEY, 1984, p. 41).

Retrato do tipo SP (Artisan) 30 a 35% da população

(...) Todos os [4 tipos] SP compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos, e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

(...) Os SP querem estar onde a “ação” está; eles procuram aventuras e mostram uma “fome” constante por prazer e agitação. Eles acreditam que variedade é o tempero da vida e que fazer coisas que não são divertidas ou excitantes é um desperdício de tempo. São impulsivos, adaptáveis, competitivos e acreditam que o próximo lançar de dados será a jogada sortuda. Eles também podem ser generosos com os defeitos das pessoas, e estão sempre prontos a dividir com seus amigos as bênçãos da vida. Acima de tudo, os SP precisam estar livres para fazerem o que desejam, quando eles desejam. Eles resistem a serem “amarrados” ou presos, confinados ou obrigados a fazerem algo. Eles preferem não esperar, não economizar, poupar ou viver para o amanhã. Na sua visão, o hoje deve ser aproveitado porque o amanhã... nunca chegará! (LAUAND; MEDEIROS, 2021, p. 147-148).

3. David Keirsey: um pouco sobre a personalidade do Guardiã (SJ).

De acordo com David Keirsey (1984) o Guardiã (SJ) está ancorado na responsabilidade (p. 41), são tradicionalistas, e quando ficam mais velhos tendem a acentuar essas tendências. Os (SJ) acreditam que o seu dever e responsabilidade é cuidar (p. 42). Os Guardiões (SJ) valorizam títulos, honrarias, diplomas e prêmios. Pois são reconhecimentos oficiais da sociedade (p. 44).

Para Keirsey (1984) os Guardiões (SJ) têm fome de dever. São os pilares das sociedades e instituições. Os Guardiões (SJ) têm dificuldade em recusar trabalho, mesmo sobrecarregado. Não é difícil os (SJ) ficarem estressados, doentes, deprimidos, por excesso de trabalho e responsabilidade (KEIRSEY, 1984, p. 44-45).

Guardiões (SJ) também têm fome de pertencimento. Adoram participar de instituições, clubes, escolas, associações, empresas. Gostam muito de contribuir para o crescimento e desenvolvimento dessas organizações (1984, p. 47). Não é por acaso que o Guardiã (SJ) tem em sua essência a dedicação na elaboração de regras, regulamentos, manuais, para contribuir com as instituições e com a sociedade (1984, p. 46).

Não é de estranhar que são muito encontrados em escolas, onde comunicam estas regras, regulamentos, ensinamentos e valores para as gerações futuras. Pelo menos 50% dos professores e diretores de escolas são Guardiões (1984, p. 46). É facilmente visto à frente de escolas, igrejas e instituições. (SJ) tende a impor seus padrões de comportamento e conduta, que ele julga correto, é honesto, confiável e zeloso (1984, p. 85). Neste sentido, Keirsey afirma que as Escolas foram feitas para os Guardiões – SJ (1984, p. 40).

Segundo Keirsey (1984), os Guardiões (SJ) estão sempre em atividades bem estruturadas, bem organizadas, de escritório e de negócios (p.122). No ambiente de trabalho o Guardiã (SJ) fica muito irritado quando seus pares não seguem os regulamentos, não cumprem os prazos e não se atentam às normas. O (SJ) não tolera quem não cumpre as ordens e não honra prazos (p. 132).

Para Keirsey (1984) o Guardiã (SJ) precisa policiar-se para não ser demasiadamente exigente com as pessoas. Tem que tentar conter sua irritabilidade, para não desarmonizar constantemente o ambiente de trabalho. Suas preocupações com regras e regulamentos não podem inviabilizar processos ou projetos. O maior exercício do Guardiã (SJ) no trabalho é tolerar os outros, buscar ter mais equilíbrio no ambiente de trabalho. O Guardiã (SJ) necessita desenvolver a paciência para não agir em todo o instante com demasiado rigor. Também precisa se esforçar para não demonstrar a todo momento esgotamento, cansaço e irritação, isso incomoda os colegas e acaba contaminando o ambiente de trabalho (p. 132). O Guardiã (SJ) tende ao pessimismo (p. 145).

Retrato do tipo SJ (*Guardian*) 40 a 45% da população

Os SJ são as pedras angulares da sociedade, porque eles têm o temperamento que possuem aqueles que preservam e servem às instituições mais importantes de nossa sociedade. Os SJ tem um talento natural em administrar bens e serviços – da supervisão à manutenção e fornecimento – usando todas as suas habilidades para manter as coisas e procedimentos funcionando sem atritos e dificuldades em suas famílias, comunidades, escolas, igrejas, hospitais e negócios.

Todos os [4 tipos] SJ compartilham as seguintes características principais:

- orgulham-se em serem confiáveis, auxiliares, e trabalhadores.
 - são companheiros fiéis, pais responsáveis, e líderes que trazem estabilização.
 - tendem a ser conscientes de seus deveres, cautelosos, humildes, e focados em tradições e autoridades.
 - valorizam a cidadania, confiam nas autoridades, juntam-se a grupos, procuram segurança, valorizam a gratidão, e sonham em propagar e encontrar justiça.
- SJ também acreditam na lei e na ordem, e às vezes se preocupam com a perda do respeito pelas autoridades, e que até o próprio senso do que é certo ou errado esteja sendo perdido (LAUAND; MEDEIROS, 2021, p. 147).

4. David Keirse: um pouco sobre a personalidade do Racional (NT).

Segundo Keirse (1984) o Racional (NT) quer reconhecimento por suas habilidades, suas competências e sua inteligência (p. 47). O Racional (NT) é o mais autocrítico de todos os tipos. Acumula conhecimentos e habilidades. Sua busca é pela excelência. Tende ao perfeccionismo, que pode levá-lo ao esgotamento e ao stress. Às vezes são vistos como individualistas e arrogantes (p. 49). O Racional (NT) nunca acha que já sabe o suficiente. O perigo é que suas dúvidas podem paralisá-lo (p. 50).

De acordo com Keirse (1984) o Racional (NT) assume frequentemente que as pessoas envolvidas na discussão não podem compreender a complexidade de suas ideias. Isso o irrita profundamente. O Racional (NT) não consegue evitar a exposição visível de sua insatisfação com aqueles que não entendem suas ideias. Normalmente ele os faz se sentirem intelectualmente inadequados, desprovidos de inteligência (p. 51). O Racional (NT) tende a falar com nenhuma redundância, sua comunicação tende a ser compacta e lógica. Ele restringe ao máximo sua comunicação verbal, por achar óbvio que todos já entenderam o assunto ou tema em questão. Ou seja, falar o óbvio para o Racional (NT) é muito aborrecimento (p. 52). Os Racionais (NT) podem ser irônicos e sarcásticos (KEIRSEY, 1984, p. 57).

Segundo Keirse (1984) o Racional (NT) calcula cada palavra que sairá de sua boca. É preciso nas escolhas das palavras e espera que os outros façam o mesmo. Quando descobre que as pessoas ao seu redor não são assim, não esconde sua irritação (p. 53). O Racional (NT) tem preferência por trabalhar nas áreas de exatas, como engenharia e matemática. Também são vistos em áreas de ciências atuariais e análises de seguros e investimentos (p. 53-54). Eles não se sentem pressionados pelos outros ou pela sociedade, mas por eles mesmos. De todos os tipos, o Racional (NT) é o que tem grande cobrança pessoal e autocrítica (p. 87).

Keirse verificou que o Racional (NT) foca sua vida no futuro, no que pode ser, mas motivado nas possibilidades próprias (p. 65). São desligados e alheios ao fluxo familiar diário de uma casa. Normalmente, Racionais (NT) são distantes, indiferentes. São extremamente controlados. Sua razão encobre suas emoções e por conta disso são vistos como frios e insensíveis. Demonstrações de afeto e carinho em público são repugnantes para um Racional NT (p. 86). Ele raramente verbaliza expressões de afeição. O Racional (NT) se afasta de discussões apaixonadas; para o NT as discussões não são pessoais, mas intelectuais. O NT gosta de debater uma ideia, não uma paixão (p. 87).

Keirse (1984) verificou que o Racional (NT) dificilmente tem as emoções bem desenvolvidas. Normalmente suas emoções são encobertas pelo intelecto. Sua

preferência pela lógica e razão obscurece as expressões e os sentimentos. A estrutura da personalidade de um Racional (NT) possui características muito complexas (p. 88).

Retrato do tipo NT (*Rational*) de 5 a 10% da população

Os NT têm o temperamento voltado a resolver problemas, principalmente se o problema tem a ver com sistemas complexos que compõe o mundo à nossa volta. NT atacam problemas em sistemas orgânicos (como plantas e animais) ou em sistemas mecânicos (como ferrovias e computadores), ou mesmo em sistemas sociais (como famílias, empresas ou governos). Mas qualquer que seja o sistema que desperta sua curiosidade, os NT irão analisá-los a fim de entender como eles funcionam, com o objetivo de fazê-los funcionar ainda melhor.

Todos os [4 tipos] NT compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser pragmáticos, céticos, autônomos, e focados em resolução de problemas e análise de sistemas.
- orgulham-se de ser engenhosos, independentes, e determinados.
- são cônjuges razoáveis²⁵, pais individualizadores e líderes estratégicos.
- são ponderados, confiam na lógica, anseiam por realizações, procuram conhecimento, apreciam a tecnologia e sonham em entender como o mundo funciona.

Ao trabalhar com problemas, os NT tentam achar soluções que tenham aplicações no mundo real, mas estão ainda mais interessados nos conceitos abstratos envolvidos no problema, nos princípios fundamentais ou leis naturais subjacentes ao caso em análise. Eles são absolutamente pragmáticos sobre os caminhos e meios para atingir seus fins. Os NT não se preocupam em ser politicamente corretos (LAUAND; MEDEIROS, 2021, p. 148-149).

5. David Keirsey: um pouco sobre a personalidade Idealista (NF).

O Idealista (NF) segundo Keirsey (1984) tem um eterno dilema na sua vida: auto-realização, como ser feliz e produtivo ao mesmo tempo? (p. 59). Os Idealistas (NF) são cerca de 12 % da população, desejam uma vida cheia de significado, uma vida que faça a diferença no mundo. Em cada relacionamento, o idealista (NF) vislumbra um propósito maior, um significado humano. São entusiastas (p. 60).

De acordo com Keirsey (1984), os Idealistas (NF) são escritores, poetas, literatos, romancistas, psicólogos, psiquiatras, palestrantes. Falam e escrevem com fluência, frequentemente de forma poética (p. 60-61). O Idealista (NF) usa criatividade e força para angariar seguidores para suas causas. Quando entram para algum movimento, por sua paixão e brilho, são rapidamente reconhecidos e aceitos por seus pares como diferenciados (p. 61).

²⁵ *Reasonable*, aqui, obviamente, não no sentido de medianos, mas como quando se fala em “chefe razoável”, “sargento razoável” ou “nutricionista razoável”, que se pauta pelo razoável (não esqueçamos que Keirsey dá aos NT o nome *rational*s).

Para Keirsey (1984), com a mesma velocidade que o Idealista (NF) entra em um movimento, ele sai, assim que percebe qualquer falta de profundidade e significado. Seu lema é o desenvolvimento próprio e não tolera superficialidade ou enganação (p. 61). O Idealista (NF) também se envolve em atividades artísticas, onde utiliza a comunicação verbal e escrita. Quando estão desenvolvendo um papel artístico no palco ou set de filmagens, mergulham tanto na personagem que acabam confundindo suas próprias vidas com o papel que estão desempenhando (p. 62).

Raramente os Idealistas (NF) são vistos no comércio como sua atividade profissional, dificilmente estão comprando ou vendendo como área de atuação profissional (KEIRSEY, 1984, p. 62). Por vezes devotam a vida buscando e despertando o potencial das pessoas. Às vezes com sacrifícios próprios, para que outros também encontrem seu caminho. Eles podem ser ministros religiosos²⁶ (p. 62-63). O Racional (NF) escuta uma voz constante: tenha uma vida real, autêntica e cheia de significado (p. 64-65).

De acordo com Keirsey (1984), uma das disfunções deste temperamento é a de se transformar em um intelectual borboleta: que fica indo de planta em planta, de ideia em ideia, em busca de conhecimento e significado. A cabeça do Idealista (NF) não está no presente, mas no futuro, no que pode ser. Querem testar a abundância da vida (p. 64-65). Por conta da constante busca de uma vida com sentido e significado, o Idealista (NF) faz mais mudanças radicais, que outros *tipos* não entendem (p. 96).

Os Idealistas (NF) expressam nuances das emoções que escapam aos outros *tipos*. Usa com facilidade a linguagem, a poesia, a música. O ideal de amor perfeito para o Idealista (NF) nunca deixa de existir. Ele busca incansavelmente por uma parceira (o) que lhe satisfaça emocionalmente e espiritualmente – Romeu e Julieta são Idealistas NF (KEIRSEY, 1984, p. 91).

Segundo Keirsey (1984), os Idealistas (NF) são generosos e socialmente habilidosos. Não é à toa que as pessoas gostam de ficar com eles, serem recebidos em suas casas e conversar e se relacionar com eles (p. 93). Com a mesma intensidade e tolerância que um Idealista (NF) se aproxima e se aprofunda num relacionamento, se não é correspondido ou se não é valorizado, escapa dele completamente. Chega a *deletar* o relacionamento e as pessoas. Algumas vezes, por essas atitudes, são vistos como cruéis (p. 94).

Para Keirsey (1984), o Idealista (NF) necessita (e obtém) apreciação dos que estão a seu redor (p.116). A valorização dos seus pares é o combustível para cada dia e para cada atividade. Idealistas (NF) não toleram rejeição. São emocionalmente hipersensíveis, não suportam conflitos, sempre buscam harmonia. Quando lhes tiram isso, destroem sua base. Portanto harmonia e segurança fazem parte de sua identidade (p.118).

Os Idealistas (NF) escutam histórias e as recontam com imagens vívidas e espetacular criatividade. Por esse motivo às vezes são acusados de mentirosos, quando na realidade apenas usaram sua imaginação. A imaginação do Idealista (NF) é tão fértil, que ele facilmente se identifica com personagens das histórias que lhe são contadas. Na infância sonham acordados com príncipes, princesas, dragões e bruxas (KEIRSEY, 1984, p.118).

²⁶ Na disfunção, o NF pode se transformar em um fanático religioso (KEIRSEY, 1984, p. 62-63).

Retrato do tipo NF (*Idealist*)

Os NF, como temperamento, são apaixonadamente preocupados com crescimento e desenvolvimento pessoal. Empenham-se em descobrir quem eles são e como podem se tornar o melhor que eles podem ser - esta constante busca pelo autoconhecimento e autodesenvolvimento impulsiona sua imaginação. E eles querem ajudar os outros a fazer esta mesma jornada. Os NF são naturalmente atraídos para trabalhar com pessoas, seja em educação ou aconselhamento, nos serviços sociais ou na área de recursos humanos, em jornalismo ou ministério. Eles são dotados em ajudar outros a achar seus caminhos na vida, frequentemente inspirando-os a crescer como indivíduos e a realizar seu potencial.

Todos os [4 tipos] NF compartilham as seguintes características principais:

- são entusiásticos, confiam em sua intuição, anseiam por romance, procuram seu “eu” verdadeiro, valorizam relações significativas, e sonham em atingir sabedoria.
- orgulham-se em serem amorosos, de bom coração e autênticos.
- tendem a ser dádivosos, confiáveis, espirituais, e estão focados em jornadas pessoais e potenciais humanos.
- são companheiros intensos, pais estimulantes, e líderes que inspiram outros.

(LAUAND; MEDEIROS, 2021, p. 148)

6. David Keirsey: teoria dos temperamentos em diálogo com filmes e séries televisivas.

Todos os estudiosos sérios de Keirsey reconhecem a dificuldade, em muitos casos, de atinar com o *tipo* concreto de um determinado indivíduo. A teoria de David Keirsey e seus *tipos* serão letra morta se não soubermos reconhecê-los na realidade. E, reciprocamente, a própria teoria se fortalece e se torna compreensível quando é vista encarnada na realidade: voltamos à essência do ensinar na sabedoria da língua espanhola; *enseñar* é ensinar e mostrar – só se ensina, mostrando concretamente (LAUAND; MEDEIROS, 2021). Para tanto em nossa tentativa de *enseñar*, analisaremos fragmentos de um filme francês, um filme cubano e uma série canadense.

A primeira será através do drama francês *Entre les Murs*²⁷. Este filme reflete a situação desigual entre brancos e descendentes de imigrantes de ex-colônias francesas. O protagonista, professor François Marin, serve como guia para o espectador, escancarando e desmascarando as ações de alunos e de outros professores, que reforçam os problemas sociais já acentuados em uma escola de Paris. O grande diferencial do filme está em seu elenco: todos os atores principais são amadores²⁸.

O drama se passa numa Escola Pública na França, com alunos africanos, marroquinos, árabes, chineses e mulçumanos. Ou seja, alunos de culturas e temperamentos completamente diferentes, mas que a instituição tenta formar

²⁷ Entre os Muros da Escola - Filme disponível no YouTube – acesso 01/07/2021 - Link: <https://www.youtube.com/watch?v=rBXIPg7nj-Y>

²⁸ Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-filmes-imperdiveis-sobre-educacao-aeu7wkyv7tdy4saveuid34d7h/> (acesso 01/07/2021).

(enquadrar todos numa forma, num padrão único). Este desejo da instituição em colocar todos os alunos e alunas numa fôrma aparece na Reunião de professores. Aos 40min28s o diretor apresenta um plano de penalização e conseqüente redução de notas para cada ponto de indisciplina, infração dos regulamentos ou quebra de regras. Um professor argumenta que isso é necessário, afinal os castigos não surtem mais efeitos.

Neste contexto, aparece o aluno Souleymane (Mali). O aluno é um ISTP. Introduzimos aqui 2 novos elementos de refinamento na personalidade (KEIRSEY, 1984, p. 13) do Artesão (SP). Neste caso introduzimos ao temperamento (SP) a Introversão (I) e a Racionalidade (T)²⁹.

Este aluno Artesão (ISTP), não gosta de falar, não gosta de fazer nada na escola, grosseiro, briga, luta, mas é um excelente trabalhador em casa, gosta de fazer trabalhos manuais e não gosta da instituição escola. Lembrando que o Artesão (SP) odeia regras rígidas (KEIRSEY, 1998. P. 53).



Entre os Muros da Escola - <https://youtu.be/FbkVrrcV2wI>

Este Artesão (ISTP), é de escassa habilidade verbal, o que é confundido por médicos e professores com *dislexia*, falta de habilidade para aprender (KEIRSEY, 1998. P. 66-68), ou ainda com déficit de atenção ou hiperatividade, em casos extremos até equivocadamente medicados (KEIRSEY, 1984, p. 216).

Numa reunião do conselho disciplinar da Escola, na presença do Diretor a mãe começa a defender o filho, dizendo o quanto ele trabalha e ajuda na casa, o diretor responde que ajudar em casa não muda em nada sua situação de indisciplina e insolência na escola (1h:48min).

Então o Professor François Marin, numa brincadeira, incentiva Souleymane a expor fotos no lugar de escrever um trabalho (auto-retrato). O aluno faz um excelente trabalho (1h:07 min). Mesmo assim, o conselho da Escola decide expulsar o indisciplinado ISTP. O Prof. François Marin intervêm mais uma vez em favor de Souleymane, mas o conselho decide expulsar o aluno (1h:40min). A Mãe pede desculpas pelo filho (1h:50min), mas o conselho é implacável e mantém a decisão.

Depois de 2 horas, o filme termina de maneira triste e assustadora ao revelar a realidade das escolas: todos jogando futebol no pátio da escola, amigos, meninas, professores, brincando felizes. A sala de aula é mostrada na cena final vazia, bagunçada, árida, ao som das risadas, cantos e brincadeiras dos alunos lá fora. Agora todos estão felizes, acabou o período escolar, estão de férias.

²⁹ Este aprofundamento não será objeto deste estudo, mas é importante saber que um Artesão (SP) pode ser: *Promoter* (ESTP), *Composer* (ISFP), *Crafter* (ISTP) ou *Performer* (ESFP) - (KEIRSEY, 1998. p. 43).

A segunda análise é sobre a Comédia dramática cubana *Conducta*³⁰, dirigida por Ernesto Daranas. O filme ganhou dois prêmios no 2º Festival de Cinema Latino-americano da Casa da Cultura Equatoriana, em Quito. Foi um dos indicados ao Prêmio Goya 2015, e levou os prêmios de Melhor Obra de Ficção e de preferência do público. O filme retrata a vida numa escola de Havana, as personagens principais são o aluno Chala – um clássico Artesão (SP) - ESTP³¹ que gosta de apostas, rinha de cachorros, brigas, e é paquerador. O filme também apresenta a Professora Carmela.

Carmela é uma Idealista (NF), ativista, que luta por suas ideias e convicções, olha as pessoas nos olhos, e forma discípulos. Chala é um Artesão (SP) que na rua brinca com todo mundo, na escola é piadista, gosta de nadar no canal perigoso de Havana, todos os colegas vibram quando ele chega, todos torcem por ele, joga futebol muito bem, não gosta das regras.

O filme retrata a vida do aluno Chala (ESTP). Um garoto de onze anos, que vive com sua mãe viciada em drogas, Sonia. Para tentar ajudar a sustentar a casa, ele treina cães de briga e cria pombos no telhado.



Keirse (1984) diz que os ESTP são espirituosos e charmosos. Estes Artesãos (SP) encaram a vida com um grande apetite pelas coisas boas do mundo, buscando emoções, talvez como guerreiros, atletas, aventureiros ou jogadores profissionais, sempre procurando a emoção e o perigo de cortejar um parceiro ou uma parceira. Uma busca constante por excitação está presente na vida do ESTP, sempre assumindo riscos e desafios que permeiam a sua vida (KEIRSEY, 1984, p. 196-198).

As dificuldades da vida de Chala (ESTP), se refletem na escola, onde é aluno da Professora Carmela (NF), por quem ele tem grande respeito e admiração. Mas quando ela fica doente e tem que se afastar, Chala não se adapta à nova professora, que sugere que ele seja transferido para um internato.

Quando Carmela (NF) retorna, não aceita essa medida e outras imposições que aconteceram durante sua ausência. Enquanto a relação entre professora e aluno se intensificam, os dois passam a ser perseguidos na escola, levando a um conflito que reflete o complexo sistema educacional de Cuba.

³⁰ “Numa escola de Havana” (Conducta); Link: <https://www.youtube.com/watch?v=nq8HJdaBTlw>

³¹ Acrescentamos ao Temperamento (SP), a função psíquica da Extroversão (E) e da Racionalidade (T).



O pano de fundo é a Conselheira Municipal de Educação. A jovem Raquel é uma sisuda Guardiã (SJ) - ISTJ³² que defende os regulamentos cegamente, tem zero de flexibilidade, segue as regras milimetricamente, mesmo que seja para separar uma criança da mãe, mandar um pai para a cadeia, ou demitir uma professora admirável com 40 anos de magistério por permitir um santinho no mural.

Segundo David Keirse o ISTJ é um inspetor. Tudo deve ser cumprido exata e rigorosamente, nenhuma irregularidade ou discrepância é permitida. Os ISTJ são muito pacientes com o trabalho e com a instituição, mas nada pacientes com falhas individuais ou desautorização (1998. P. 107-108).

Esta personalidade grave pode ser melhor compreendida em uma personagem de Oscar Wilde, cujo título da obra é perfeito para o Guardiã (SJ), *The Importance of Being Earnest*³³.

Cecily: Caro tio Jack é muito sério! Às vezes ele é tão sério que acho que não pode estar muito bem.

Senhorita Prisma: Seu tutor desfruta da melhor saúde, e sua gravidade de comportamento deve ser elogiada especialmente em alguém tão relativamente jovem. Não conheço ninguém que tenha um maior senso de dever e responsabilidade (*Apud KEIRSEY, 1998. P. 97*).

O Conselho da Escola se reúne para advertir Carmela (NF), por ter tirado Chala do internato e por ter permitido que uma aluna colocasse no mural da classe uma imagem da Virgem da Caridade (49min). Partindo das funções psicológicas básicas³⁴ (JUNG, 1991, p. 21-22), descritas por Keirsey (1984) como o Temperamento SJ (LAUAND, 2018, p. 13-31), teremos a combinação que une realismo, organização e planejamento, que tende a sustentar as instituições e tradições (LAUAND, 2019, p. 17 e 53). Os Guardiões (SJ) não permitem deslizos ou adaptações.

Nossa última análise, será um fragmento da Série Canadense *ANNE WITH AN E*, dirigida por Moira Walley-Beckett, disponível em 3 Temporadas na Netflix. A história se passa no interior do Canadá. Depois de treze anos sofrendo no sistema de assistência social, a orfã Anne é mandada para Avonlea, para morar com uma solteirona e seu irmão. Munida de sua imaginação e de seu intelecto, a pequena Anne vai transformar a vida de sua família adotiva e da cidade que lhe abrigou, lutando pela sua aceitação e pelo seu lugar no mundo. O ponto central da história se encontra na vida estudantil, em torno do: Guardiã Professor Phillips (SJ), Artesã Professora

³² Neste caso adicionamos ao Temperamento (SJ), as funções da Introversão (I) e da Racionalidade (T).

³³ A Importância de Ser Sério.

³⁴ Keirsey ao elaborar os conceitos dos 4 Tipos principais de Temperamento, se utiliza das descrições comportamentais das funções psicológicas de Jung (KEIRSEY, 1984, p. 27).

Muriel Stacy (SP), a Idealista aluna Anne (NF), o Idealista aluno Cole (NF) e o aluno Racional Gilbert Blythe (NT).

Primeiro dia de aula da Idealista (NF) Anne – com uma imaginação aguçada, ela conversa com árvores (Temporada 1 – Episódio 1), vive num mundo mágico da princesa Cornélia que será salva pelo príncipe (Temporada 1 – Episódio 2); quando vai para a escola, com sede de aprendizado e espanto, encontra o professor Phillips (SJ), que começa amputar sua força, seu brilho e a humilha na primeira intervenção: “Eu mandei você falar?” (14:00 min - Temporada 1 – Episódio 3).



Na sala de aula, a aluna Diana Barry (SJ) é chamada para realizar leitura em voz alta. Quando começa a ler, demonstra grande incapacidade para leitura (32 min); Quando Anne (NF) é chamada para a leitura, ela não só lê, como interpreta, sente e vibra numa leitura apaixonada e empolgante; a turma não entende tamanha profundidade e zomba com risadas da nova colega (32min:45s). O professor Phillips (SJ) demonstra no seu corpo e na sua face que achou ridículo, o que estimula mais zombaria: “Deus tenha piedade”; o que magoa profundamente a empolgada leitora (33:20 min); O professor chama Josie Pye (SJ), que faz uma leitura “perfeita”, morna, cinza, sem vida, que recebe todo apreço do professor e da classe (33min:42s - Temporada 1 – Episódio 3).

Depois de puxarem seu cabelo, Anne (NF) explode e reage, o professor a chama na lousa, e escreve no quadro: “Anne Shirley tem um péssimo gênio”; diz que na sociedade civilizada não se permite destempero, que isso sirva de exemplo para todos (41min:25s); O aluno Gilbert Blythe (NT) se levanta e diz que a culpa foi dele, que ele a provocou, o professor diz que isso não é desculpa para a atitude de Anne (41min:45s - Temporada 1 – Episódio 3). O Idealista (NF) é extremamente sensível e não suporta ambientes autoritários e desumanos (KEIRSEY, 1984, p. 153).

Anne (NF) não obedece ao autoritário professor, e sai andando para espanto dos alunos. O professor estupefato repete sem sucesso: “volte aqui!!!”; a cena é marcante: mostra a aluna saindo correndo da escola, para os campos abertos. Fuga da prisão, em busca de Liberdade: mostrando que a escola é um lugar onde não se permite a imaginação, a alegria e a criatividade, escola é espaço onde opressão e tristeza estão presentes, onde a injustiça reina entre os muros. A única atitude possível para a liberdade é fugir deste ambiente de ar pesado e rarefeito, não afeito à criatividade e à paixão pelo conhecimento. Ao chegar em casa Anne é abraçada pela mãe adotiva Marilla, que diz: “eu sei como se sente - as pessoas são cruéis” (41:27/42:23 - Temporada 1 – Episódio 3).

O aluno Cole (NF), que adorava desenhar e pintar, mas que ficara com o movimento das mãos comprometido para sua arte ao cair da escada³⁵ (Temporada 2 -

³⁵ Um colega de classe o derrubou propositalmente, enquanto Cole pintava o cenário de uma peça da escola.

Ep. 7), é incentivado por uma artista, a também fazer sua arte com argila, pois além de ajudar na recuperação dos movimentos, ele pode se apaixonar: “sua arte não está perdida, jamais estará” (30min:51s - Temporada 2 – Episódio 7).



Ridicularizado pelos colegas de classe por sua hipersensibilidade, Cole (NF) decide não mais ir para escola, agora sai pela manhã e vai para o Clube de Histórias, e começa a fazer esculturas de argila. (43 min - Temporada 2 – Episódio 7). Cole (NF) pergunta para Anne (NF) se ela será uma escritora. Ela responde que talvez, pois ela tem muitas possibilidades: “Talvez eu seja muitas coisas” – Com uma caneta nas mãos diz: “Agora a batizo como Caneta de Possibilidade” (43min:20s – Temporada 2 - Episódio 7). Segundo Keirse, o Idealista (NF) foca sua vida no futuro, nas possibilidades. Querem testar a abundância da vida (KEIRSEY, 1984, p. 65).

O aluno Gilbert Blythe, é um Racional (NT) que sonhava ser médico. Tentou pedir ajuda extra para estudos ao Professor Phillips (SJ), que respondeu que não recebia para ensinar em horários extra classe. Gilbert (NT) tranquilamente estudava sozinho. Tornou-se autodidata, sabia mais que os outros alunos (Temporada 2 – Episódio 7).



Jovens Racionais (NT) tendem a estudos independentes, gostam de ler e estudar pelo simples prazer de conhecer. São autodidatas. Desta forma como não são adeptos da comunicação, se cansam ao ter de preencher relatórios ou lições de casa que julgam sem sentido e buscam conhecimento além da sala de aula. Muitas vezes, professores e mentores não os entendem e acham que foram displicentes com a lição de casa, mas eles na verdade foram além, apenas não preencheram os relatórios (KEIRSEY, 1984, p. 125)

Para alegria e total empolgação da Idealista (NF) Anne, a Professora Muriel Stacy (SP) – motoqueira, pede para todos se levantarem, afastarem as mesas e se sentarem no chão para se apresentarem: Anne pensa: “A escola finalmente será tudo o que sempre sonhei” (5min:16s - Temporada 2 – Episódio 9).

Anne (NF) fica maravilhada com a nova professora Stacy (SP). Segundo Keirse os Idealistas (NF) são atraídos pela liberdade dos Artesãos (SP). Ficam encantados com a sensualidade e espontaneidade dos Artesãos (SP) (KEIRSEY, 1998, p. 237 - 238).

Interessantemente, no final da temporada 3 e Episódio 10 a última cena é o surgimento do romance entre a Idealista (NF) Anne e o Racional (NT) Gilbert. Terminaram o ensino médio, ambos irão para diferentes universidades. Antes de embarcarem no trem, declaram seu amor.

Considerações finais

Nesta pesquisa, pudemos perceber que os Guardiões (SJ) são o Tipo predominante entre os educadores, uma vez que este grupo ocupa aproximadamente 75% das vagas de Supervisores e Diretores, Coordenadores e Docentes nas escolas (VIANNA, 2019, p. 134). Cada *Tipo* possui um leque de atividades, que faz com gosto, desenvoltura e naturalidade. Os SJ são constantemente atraídos como imã para as instituições de ensino (VIANNA, 2019, p. 133).

Outro ponto importantíssimo que precisamos levar em conta neste estudo é que não só Diretores e Supervisores de ensino são maioria, mas que aproximadamente 45% de toda a população é Guardiã SJ (LAUAND, 2019, p. 46). Isto significa que os pais e mães dos alunos (de todos os *Tipos*) também exigem e esperam uma escola (SJ), lembrando que os Guardiões (SJ) são organizados, meticolosos e cautelosos (LAUAND, 2018, p. 34), impacientes com falhas e desautorizações (KEIRSEY, 1998, p. 107-108).

Talvez um exemplo concreto da análise que estamos realizando encontra-se num recorte da série televisiva *Anne with an E*, quando os pais e responsáveis se reúnem para demitir a Professora Muriel Stacy (SP). Afinal, como já falamos, em vez de utilizar as carteiras ela coloca os alunos (as) sentados no chão, no lugar da lousa utiliza batatas, fios elétricos e lâmpadas, no lugar de aulas expositivas e preenchimento de formulários, os alunos constroem e testam suas habilidades em experiências concretas. Dirigentes da escola SJ e pais SJ, horrorizados com o abandono dos métodos tradicionais (ainda mais que a ação se passa no fim do século XIX) querem demiti-la. Em uma das falas sobre o que eles esperavam de um professor (a) para seus filhos e filhas, dizem todas as características de um SJ:

Um professor deve impor regras e manter a ordem. Deve ensinar os alunos a ser obedientes [...], a respeitar os mais velhos e a ter moralidade. Estes são os princípios da educação. Crianças devem se calar, respeitar e ser honestas, pontuais, asseadas e organizadas. O objetivo da educação é criar uma força de trabalho melhor, com ênfase no bom comportamento, na habilidade de seguir instruções [...] Não existe lugar [na educação] para brincadeiras e atividades sem sentido³⁶.

³⁶ ANNE WITH AN E, é uma série Canadense disponível na NETFLIX ganhadora do Canadian Screen Awards. Baseada no livro *Anne of Green Gables* de Lucy Maud Montgomery e protagonizada pela atriz Amybeth McNulty. O assunto em questão acontece na 2ª. Temporada no Episódio 10 aos 32 minutos.

Logicamente, o aluno (a) SJ se encaixará bem neste modelo (LAUAND, 2018, p. 34), afinal a escola foi feita para o SJ (KEIRSEY, 1984, p. 40). Keirsey sugere a seguinte experiência: se olharmos para uma sala de aula de jardim de infância, podemos facilmente observar cerca de uma dúzia de crianças SJ de cinco anos, procurando com sinceridade e empenho as pistas que lhes indicarão o que devem fazer. O resto das crianças, principalmente SPs junto com um número pequeno de NTs e NFs, estarão como animaizinhos, pulando, brigando, cheirando e mastigando. Resumindo: esta escola feita por SJ e para os SJ, tem como objetivo transformar esses filhotes brincalhões em adultos sérios e orientados para o dever, que buscam apenas saber o que devem fazer (KEIRSEY, 1984, p. 40).

Claro que estamos aqui falando do SJ “puro” e de suas disfunções. Quando há grandeza e compreensão, os SJ (e os demais tipos) são abertos, acolhedores e sabem reconhecer e valorizar valores próprios de outros tipos e, para usar a formulação keirseyana, eles são “os pilares da sociedade” (KEIRSEY, 1984, p. 85). Mas, se há estreiteza de mente, a educação imposta na maioria das escolas é opressora, causa “culpa indevida” pelo insucesso, como uma “sobra invasora”. Esta educação desumanizante (FREIRE, 2017, p. 81), define os seres humanos como *winner/losers*. Este modelo está fadado ao fracasso. A educação não pode ser triste, “carrancuda” (LAUAND, 2011, p. 19), tem que ter “alegria” e “boniteza” (FREIRE, 2017, p. 133 – 139).

É certo que a educação sem beleza que estamos vivenciando atualmente, com seus sistemas e pacotes de ensino, simplistas e formatados, é uma educação triste. Uma educação que não está trabalhando em prol do desenvolvimento do ser humano, mas em prol da indústria e do mercado. Como escreve Rubem Alves, os estudantes sabem que são

...vítimas de uma conspiração adulta que cria as instituições educacionais, instituições estas que, na verdade, são fábricas que produzem pessoas bem acabadas com as arestas aparadas (ALVES, 2012, p. 66).

transformando as pessoas sensíveis e amorosas em robôs idênticos, para servirem no campo industrial operando máquinas diferenciadas. Que devem olhar o mundo da mesma forma. Nem que para obter a destreza imposta, os alunos(as) devam ser mutilados de suas características individuais (MARX, 2008, p.128-129).

Em outras palavras, como se o mundo tivesse apenas uma forma para ser visto. É o embrutecimento do espírito.

...Ocorre quando o homem já não é capaz de se admirar ou precisa do sensacionalismo do estapafúrdio para provocar [...] verdadeira admiração (LAUAND; CASTRO, 2011, p. 31).

Como escreve Keirsey em *Please Understand Me*:

Por favor, não queira fazer de mim uma cópia sua; não diga que sou errado, apenas por não querer aquilo que você quer; Minhas emoções, ações, crenças, não são certas ou erradas, elas são minhas; Não quero que você as abrace como suas, quero apenas que você me compreenda (KEIRSEY, 1984, p. 1).

Talvez a essência desta pesquisa seja a de que as pessoas são diferentes umas das outras. E não existe razão para querer mudá-las, pois as diferenças na verdade são boas, não más (KEIRSEY, 1984, p. 2).

Referências bibliográficas:

ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação*, São Paulo/SP: Fonte Editorial, 2012

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Forense Universitária, 2003

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*, São Paulo/SP: Ed. Perspectiva, 2012

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Rio de Janeiro & São Paulo: Paz e Terra, 2017

JUNG, Carl. C. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991

KEIRSEY, David; BATES, Marilyn. *Please Understand Me: Character & Temperament Types*. Del Mar/USA: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David. *Please Understand Me II: Temperament, Character and Intelligence*, Del Mar – CA/ USA: Prometheus Nemesis Book Company, 1998

LAUAND, J. S. *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a educação. Um estudo da sitcom “Everybody loves Raymond”*. São Paulo: Factash, 2014

LAUAND, JS, João Sérgio. *David Keirsey e o temperamento das crianças – estilos de aprender e de ensinar*, In: LAUAND, Jean (org). *Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação*, São Paulo/SP: Kapenke/CEMOROC, 2019

LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G. (orgs.). *Filosofia e Educação: Universidade*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP) / FACTASH Editora, 2011

LAUAND, Jean (org). *Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação*, São Paulo/SP: Kapenke/CEMOROC, 2019

LAUAND, Jean (org). *Uma Introdução à tipologia de David Keirsey*, São Paulo/SP: Fatash/CEMOROC, 2018

LAUAND, Jean; MEDEIROS, Alexandre. *Tipos de David Keirsey na escola – um roteiro de pesquisas*, Revista *Convenit Internacional* vol.35 - jan-abr 2021 CEMOROC - FEUSP, 2021

MARX, Karl. *O Capital*, Edição Condensada, Bauru/SP: Edipro, 2008

MARCHETI, Pedro (org.). *Sofrimento & Depressão: os desafios da Educação – I* Coepta N. 5 - ed. especial da Revista Internacional d’Humanitats 51 jan-abr 2021 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona - São Paulo - 2021

MARCHETI, Pedro (org.). *Sofrimento & Depressão: os desafios da Educação – II* Coepta N. 5 - ed. especial da Revista Internacional d’Humanitats 51 jan-abr 2021 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona - São Paulo – 2021

MEDEIROS, Alexandre. Metodologia Humanista e Humanitária: uma proposta de ensino, Revista Conventit Internacional, volume 29, jan-abr 2019, páginas 137 - 146, CEMOROC/FEUSP & Universidade do Porto, 2019

MEDEIROS, A. Metodologia para uma educação humanista e humanitária: caminhos possíveis In: Marilena Rosalen (org.). Movimentos Docentes: experiências, vivências e histórias. 1ed. Diadema/SP: V&V Editora, 2020, v.I, p. 14-41

MEDEIROS, Alexandre. Modelo Educacional Excludente: caminhos de uma metodologia sem o humano. In: ROSALEN, M.; CAROLEI, P. Movimentos Docentes: Confluências na Educação. Coleção Comunidade Movimentos Docentes. Diadema: V&V Editora, 2020b (UNIFESP) Cap. 2 – Páginas: 67 – 90

PRADO, Adélia. *Bagagem*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Record, 2014

VIANNA, Nadia Wacila Hanania. *A Tomada de Decisões Estratégicas na Escola: análise à Luz dos Perfis de Keirsey*, In: LAUAND, Jean (org). *Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação*, São Paulo/SP: Kapenke/CEMOROC, 2019

WEBER, Marx. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, São Paulo/SP: Cia. das Letras, 2004

WEBER, Marx. *Economia e Sociedade Vol I*, Brasília: UNB, 2012

Referência digital:

KARNAL, Leandro. <https://www.facebook.com/452359041795648/posts/947925285572352/?app=fbl> – acessado em 24/10/2019

MEDEIROS, Alexandre. *PSICOLOGIA & EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA O SISTEMA EDUCACIONAL À LUZ DOS TIPOS PSICOLÓGICOS DE DAVID KEIRSEY* – ISBN: 978-65-88471-03-6 | <https://doi.org/10.47247/VV/LAA/88471.03.6> - publicado nos Anais do Encontro Nacional Movimentos Docentes da Universidade Federal de São Paulo e V&V Editora, 2021

VARELLA, Drauzio; SCIVOLETTO, Sandra. Entrevista com o Dr. Drauzio Varella e a Dra. Sandra Scivoletto, - <https://drauzioarella.uol.com.br/entrevistas-2/depressao-infantil-e-na-adolescencia/> - acessado em 27/03/2019.

Tipos Psicológicos & Educação: Teoria dos Temperamentos a partir do diálogo entre David Keirsey e Neil deGrasse Tyson³⁷

Alexandre Medeiros

Resumo: Numa entrevista a *Tom Bilyeu* no programa *Program Impact Theory* —Neil deGrasse Tyson no dia 19 de novembro de 2019, deGrasse nos brinda com algumas evidências de sua personalidade que nos permitem analisá-la em diálogo com a Teoria dos Temperamentos do Psicólogo David Keirsey.

Palavras Chave: Tipos Psicológicos. Temperamentos. ENTP. David Keirsey.

Abstract: In an interview with Tom Bilyeu on the Program Impact Theory - Neil deGrasse Tyson on November 19, 2019, deGrasse offers some evidence of his personality that allows to analyze it in dialogue with the Psychologist Theory of Temperaments David Keirsey.

Keywords: Psychological Types. Temperaments. ENTP. David Keirsey.

Introdução



(<https://www.youtube.com/watch?v=Tv0kQbOIrjY>)

O presente estudo é um esboço do Tipo NT de David Keirsey em diálogo com as evidências³⁸ oferecidas por Neil deGrasse Tyson sobre sua personalidade no dia 19 de novembro de 2019, em entrevista a *Tom Bilyeu* no programa *Program Impact Theory*³⁹. Para esta análise, a fala de deGrasse dialogará com a Teoria dos 04

³⁷ Artigo Publicado nos Anais do Congresso Internacional Movimentos Docentes 2021 – UNIFESP/SEPAD/PRATIC. Volume I, pp. 20-30, novembro/2021 – Universidade Federal do Estado de São Paulo

³⁸Estas evidências são apresentadas a partir dos 21:10 minutos no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Tv0kQbOIrjY> – acessado em 16/09/2020.

³⁹ Site do Programa: <https://impacttheory.com/episode/neil-degrasse/> - acessado em 16/09/2020.

Temperamentos apresentada por Keirsey na obra *Please Understand Me* (1984). Utilizaremos também como recurso adicional uma breve entrevista que deGrasse concedeu à Revista Galileu (2016).

David Keirsey lançou sua primeira versão de *Please Understand Me* em 1978 (KEIRSEY, 1998), que causou um profundo e duradouro impacto em todo o mundo. Foi traduzido em diversas línguas e vendeu mais de 02 (dois) milhões e meio de exemplares. Keirsey resumiu nessa obra “suas observações de vários anos de prática de psicologia e observação de comportamentos” (LAUAND, 2020, p. 4).

Para Keirsey o ponto principal desta obra é compreender que as pessoas são diferentes umas das outras. E não existe razão para querer mudá-las, pois as diferenças na verdade são boas, não más. Precisamos entender que as pessoas creem, pensam, sentem, conceitualizam e percebem a vida de forma diferente (KEIRSEY, 1984, p. 2).

O objetivo deste esboço é oferecer aspectos didáticos palpáveis para se compreender estas diferenças psicológicas que Keirsey tão bem elabora. Esse objetivo não deve de modo algum ser menosprezado. Todos os estudiosos sérios de Keirsey⁴⁰ reconhecem a dificuldade, em muitos casos, de atinar com o tipo concreto de um determinado indivíduo. A teoria de David Keirsey e seus tipos serão letra morta se não soubermos reconhecê-los na realidade. E, reciprocamente, a própria teoria se fortalece e se torna compreensível quando é vista encarnada na realidade: voltamos à essência do ensinar na sabedoria da língua espanhola⁴¹; *enseñar* é ensinar e mostrar – só se ensina, mostrando concretamente.

Entender estas preferências é de suma importância. Afinal, como Keirsey destaca, por não enxergarem, por não compreenderem as diferenças de comportamento dos outros, tendemos a achar que suas ações, atitudes, são maldades, ruindades, estupidez e até doença. É por esse motivo e outros que temos a tendência em querer transformar as pessoas que estão ao nosso entorno em cópias nossa. Keirsey adianta que é impossível (KEIRSEY, 1984, p. 2).

1. Entendendo os Temperamentos: um breve esboço.

De acordo com João Sérgio Lauand (2020, p. 1),

o psicólogo norte-americano David Keirsey afirmou em suas teorias que todos podemos ser distribuídos por quatro características de temperamentos. A Humanidade pode ser dividida, então, em quatro grandes grupos, e cada um de nós estará em um deles. Usando a terminologia de Aristóteles ele os designou por Artesãos (SP), Guardiães (SJ), Racionais (NT) e Idealistas (NF).

Keirsey depois de 20 anos de pesquisa (1978 – 1998), refinou a teoria dos 04 temperamentos e definiu traços únicos de caráter nos 16 tipos. Cada um de nós para Keirsey tem os quatro tipos de inteligência: tática, logística, diplomática e estratégica. Suas pesquisas mostram que algumas destas inteligências são mais preponderantes em cada um de nós. Fazendo com que cada tipo tenha um destas inteligências mais desenvolvidas e preferíveis que as outras (KEIRSEY, 1984, p. 210).

⁴⁰ Incluo aqui inequivocamente a compreensão dos estudiosos do principal polo de pesquisas acadêmicas no Brasil sobre a tipologia de David Keirsey, [...] o Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente, do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP – CEMOROC/FEUSP (LAUAND, 2019, p. 5).

⁴¹ *Enseñar* – Conceito elaborado e utilizado por Jean Lauand em suas aulas, cursos, seminários e congressos.

Portanto inicialmente precisamos compreender os 04 tipos de temperamentos e saber distinguir um do outro – SP/SJ/NF/NT (KEIRSEY, 1984, p. 13). Os (SP) têm uma alegria borbulhante; Os (SJ) são pensativos; O (NT) relutante em expressar afeto; O (NF) necessita (e obtém) apreciação dos que estão no seu entorno (KEIRSEY, 1984, p.116).

Os (SJ) aprendem através de explicações sequenciais, explicações passo a passo; Os (SP) aprendem de forma lúdica, com atividades e ação; Os (NF) aprendem com contato pessoal, interação humana; Os (NT) aprendem com explicações precisas, sem prolixidade ou redundâncias, que muito incomodam o (NT) - (KEIRSEY, 1984, p.113).

Os (SP) gravitarão em torno da música, das artes dramáticas, das oficinas mecânicas, das construções gerais e de tudo o que envolve ação; Os (SJ) estão em atividades de escritório, bem organizadas e bem estruturadas. Também em classes de negócios. Os (NF) estão nas humanidades e nas ciências sociais; O (NT) é encontrado nas classes de matemática e ciências (KEIRSEY, 1984, p.122).

O estudante (SP) não levará o boletim para casa, vai esquecer; O (NT) vai verificar nele sua *performance*; O (NF) encarará o boletim como uma valorização ou desvalorização pessoal; O (SJ) é o que mais levará o boletim seriamente de todos os tipos, este documento é extremamente importante para ele (KEIRSEY, 1984, p.124).

Resumindo, cada tipo de temperamento tem características que contribuirão para as instituições e corporações. O (SJ) trará confiança e estabilidade; O (SP) estará sempre disposto a resolver as crises e os problemas da empresa; O (NT) estará sempre em busca do aprimoramento dos processos e de inovação; O (NF) será o óleo que facilitará que todas as engrenagens funcionem harmonicamente, aquele que trará entusiasmo e alegria para a instituição (KEIRSEY, 1984, p. 152-153).

Segundo João Sérgio Lauand (2020), Keirsey define temperamento como uma configuração de inclinações.

Essa configuração vai ter um peso muito grande em minhas decisões, reações, sentimentos etc. Observando os resultados dos estímulos da vida sobre cada um de nós, ele chegou a quatro grandes grupos que demonstram diferentes formas de se relacionar, de conviver com regras, de trabalhar mais com o concreto ou com o imaginativo etc. É claro que nossas reações e decisões dependem de muitos outros fatores além do temperamento: da educação, do meio em que cada um está, do desejo de agradar e de ser estimado, das nossas experiências ao longo da vida [...] De qualquer forma a marca do temperamento é um dado inicial que está presente desde cedo, e acompanha cada um de nós, influenciando nosso comportamento (LAUAND, 2020, p. 01).

2. Neil deGrasse Tyson: compreendendo o Temperamento NT.

Tyson é o segundo de três irmãos, nasceu em 1958 num bairro de Manhattan na cidade de Nova York/EUA, mas cresceu no Bronx. Tyson frequentou a *Bronx High School of Science* (1972–1976, com ênfase em astrofísica) onde foi o capitão da equipe de *wrestling* e redator-chefe do *Physical Science Journal* da escola. Depois de uma visita ao *Hayden Planetarium*, teve um interesse permanente por astronomia desde os seus nove anos de idade⁴².

⁴² Galileu, Revista (Globo) - <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/09/9-reflexoes-que-vao-te-introduzir-ao-pensamento-de-neil-degrasse-tyson.html> - acessado em 16/09/2020 - 2016

Segundo Keirse, crianças (NT) necessitam de uma abertura maior para experimentações. Sua busca constante por respostas deve ser incentivada, e se possível até provendo os meios e materiais necessários. A Criança (NT) tem sede por conhecimento (KEIRSEY, 1984, p.115).

Como um típico (NT) Neil deGrasse Tyson estudou na Universidade de Harvard (AB), na Universidade do Texas em Austin (MA) e na Universidade Columbia (PhD). Recebeu o Prêmio NASA por Serviço Público de Destaque (2004), Prêmio Memorial Klopsteg (2007), Medalha Bem-Estar Público (2015). Atua nas áreas da Astrofísica, Cosmologia Física, Comunicação Científica⁴³.

De acordo com Keirse, o NT tem paixão pelo conhecimento. O NT leva a sério a questão de conhecimento, por desejar que os outros o reconheçam por sua competência e intelectualidade (KEIRSEY, 1984, p. 53). O NT é o mais autocrítico de todos os tipos. Acumula conhecimentos e habilidades. Sua busca é pela excelência. Tende ao perfeccionismo (KEIRSEY, 1984, p. 49).

Nossa pesquisa inicia-se aos 21:10 min, ponto da entrevista em que deGrasse fala que o Ensino Médio é um *laboratório* de aprendizagem para vida. Neste trecho algumas evidências do seu temperamento são expostas. Vale lembrar que o futuro está muito presente no discurso, característica do NT apontada por Keirse (KEIRSEY, 1984, p. 65).

I think high school that's where you learn how to deal with difficult people there's not a single high school movie that doesn't show the angst, of the cliques that have formed and what their relationships are that they have to another;

It's this microcosm of real stuff to goes on in the real world there are beautiful people and they will get jobs, you're not going to get okay.

There are people who are nasty, you're gonna have to navigate them, there are people who you can not interact with for whatever reason or another they're gonna be in the cubicle next to you in your workplace;

Além da dimensão de futuro presente no discurso, encontramos também o aspecto racional (T) de experiência laboratorial. Os racionais (T) são regidos por decisões, escolhas, impressões (KEIRSEY, 1984, p. 20). Neil deGrasse Tyson não compreende como alguém se incomoda com o ambiente hostil do ensino médio das escolas americanas.

So, I think we undervalue the total social pot; that people are tossed into in their High School experience, they want to say: "oh I could have learned more, but I had to deal with all these people";

Este discurso é tipicamente de um mal entendido entre os racionais (T) e os sentimentais (F). O (T) espera algo mais lógico e menos emocional, enquanto o (F) espera mais sentimentos e expressões afetivas externas (KEIRSEY, 1984, p. 21). Neil deGrasse Tyson, não compreende como alguém pode ficar incomodado com dificuldades de relacionamentos no ambiente escolar. Para ele, lidar com estas pessoas e as dificuldades do ensino médio é o laboratório para o preparo para vida real. Ele mostra não compreender os que não suportam a hostilidade deste ambiente.

⁴³ *Ibidem.*

Having to deal with all these people is now in your portfolio for when you're in the workplace;

É certo que o NT normalmente tem suas emoções acobertadas por seu intelecto. Sua preferência pela lógica e razão, obscurece as expressões e os sentimentos. A estrutura da personalidade de um NT possui características muito complexas. Por essas e por outras, identificar e compreender os tipos NT não é tarefa fácil (KEIRSEY, 1984, p. 88).

Num determinado momento da entrevista, aos 22:50 min, Neil deGrasse Tyson fala com a sinceridade do NT, que talvez ele não se encaixe no padrão do programa. Ele diz que o entrevistador Tom Bilyeu leva pessoas que tem uma história de superação e riqueza para mostrar que deram a volta por cima. Ele fala que não faz nada por ambição ou riqueza, mas para ser o melhor.

Oh, yeah, so, first of all just to be clear I don't know that I totally fit the philosophy of this show and I've seen many of your shows not all of them but many and what's driving the conversations and your motivation for guest that you have in this couch;
Is that they, they had some vision statement and they and they're grit, okay;
They got knocked down they stood back up they tried another way they got knocked down again then, they were successful either measured by wealth or influence or, or just joy in their life's passions;
For me what I do for the public, is prime almost the 80 plus percent of, it is driven by duty, not by ambition.

Afinal, o NT não fica motivado com riqueza, mas com conhecimento (KEIRSEY, 1984, p. 88-89). Nessa entrevista, Neil deGrasse Tyson deixa claro que ele quer ser o melhor no que ele faz por um dever maior, não por ambição. Ele afirma que fará melhor sempre, pois assim contribui para a sociedade.

Exemplificando o que Keirsey diz, ao longo do programa deGrasse deixa claro sua preferência pela lógica e razão. Normalmente sua emoção é acobertada por seu intelecto (KEIRSEY, 1984, p. 88).

Segundo Keirsey, o NT é tão racional que tudo para ele pode ser estudado e aprendido cientificamente. Para o NT todas as coisas são ciência e lógica, e pode ser estudado (KEIRSEY, 1984, p. 88-89). Para Keirsey, o NT assume frequentemente que as pessoas envolvidas têm capacidade de compreender a complexidade de suas ideias. Se isso não acontece, e por algum motivo as pessoas não compreendem suas ideias ele fica profundamente irritado. O NT chega a pensar que aqueles que não compactuam com suas ideias e seu entendimento, são intelectualmente inadequadas, desprovidas de inteligência (KEIRSEY, 1984, p. 51).

Em reportagem da Revista Galileu o articulista diz que deGrasse se exalta com uma facilidade incrível quando começa a falar de ciência e conhecimento, e acha um absurdo que as pessoas não percebam como o dinheiro investido na academia hoje será afinal revertido em soluções práticas (GALILEU, 2016). Não é a toa que Keirsey adverte que os NT às vezes são vistos como arrogantes (KEIRSEY, 1984, p. 49).

Segundo Keirsey, se o (NT) for questionado sobre problemas ou situações que julgue simples, pode ser indelicado e rude ao responder com irritabilidade. Normalmente deixa evidente que achou a interpelação ridícula e sem sentido. Não

esconde o ar de superioridade e sua repulsa aos questionamentos simples e redundantes (KEIRSEY, 1984, p. 144).

Foi o que aconteceu aos 27:55 min da entrevista, quando questionado sobre propósito de vida, Neil deGrasse foi até um pouco sarcástico, uma das características do NT (KEIRSEY, 1984, p. 57). Ele disse que poderia fazer como muitas pessoas fazem e procurar o propósito da vida atrás de uma árvore ou debaixo de uma pedra. *Aí dizer: Opa, aí está o significado da vida.* Mas ele diz que não procura significado ou propósito na vida, mas cria seu próprio significado e seu propósito através do conhecimento.

Purpose, I consider purpose and meaning equivalent in this answer, maybe there's a way to divide them but let me treat them as the same for the moment. Many people, look for meaning in life as though they will you know I'm still searching for meaning and what my life... as though it's gonna be under a rock or behind a tree: "Oh there's my meaning", and I'm thinking to myself: you have more power than that; You have the power to create meaning in your life, rather than passively look for it;

So, for me I create the meaning, and meaning no me, is "do I know more about the world today, than I did yesterday?", that enhances meaning for me, and if that accumulates at an accrues daily, in a month, you know way more than you did then just that day later; so, that you continue to grow.

Segundo Keirsey, o (NT) a cada dia escala rumo à perfeição em suas atividades e suas pesquisas (KEIRSEY, 1984, p. 126). Afinal como diz Keirsey e corrobora o texto acima, o (ENTP) vê significado em seus projetos e em seu trabalho (KEIRSEY, 1984, p. 184).

Numa entrevista à Revista Galileu da Editora Globo em 2016, deGrasse quando perguntado sobre o sentido da vida ele responde:

Quando eu penso em um significado para a vida, eu me pergunto: será que eu aprendi algo hoje que me deixou um pouco mais perto de saber tudo que há para se saber no universo? Se eu não sei mais em um dia do que eu sabia no dia anterior, para mim esse foi um dia desperdiçado. (...) Então, essa não é uma questão eterna e sem resposta — ela está ao alcance das minhas mãos todos os dias (GALILEU, 2016).

Segundo Keirsey o (NT) se irrita quando pedem para que ele faça algo sem lógica, sem uma explicação racional plausível. O (NT) insiste em fazer o melhor trabalho possível, no menor tempo possível, com o menor esforço possível, com a maior eficiência possível. Quando regras, padrões ou regulamentos são exigidos sem uma lógica ou uma prova empírica de eficácia, o (NT) fica profundamente incomodado (KEIRSEY, 1984, p. 132). Para Neil deGrasse, convicções pessoais jamais podem se sobrepor a verdades objetivas (GALILEU, 2016).

O entrevistador Tom Bilyeu aos 29:50 min pergunta como Neil desenvolveu seus valores básicos, que incluem ajudar os outros. Neil em sua resposta empreende uma crítica à escola tradicional. Mostrando que ela não ensina e não prepara as pessoas para a vida real, não ensina o que realmente as pessoas precisam para viver.

No one ever told me that, I had to search for meaning in life, to begin with. So that it was never even a part of me, it was: “I got my life this is who and what I am, this is what I did in school; these are my dreams, ambitions...” How do I create meaning in my life as I go forward? My first question of me, wasn’t where do I find meaning, it was how do I create meaning and that started early, early teens;

De acordo com David Keirse o (NT) prefere apresentações lógicas (KEIRSEY, 1984, p.117), pois aprende com explicações precisas (KEIRSEY, 1984, p.113). O (NT) necessita de uma abertura maior para experimentações. Sua busca constante por respostas deve ser incentivada, e se possível até provendo os meios e matérias necessários. Tolher este impulso ou cercar a criança (NT) de experimentar abundantemente a vida será perturbador para o NT (KEIRSEY, 1984, p. 115).

Esta perturbação é esboçada aos 32:18 min da entrevista com Tom Bilyeu, quando Neil deGrasse Tyson conta uma história em que ficou indignado com uma mãe ao tirar do filho a oportunidade de usar o cotidiano como um laboratório.

I was in Central Park, we were just finished seeing one of the Shakespeare in the Park performances, and it rained a little earlier, so there were puddles in some of the walkways.

I saw a woman walking with their kid. The kid has galoshes on and a raincoat on, and they’re coming down the walkway, and this big juicy muddy puddle right there, and I said:

“Please let the kid jump in the puddle, you know the kid wants to jump in the puddle (the kid is like three or four). You know the kid... and what is that the mother do? She pulls the kid around to prevent that from happening.

That’s on experiment in cratering that’s; What crater has happened that way you splash the water there’s mud, it’s fun, you get to see the cause and effect, of a force, downward force operating on a fluid... Gone! that was a bit of curiosity in that moment that was extinguished.

Segundo Keirse o (NT) valoriza uma educação voltada para o conhecimento científico, focada no desenvolvimento das habilidades e competências. (KEIRSEY, 1984, p. 166).

Keirse diz algo que sintetiza a personalidade de Neil deGrasse Tyson, que questiona todas as coisas: as leis, os princípios, as perguntas e as respostas (KEIRSEY, 1984, p. 145).

The NT is the skeptic. He questions everything and base answers on laws and principles. He is able to see the dimensions and axes of systems as if he had x-ray vision, and so can plan and construct capably. Characteristically he is able to see how the need of the immediate system he serves interlock with those other systems within the total structure (KEIRSEY, 1984, p. 145)

Em reportagem a Revista Galileu deGrasse diz: “Eu gosto de saber onde estou, de onde eu vim e para onde eu vou. E essas respostas vêm do espaço” (GALILEU, 2016).

Segundo Keirse, o (NT) ama sistematizar regras, conceitos e princípios. Ele pode aproveitar as ideias dos outros como trampolim para elaborar as suas próprias. Seus questionamentos partem da pergunta: Porque as coisas são? Os (NT) buscam o conhecimento e só se darão por satisfeitos quando atingirem seu objetivo intelectual em relação a temática pesquisada (KEIRSEY, 1984, p. 125).

Considerações finais

De acordo com Keirse, o (NT) confia em seus professores ou mentores quando percebe as críticas bem elaboradas, ajudando-o a crescer em conhecimento (KEIRSEY, 1984, p.115).

Keirse escreve que quando um aluno (NT) tem um impulso ou apoio de mentores ou professores, os resultados podem ser surpreendentes (KEIRSEY, 1984, p.118). Neste ponto de sua vida, pode dar um salto de brilhantismo intelectual, que facilmente os conduz para áreas da pesquisa e da vida acadêmica (KEIRSEY, 1984, p.117).

O Mentor de Neil deGrasse Tyson foi o Professor e Cientista Carl Sagan, que deGrasse conheceu pessoalmente em 1975. Em 2014 deGrasse foi convidado para assumir o tradicional programa Cosmos que originalmente era apresentado por Sagan. Na entrevista deGrasse diz que a oportunidade não foi dada em 2014 quando assumiu o programa, mas em 1975, quando foi recebido pessoalmente pelo cientista, que marcou seus valores. Aos 25:30 min. Neil deGrasse Tyson diz:

I'm a 17 years old kid from the Bronx, he's a Professor of Astronomy at Cornell University, and I get this letter, I open and it says: I understand you like the some stuff I like, do you want to come visit the campus, to help you decide if you want to go to Cornell?;

It was like... wow! He hadn't done Cosmos yet, but he was already famous, he'd been on "The Tonight Show", and you know, and had best-selling books;

So, I took him up on it I took a bus up to if they could New York; He met me outside his building on a Saturday, invited me up, to his office, saw the labs, I'm there in front of he did some really cool he reached back, didn't even look, grabbed a book off the shelf (it was one of his books) ... and he signed it to me;

You'll take the future astronomers sign Carl, but that's not that's only the half of it, later in the day, I'm ready to go back to New York, it begins to snow as it does often in December, and he says here's my home number; If the bus can't get through from the snow, spend the night with my family, and go back tomorrow;

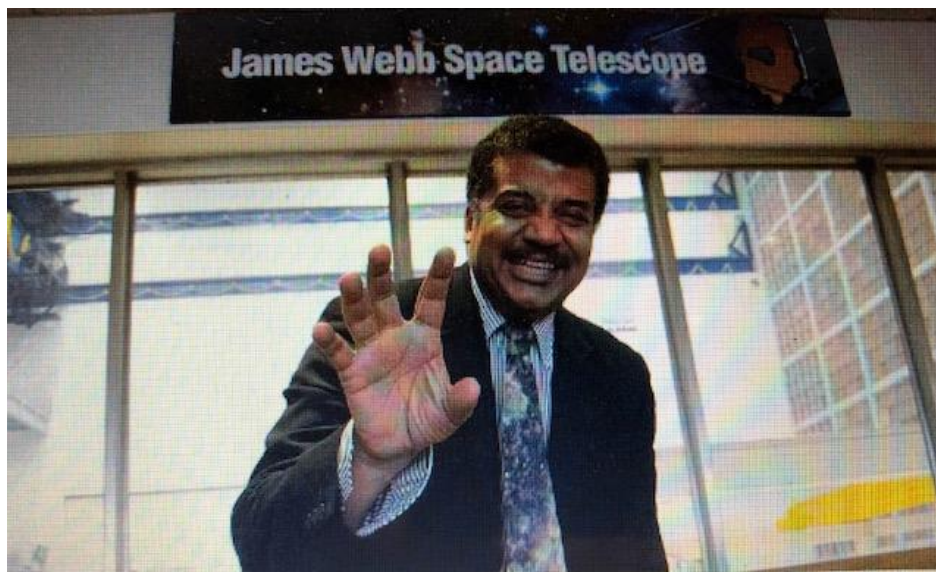
I'm thinking who am I?; I'm nobody, but I was somebody to him, and I said to myself: If I'm ever as remotely, famous as he is, I will treat students the way he has treated me;

So, why did I go down that path? Oh, because I had that memory, and I said to myself: If we can fold this memory into this, this next Cosmos, then we have a way, to justify who and what I am as the next host because a torch got passed;

It wasn't passed in 2014, it was passed in 1975, to Neil Tyson future astronomer; I still have that book;

Este lado midiático de deGrasse o coloca entre os Extrovertidos (E), a Revista Galileu trás em uma reportagem: “Não tem jeito, todo mundo ama Neil deGrasse Tyson. O astrofísico mais pop da galáxia nasceu no Bronx, em Nova York, nos Estados Unidos” (GALILEU, 2016). Para Keirsey, o extrovertido (E) expõe e verbaliza suas ideias com clareza e eloquência (KEIRSEY, 1984, p. 101).

Sua ousadia e coragem em assumir diversos projetos tão ousados como comandar um programa de TV, lhe acrescenta a partícula (P). A pessoa perceptiva (P) tende a não gostar de regras e regulamentos, e não suporta rotinas (KEIRSEY, 1984, p. 105). A adição do (E) e do (P) completa o perfil de deGrasse. Para Keirsey, o ENTP está sempre de olho nas possibilidades, sempre atento a novos projetos e novos procedimentos, sempre alerta para novas atividades (KEIRSEY, 1984, p. 183).



<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/09/9-reflexoes-que-vaio-te-introduzir-ao-pensamento-de-neil-degrasse-tyson.html>

Keirsey diz que este perfil deseja exercitar sua engenhosidade e sua sabedoria no mundo, nas pessoas e nas coisas. Sua extroversão (E) e intuição (N) são os aspectos que sobressaem no seu perfil. Estão sempre alertas e sensíveis as possibilidades. Quando se interessam por algo, são entusiasmados e acabam sendo uma inspiração para os outros. Segundo Keirsey, os (ENTP) não necessitam da aprovação dos outros e conduzem suas vidas por suas ideias e conceitos, mesmo com críticas, que quase nada lhe afetam (KEIRSEY, 1984, p. 183).

Segundo o articulista que entrevistou deGrasse na Revista Galileu em 2016: se ele nega ser adepto de religiões tradicionais, por um lado, por outro ele não gosta muito da ideia de ser reivindicado pelo pensamento ateu nem por nenhum outro pensamento, diga-se de passagem. Para deGrasse, “ser racional não é ser duro”. Segundo o astrofísico, “há poucas coisas mais bonitas do que um bom princípio matemático levado ao extremo” (GALILEU, 2016).

Keirsey diz que o (NT) será encontrado nas áreas de matemática e ciências (KEIRSEY, 1984, p.122). Segundo ele, o (ENTP) é confiante, ignora os padrões e autoridade tradicional, persegue suas ideias baseados em seus valores. Esta atitude abre uma brecha que possibilita arejar os projetos, trazendo um novo *approach* para o trabalho. De certa forma isso também traz frescor para a vida do (ENTP) - (KEIRSEY, 1984, p. 184).

De Grasse em uma entrevista no programa *Conversa com Bial* - Globo Play, diz que não acredita em dom ou talento natural, acredita em estudo e trabalho (TYSON, 2020). Para Keirse, os NT são inteligentes, analíticos, sistemáticos, teóricos, complexos, independentes, competentes, cientistas (KEIRSEY, 1998. P. 20).

Referências Bibliográficas:

BILYEU, Tom. *Program Impact Theory*, <https://impacttheory.com/episode/neil-degrasse/> - acessado em 16/09/2020 – Programa de novembro de 2019

GALILEU, Revista (GLOBO). *Ciência: 09 reflexões que vão te introduzir ao pensamento de Neil deGrasse Tyson* - <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/09/9-reflexoes-que-vao-te-introduzir-ao-pensamento-de-neil-degrasse-tyson.html> - acessado em 17/09/2020 reportagem de 2016

KEIRSEY, David; BATES, Marilyn. *Please Understand Me: Character & Temperament Types*. Del Mar/USA: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David. *Please Understand Me II: Temperament, Character e Intelligence*, Del Mar – CA/ USA: Prometheus Nemesis Book Company, 1998

LAUAND, Jean (org.). *Sobre a Tipologia de David Keirse: Psicologia, religião e educação*, Santo André/SP: Ed. Kapenke, 2019

LAUAND, João Sérgio. *As diferentes formas de liderar e a influência do temperamento individual nas relações de trabalho*, Conventit Internacional 34 set-dez 2020 Cemoroc-Feusp - <http://www.hottopos.com/conventit34/jsergio.pdf> - 2020

TYSON, Neil deGrasse. Entrevista a Tom Bilyeu no *Program Impact Theory* - <https://www.youtube.com/watch?v=Tv0kQbOIrjY> – acessado em 16/09/2020 – programa apresentado em 19/11/2019

TYSON, Neil deGrasse. Entrevista no programa *Conversa com Bial* - <https://www.youtube.com/watch?v=q4J26znkNI> – acessado em 09/11/2020 – programa apresentado em 03/11/2020

David Keirse – uma análise dos Tipos ESFP e ISFP, a partir de personagens ficcionais de filmes e séries televisivas

Alexandre Medeiros

Resumo: Esta pesquisa é parte dos Estudos Pós – Doutorais em Educação na Universidade de São Paulo – FEUSP. O estudo tem por objetivo analisar o Professor Artesão (SP) e seus desafios no ambiente escolar: buscaremos um diálogo com a teoria dos temperamentos de David Keirse e as mais diversas situações cotidianas de uma série catalã e uma série dinamarquesa, ambas produzidas pela Netflix.

Palavras Chave: David Keirse. Teoria dos Temperamentos. Psicologia. Educação.

Abstract: This article is part of the author's Post – Doctoral researches in Education at the University of São Paulo – FEUSP. From a keirseian point of view, it aims to analyze the Artisan Teacher (SP) and his challenges in the in the daily routine of school in a Catalan series and a Danish series, both produced by Netflix.

Keywords: David Keirse. Theory of Temperaments. Psychology. Education.

Introdução

Para uma melhor compreensão deste estudo, aconselhamos uma prévia leitura de 2 artigos deste autor, que contém um breve resumo da Teoria dos Temperamentos e notas introdutórias aos 4 Tipos Psicológicos descritos por David Keirse⁴⁴.

Metodologicamente, a pesquisa parte de uma instalação na teoria de David Keirse e seus tipos a partir das obras fundantes *Please Understand Me* (1984) e *Please Understand Me II* (1998). Nosso referencial teórico será o caminho trilhado por João Sérgio Lauand, em sua obra: *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a educação. Um estudo da sitcom Everybody loves Raymond* (2014)

O objetivo deste ensaio é propor um diálogo entre os conceitos elaborados por David Keirse, com filmes e séries televisivas (LAUAND J. S., 2014). O intuito é mostrar concretamente o Professor Artesão (SP) nas mais diversas situações da vida cotidiana e do ambiente escolar. Utilizaremos neste diálogo, os professores de mesmo nome da série catalã *Merl*⁴⁵ e da série dinamarquesa *Rita*⁴⁶.

Por fim, além de mostrar as principais características do professor Artesão (SP), temos o desejo de promover a aceitação e a valorização dos mais diferentes Tipos Psicológicos, seja de qual for seu Temperamento (Artesão – SP; Guardiã – SJ; Idealista – NF ou Racional – NT). A ideia é ressaltar que as pessoas não são iguais e que é bom que seja assim, e que tentar mudá-las é uma tarefa árdua e mesmo impossível. É como tentar transformar uma raposa em uma coruja, ou seja, nunca vai acontecer (KEIRSEY, 1998. P. 2).

Sigmund Freud acreditava que todos tinham um mesmo motivo, uma mesma busca interior, ou seja, para Freud, todos de formas diferentes, buscavam o *Eros* interior. Todos com uma mesma motivação, numa busca singular. Esta ideia foi seguida e inspirou a sociedade ocidental, inclusive, esta foi a motivação ao

⁴⁴ Artigo 1 - <http://www.hottopos.com/rih56/Alexandre.pdf> e Artigo 2 - <http://www.hottopos.com/convenit35/AlexJeanDK.pdf>

⁴⁵ Série disponível no youtube. Página - Series y Películas: https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg

⁴⁶ Série disponível em www.netflix.com

democratizar o jeito ocidental de ver e ser no mundo. Afinal, se somos iguais, devemos viver, trabalhar, vestir, comer, ver o mundo, todos da mesma forma (KEIRSEY, 1984, p. 2-3).

Em 1920 o suíço Carl Jung partindo de Hipócrates, discordou de Freud e apresentou para o mundo as funções psíquicas em seu clássico: *Tipos Psicológicos*⁴⁷ (KEIRSEY, 1984, p. 3). Jung analisou os pares⁴⁸ E/I, F/T e S/N (KEIRSEY, 1998. P. 2). Infelizmente em 1930 a psicologia já havia esquecido a teoria dos temperamentos de Jung, que fora praticamente abandonada (KEIRSEY, 1984, p. 3).

Mas algo surpreendente aconteceu. Na década de 1950, Isabel Myers foi tirar o pó de um livro de sua mãe Kathryn Briggs, e redescobriu os *Tipos Psicológicos* de Jung. Depois deste acaso, nasce através de Mayers (M) e Briggs (B), o Psychological Type (T) Indicator (I) – **MBTI** (KEIRSEY, 1984, p. 4). A grande contribuição de Myers & Briggs foi acrescentar aos estudos de Jung dois novos elementos da personalidade – as letras P/J (KEIRSEY, 1998. P. 13). Isabel Myers encontrou Tipos Psicológicos de Jung em 1956; Terminou seu livro em 1958; Lançou seu MBTI em 1962 (KEIRSEY, 1998. P. 18).

David Keirsey começou a observar os Tipos Psicológicos em 1956 (KEIRSEY, 1984, p. 67). Keirsey não utilizou diretamente as funções psíquicas de Jung, mas aproveitou a descrição comportamental das funções (KEIRSEY, 1984, p. 27). Uma das grandes contribuições de David Keirsey, e que o tornou um diferencial no estudo da temática, foi a ideia de reunir os 16 tipos psicológicos de Mayers e Briggs em torno dos 4 temperamentos de Platão. Na verdade este é um dos grandes diferenciais de seus estudos. Depois de 20 anos de pesquisa, o psicólogo David Keirsey refinou a teoria dos 4 temperamentos que podem se dar em 16 tipos (mais detalhados). Cada um de nós para Keirsey, tem os quatro tipos de inteligência: tática, logística, diplomática e estratégica. Suas pesquisas mostram que algumas destas inteligências são mais preponderantes em cada um de nós. Fazendo com que cada tipo tenha uma destas inteligências mais desenvolvidas e preferíveis que as outras (KEIRSEY, 1984, p. 210).

Como diz Keirsey, o mais importante são os 4 tipos de temperamentos e saber distinguir um do outro – SP/SJ/NF/NT; as outras letras e variações dos 16 tipos são finas distinções para acurar, melhorar, refinar a análise ao longo do estudo (KEIRSEY, 1984, p. 13).

Tudo isso corrobora o princípio defendido por Keirsey, de que todos nós temos nossos interesses e sem sombra de dúvidas, fazemos melhor aquilo que nos interessa. Da mesma forma que gostamos de fazer o que nos interessa porque o fazemos bem. Em outras palavras, seremos felizes e bem sucedidos fazendo o que mais nos interessa (KEIRSEY, 1998. P. 43).

Em outras palavras, diferentes personalidades, têm diferentes perspectivas e diferentes visões de mundo (KEIRSEY, 1998. P. 46). E quando se trata de nossas áreas de interesse e que casa com nossas habilidades, o trabalho terá uma maior chance de ser bem feito e uma possibilidade maior de qualidade e satisfação (KEIRSEY, 1998. P. 86).

⁴⁷ JUNG, Carl. C. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991

⁴⁸ E/I (Extroversão / Introversão); F/T (Feeling / Thinking); S/N (Sensible / iNtuição);

1. Átomos e Moléculas⁴⁹

Segundo João Sérgio Lauand, numa comparação, o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição com a união de dois “átomos” dessas preferências básicas. Para Keirsey, os temperamentos se configuram como quatro possíveis combinações, aliás assimétricas. Para a composição de nossa molécula, podemos considerar os pares opostos de preferências (átomos): I/E (Introversão/Extroversão); S/N (Sensible / iNtuição); T/F (Thinking / Feeling) e J/P (Julgamento / Percepção) (LAUAND, J.S., 2010, p. 23 – 24). Em nosso caso especificamente, iremos explorar as características dos pares (S) Sensatez e (P) Percepção.

O primeiro átomo é o S (Sensible), que é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, pé no chão, sem contemplações, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. O átomo (S) é o de uma pessoa realista e *sensible*, geralmente prática, não tolera falta de bom senso e é cuidadosa na observação dos detalhes. A pessoa que se caracteriza pelo átomo (S) sensatez, acredita nos fatos, lembra-se deles, aprende com a experiência e, quando conversa e interage com outras pessoas, está basicamente interessada em suas experiências, em suas histórias de vida (LAUAND, J.S., 2010, p. 23 – 24).

Desta forma, usando a preferência (S), o tipo temperamental se complementar, ou melhor, se equilibrará com a união com um dos dois átomos da oposição J/P (Julgamento / Percepção). Utilizaremos para nossa análise o (P), que é a preferência por situações abertas, por agir sem procedimentos padrão, rotinas, esquemas e prazos (LAUAND, J.S., 2010, p. 24).

Portanto teremos nosso temperamento formado pelo átomo da Sensatez (S), somado ao átomo da Percepção (P). O SP move-se pela ação, pela ação impulsiva; pela busca do prazer, do lúdico. O tipo SP (realista/perceptivo) necessita de ação e liberdade, repudiando planos e objetivos a longo prazo. O SP é indiferente a hierarquias baseadas em títulos e regulamentos rígidos, é o mais fraternal de todos os tipos e o mais apto a resolver situações de crise (LAUAND, J.S., 2010, p. 24).

2. O Artesão (SP).

A essência da molécula Artesão (SP) é a impulsividade. O SP é incansável no impulso da ação, se não tiver ação ele desanima. Ele se orgulha precisamente de sua liberdade, mas não só isso, ele quer que os outros vejam como é ser livre. O Artesão (SP) age como se não houvesse amanhã, cada dia traz uma nova aventura. Eles não são regidos por objetivos, mas por ações. Eles não se preocupam com cansaço, fome, desconforto, eles saem fazendo o que os impulsiona. A busca empreendida pelo SP é por prazer. Ele está ancorado na liberdade e na fraternidade (KEIRSEY, 1984, p. 31 - 41).

O Artesão (SP) tem uma alegria borbulante. Ele tem fome por ação, e quer ser visto como tendo liberdade para agir. O SP é um artista, jogador, aventureiro, brincalhão, desinibido, extremamente ativo. São espontâneos, imediatistas, ou seja, as coisas tem que acontecer aqui e agora. Buscam o prazer em suas atividades e estão sempre atrás de uma vida prazerosa (KEIRSEY, 1984, p. 116 e 121).

Na verdade o estilo ensino/aprendizagem do Artesão (SP) é prático, ele necessita da experiência, do concreto. O SP não tolera aulas expositivas, monótonas.

⁴⁹ Para um maior aprofundamento nesta temática, consultar o artigo de João Sérgio Lauand: *David Keirsey e a SJ Marie Barone*, Notandum 23 mai-ago 2010 CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto < <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf> > acessado em 11/11/2021

Ele é ativo, deseja apresentações, performances, competições e atividades arriscadas. O SP ama entreter e ser entretido (KEIRSEY, 1984, p.122).

O Artesão necessita de um ambiente democrático. Sua busca constante por mudança é uma afronta direta aos padrões e regras estabelecidas. A necessidade de seguir rotina, dia após dia, semana após semana, ano após ano, é mortal para o Artesão (KEIRSEY, 1984, p.122).

Os Artesãos necessitam ardentemente de objetos que possam manipular. Qualquer material ou ferramentas que possam montar e desmontar objetos lhes atraem. O certo é que papel e caneta são mortais para o ativo SP. Sua prática ensino/aprendizagem flui melhor com apresentações visuais ou verbais, que envolvam ação (KEIRSEY, 1984, p.122-123).

Na verdade o Artesão traz excitação e diversão para a sala de aula, o que normalmente não é tolerado pelos outros professores. São populares entre os colegas, que admiram sua ousadia e coragem (KEIRSEY, 1984, p. 123).

O desinteresse do Artesão pelas questões burocráticas e sua displicência com as tarefas repetitivas e desinteressantes são causas constantes de desentendimento e discussão com seus superiores (KEIRSEY, 1984, p.123). Seja qual for o ambiente de trabalho, o SP fica irritado em receber ordens ou instruções sobre como trabalhar. Ele quer ser livre para voar, fazer o que precisa ser feito ao seu modo, no seu tempo. O SP não suporta seguir os padrões, não gosta de se preocupar com prazos ou regulamentos (KEIRSEY, 1984, p. 132).

O Artesão tem facilidade para lidar com situações de crise, precisamente por sua falta de apego às tradições, ao passado, às regras e regrinhas etc.. Não é de estranhar que quando há um incêndio, o SP é chamado para conduzir a situação e apagar o fogo. Sem sombra de dúvidas, o SP é o perfil mais indicado em resolver situações de crise, em desvencilhar situações demasiadamente confusas e críticas, e em solucionar problemas que outros tipos achariam insolúveis (KEIRSEY, 1984, p. 133-134).

Olhemos para uma escola (por exemplo), que se tornou palco de insatisfação e discórdia. Será o terreno exato para chamar o Artesão. Um lugar onde duas facções de professores estão lutando por causas diferentes, um espaço onde os pais e mães estão insatisfeitos com a escola, onde alunos estão cada vez mais se comportando de forma indesejável, um ambiente onde a Direção perdeu completamente a autoridade e a voz. Resumindo, um cemitério de diretores, com uma guerra entre pais, professores, diretores e alunos. Neste momento, o SP será talvez a única solução. Chegará despido de padrões, tradições, regras e regulamentos, e terá um único foco: acabar com a discórdia e resolver a crise rapidamente. Ele não terá laços afetivos ou pudores, ele simplesmente desejará a vitória final. Temos exemplos concretos de diretores SP que em três meses acabaram com as discórdias e reataram a paz no ambiente escolar. Sua habilidade incrível, seu charme, sua alegria, sua disposição para negociar, e seu talento para envolver as pessoas ao seu favor para colaborarem destruíram anos de discórdia e intrigas (KEIRSEY, 1984, p. 135-136).

O Artesão economiza força. Ele não vai gastar energia desnecessariamente; ele não luta contra o sistema, ele usa o sistema ao seu favor para vencer sua Guerra. Em outras palavras, ele não despende energia tentando mudar aquilo que não pode ser mudado, não gasta tempo tentando mudar as pessoas ou situações, ele olha com clareza e muda o que dá (KEIRSEY, 1984, p. 137).

O Artesão não se prende ao passado nem ao futuro. Ele vive o hoje, o ontem já foi esquecido, o amanhã ainda não veio, então não há com que se preocupar. Isso ajuda o SP quando tem que tomar decisões, pois os fantasmas ou sentimentos do

passado não lhe incomodam e o futuro não lhe pertence, então ele pensa: o que preciso fazer agora? E assim, os problemas são mais facilmente resolvidos (KEIRSEY, 1984, p. 137).

O Artesão não se vê ameaçado pela possibilidade do fracasso, isso tem um efeito motivador sobre os que estão a sua volta. Ele não tem medo de mudar de opinião, de alterar rotas, não se incomoda em mudar seus planos (KEIRSEY, 1984, p. 137).

3. O Temperamento do Professor Artesão (SP) na série televisiva Catalã *Merlí* e na série Dinamarquesa *Rita*.

Segundo Keirsey, o estilo de ensinar do Professor SP é muito divertido. Infelizmente poucos Artesãos prosseguem os estudos e chegam até a educação superior. Consequentemente, poucos estudam até se transformarem em professores. Os que alcançam as carreiras de professores se transformam em mentores divertidos, interessantes e excitantes. Professores SP proporcionam um clima de afetividade (se forem F), leveza e alegria na sala de aula. Naturalmente, estimulam a autonomia dos alunos e incentivam a liberdade. Professores SP são muito criativos, valem-se de diversos artifícios não convencionais para tornarem o aprendizado mais excitante e divertido (KEIRSEY, 1984, p. 158-159).

Na série Catalã *Merlí* (original Netflix), atualmente disponível no canal *Serie y Películas* (youtube), encontramos o Professor de Filosofia de mesmo nome. Neste episódio, Merlí presenteia seu filho Bruno com o livro *O Banquete* de Platão. Nesta cena ele diz: “... neste livro Platão descreve várias formas de amar”. Uma forma delicada para informar o filho que sabia que ele era homossexual e que ele entendia e aprovava.

Temporada 1 – Episódio 2



(https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg/playlists)

Da mesma forma, Rita, a professora Artesã da série dinamarquesa de mesmo nome, demonstra toda sua compreensão ao descobrir que seu filho Jeppe é homossexual. Logo após a descoberta Rita diz: Vamos pedir uma pizza?

Temporada 1 – Episódio 4



www.netflix.com

Nestas duas cenas muito semelhantes, nossos professores SP já esboçam no início das séries que se adaptam rapidamente a novas situações. Da mesma forma, o SP se adapta às pessoas, não julga, ele as aceita como são. Possui uma facilidade incrível para aceitar a opinião dos outros. O SP verbaliza agradecimentos e elogios, isso o torna cativante, motivador e simpático (KEIRSEY, 1984, p. 137).

Os Artesãos transbordam liberdade e espontaneidade (o que atrai alguns tipos). Alguns *tipos* ficam encantados com a sensualidade dos Artesãos (KEIRSEY, 1998, p. 237 - 238). Um exemplo do que estamos falando é a personagem Merlí, professor de Filosofia que se relaciona sexualmente com uma colega professora num depósito da escola.

Temporada 3 – Episódio 3



https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2X18Pg/playlists

Para os SP sexo é recreação. Ele se diverte sexualmente em qualquer lugar e qualquer hora, não necessita de uma rotina sexual (KEIRSEY, 1998, p. 83-84). Segundo Keirsey, os Artesãos são charmosos (KEIRSEY, 1998, p. 266). O que naturalmente desperta paixões até entre as mães de alunos.

Temporada 1 – Episódio 5



(https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2X18Pg/playlists)

Este *sex appeal*, o mais exacerbado de todos os temperamentos, atrai e encanta parceiros e parceiras (KEIRSEY, 1998, p. 214). Os Artesãos se recusam a seguir as convenções (KEIRSEY, 1998, p. 242).

A Professora Artesã (SP) Rita se relaciona sexualmente no banheiro de um bar com o pai de sua aluna Rosa.

Temporada 1 – Episódio 4



www.netflix.com

Ou se relaciona com o Diretor Rasmus, no chão da sala da diretoria da escola.

Temporada 1 – Episódio 4



www.netflix.com

O SP vê o sexo como gerador de prazer e diversão imediata e momentânea. Sexo é para aproveitar (KEIRSEY, 1984, p. 81).

Outra característica do SP é a rebeldia contra a autoridade. Por ter um senso de igualdade acima da média, o SP normalmente se rebela com autoridades paternas, supervisores ou diretores. Em particular o SP não gosta de ter que reportar suas decisões aos outros (KEIRSEY, 1984, p.122).

Dois cenas marcantes das séries que estamos analisando mostram tal situação. Primeiramente na série catalã, o professor Merlí (SP) decide levar os alunos (as) ao velório do querido professor Santi que falecera. Diversos professores da escola ficam profundamente inconformados pelos alunos terem saído sem aviso prévio no meio do período escolar. Quando o professor Merlí (SP) retorna com os alunos (as), o Diretor Toni, pressionado pelos outros professores, pergunta para Merlí, por que ele não pediu autorização. O professor Artesão responde: “Porque vocês não iriam deixar.”

Temporada 1 – Episódio 13



(https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg/playlists)

A segunda cena está na série dinamarquesa. No recorte em questão, o novo aluno Viktor está na classe, quando uma coleguinha de sala distribui profiteroles (carolinas). A professora Rita (SP) percebe que o aluno não pega nenhuma, e ainda diz para os colegas que o açúcar vicia mais que heroína. No mesmo dia, o pai de Viktor vai reclamar na escola e a escola decide não permitir mais doces no ambiente escolar. Rita (SP) discorda e acha um absurdo tal atitude. A Coordenadora Halle diz que Rita (SP) tem problemas com autoridade, e comunica que a escola proibirá doces nas salas de aula.

No dia seguinte, Rita faz um delicioso bolo de chocolate e leva para sala dos professores. Todos comem e se deliciam. A coordenadora Halle chega e se serve de um grande pedaço. Todos se deliciam e elogiam o bolo. Quando estão todos ainda com a boca cheia, Rita (SP) olha para eles e diz: enquanto vocês comerem bolo de chocolate, meus alunos também comerão. Ela se levanta e pega outro bolo inteiro de chocolate e leva para seus alunos.

Temporada 1 – Episódio 2



www.netflix.com

4. Refinando a análise do Temperamento SP

Como diz Keirsey, o mais importante são os 4 tipos de temperamentos e saber distinguir um do outro – SP/SJ/NF/NT; as outras letras e variações dos 16 tipos são finas distinções para acurar, melhorar, refinar a análise ao longo do estudo (KEIRSEY, 1984, p. 13).

Desta forma, vale lembrar que temos 4 tipos psicológicos que orbitam em torno do Temperamento SP: ESTP/ISTP/ESFP/ISFP. Segundo Keirsey, são os Promotores (ESTP), Artífices (ISTP), Artistas Performáticos (ESFP), Compositores (ISFP) (KEIRSEY, 1998, p. 257 - 258).

Para uma mais acurada compreensão do Artesão, iremos analisar brevemente os dois tipos: (ESFP / ISFP), uma vez que os protagonistas das séries que adotamos, dão pistas de que se enquadram nestes respectivos tipos. Inicialmente percebemos que podemos incluir a função psíquica (F) Feeling para nossos dois professores Artesãos, uma vez que ambos tem o lado sentimental como características.

Na série dinamarquesa, a professora Rita fala para sua colega na escola que virou professora para proteger as crianças dos pais.

Temporada 1 – Episódio 3



www.netflix.com

Na série catalã, o professor Merlí decide ir até a casa de um aluno que estava abandonando a escola por conta de uma síndrome do pânico. Merlí decide ministrar

algumas aulas para este aluno na casa, ao mesmo tempo que utiliza todos os seus métodos nada ortodoxos (T.1/Ep.12) para conseguir levar o garoto de volta à escola.

Temporada 1 – Episódio 5



(https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg/playlists)

A característica do cuidado com os alunos e a defesa aberta de seus interesses aparece com muita força nos dois protagonistas que estamos analisando. Por exemplo, coincidentemente nas Temporadas 1 e Episódio 5 de ambas as séries, temos a professora Rita defendendo firmemente um aluno diante da coordenadora Halle; e o professor Merlí falando para seus alunos do ensino médio que não deixem os pais mandarem neles, muito menos imporem o que eles serão na vida. Estas características de extremo cuidado são típicas dos SFP.

Podemos observar para completar nossa análise, que necessitamos incluir as funções psicológicas da (I) Introversão (ISFP) ou (E) Extroversão (ESFP), tão valorizadas e bem desenvolvidas por Carl Jung em *Tipos Psicológicos* (JUNG, 1991).

Podemos inferir a Introversão (I) para a Rita, uma vez que ela recarrega as baterias quando está em sua casa sozinha. Como escreve Keirsey, os introvertidos (I) necessitam de lugares privados, de momentos de isolamento (KEIRSEY, 1984, p. 15).

Temporada 3 e Episódio 5



www.netflix.com

Keirsey aponta que pessoas que buscam o convívio com outras pessoas para recarregar suas baterias, suas energias, são extrovertidas (E), e pessoas que se energizam na solidão são introvertidas (I) - (KEIRSEY, 1984, p. 14).

O extrovertido (E) tende a fazer amigos com maior facilidade, entra em grupos de trabalhos escolares com facilidade, se ajustam a situações e opiniões novas com rapidez, são mais tolerantes e flexíveis com os colegas (KEIRSEY, 1984, p. 102). Portanto, podemos inferir para o Merlí, que é mais performático e se apresenta como o mais festeiro e popular da escola, o fator psicológico da Extroversão (E).



www.netflix.com

Para finalizarmos nossa análise, juntaremos os átomos (LAUAND, J.S., 2010, p. 23 – 24) para completarmos o perfil dos Professores Rita e Merlí.

Considerações finais: Rita (ISFP) e Merlí (ESFP)

Primeiramente vamos à série dinamarquesa Rita (ISFP). As pessoas deste perfil psicológico querem ser vistos como audaciosos e adaptáveis. São em torno de 10% da população. Eles confiam em seus impulsos. Tendem a não se expressarem verbalmente, mas através de ações. Eles fazem as coisas sem muito planejamento e preparação. Desenvolvem confiança e simpatia mútua com crianças (KEIRSEY, 1998. P. 72-73), se relacionando muito bem com elas (KEIRSEY, 1984, p. 206).

Na série Rita (ISFP), um aluno que não queria mais seguir fazendo testes de modelo e ator, veio pedir ajuda para Rita. Ele disse que amava jogar futebol, e que não queria mais ficar faltando na escola para fazer testes em agências. O aluno inclusive falou que seu longo cabelo o incomodava e que ele tinha que usar para os testes. Resumindo: Rita não resiste aos seus impulsos (para alegria do aluno e pavor dos pais) e corta o cabelo dessa criança.

Temporada 3 – Episódio 5



www.netflix.com

Os (ISFP) se sentem desmotivados quando presos a regras e regulamentos. Para serem felizes e produtivos necessitam liberdade de ação e movimento (KEIRSEY, 1984, p. 206).

Na temporada 1-Episódio 2, o pai do aluno Viktor vai falar com a professora Rita (ISFP), e a indaga o porquê de ela não incentivar os alunos a comerem vegetais. Ela responde: porque não é gostoso. A coordenadora Halle que deseja fazer a vontade do pai em proibir doces na escola diz para Rita, que ela tem sérios problemas com autoridade. Halle pergunta por que Rita se tornou professora? Nossa (ISFP) Rita responde com sarcasmo: pelo salário e para encontrar pessoas legais como você pelo caminho.

Temporada 1 – Episódio 2



www.netflix.com

Em segundo lugar, temos Merlí (ESFP) da série catalã. Ele é o que Keirseychama de Artistas Performáticos. Ele é rebelde, extremamente positivo, radiante, caloroso, atrativo, otimista e alegre (KEIRSEY, 1984, p. 198). O (ESFP) atuará muito bem como professor, onde a diversão e a brincadeira estarão garantidas (KEIRSEY, 1984, p. 200).



www.netflix.com

O ESFP representa 13% da população. É o mais generoso de todos os tipos. Como já falamos, *Performer* é a palavra que o resume. Eles amam trabalhar com pessoas (KEIRSEY, 1984, p. 198 - 199).

O ESFP tem um ar de sofisticação. Gostam das coisas boas da vida: moda, comida, bebida, conforto e diversão. O ar leve e descontraído do ESFP transmite uma alegria contagiante. Para eles e para os que estão a sua volta, a vida vira uma festa contínua. A casa do ESFP é sempre cheia de amigos e de tempos felizes (KEIRSEY, 1984, p. 198 - 199).

Os ESFP são muito sensíveis à dor dos outros (KEIRSEY, 1998. P. 71). O Professor Merlí junta sua sensibilidade a sua alegria e transforma uma simples ajuda ao aluno Ivan, com síndrome do pânico, numa celebração com a mãe deste jovem e num movimento coletivo de ajuda ao aluno, envolvendo todos da sala de aula. Tudo vira uma festa (KEIRSEY, 1998. P. 71).

Temporada 1 –Episódio 13



iván llegas tarde a clase de filosofía

https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg/playlists

Como verifica Keirsey, o ESFP tem uma generosidade natural. Seu senso de liberdade faz com que ajudem, deem assistência e colaborem com todos, sem esperar nada em troca. O ESFP é contagiante, para ele a vida é uma cornucópia de prazeres, riqueza, alegria e diversão. Em outras palavras a vida não requer esforço, pois naturalmente os prazeres e desejos serão satisfeitos e supridos (KEIRSEY, 1984, p. 199).

Enfim, de acordo com Keirsey, assim como as células se desenvolvem e formam o organismo humano, da mesma forma, ao iniciar a formação deste novo ser humano, as células constroem o temperamento humano. Para Keirsey o temperamento de uma pessoa é uma condição biológica (KEIRSEY, 1998. P. 31).

Referências Bibliográficas

JUNG, Carl. C. Tipos Psicológicos. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991

KEIRSEY, David. Please Understand Me II, Del Mar: Prometheus Nemesis, 1998

KEIRSEY, David. Please Understand Me, Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

LAUAND, Jean; MEDEIROS, Alexandre. *Tipos de David Keirsey na escola – um roteiro de pesquisas*, Revista Convent Internacional 35 jan-abr 2021 Cemoroc-Feusp – Universidade de São Paulo, 2021

LAUAND, João Sérgio. David Keirsey e a SJ Marie Barone, Notandum 23 mai-ago 2010 CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto < <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf> > acessado em 11/11/2021

MEDEIROS, Alexandre. *Tipos e Estereótipos: uma análise keirseyaniana da escola, seu cotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv & Cia.)*, Revista Internacional d'Humanitats 56 set-dez 2022 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona & Universidade de São Paulo, 2022

A tipologia de David Keirsey e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ

Enio Starosky

Resumo: Os tipos psicológicos de David Keirsey têm sido muito usados em diversos campos: empresarial, relações humanas, educação, marketing, na redação de roteiros de filmes etc. O autor tem publicado diversos artigos sobre esses tipos e preferências religiosas. Neste breve artigo, procura apontar o evangelho de Mateus, como um livro escrito por um tipo SJ, o “guardião”.

Palavras Chave: David Keirsey. preferências religiosas. Tipo SJ. Evangelho de Mateus.

Abstract: The psychological types of David Keirsey has been used in various fields: management, education, marketing, writing screenplays etc. The author has published some articles about DK's types and religious preferences. This short article shows the Gospel of Mathew as a book written by a SJ type, “guardian”.

Keywords: David Keirsey. religious preferences. SJ type. Gospel of Mathew.

Os tipos básicos de DK (SJ, SP, NT e NF) e os 4 evangelhos

Como temos apontado em outros artigos – reunidos em (Lauand org., 2019) –, a teoria keirseiana dos temperamentos tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral (não só da tradição greco-romana, mas também da judaico-cristã), particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser examinados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. No âmbito da tradição judaica, um exemplo nos vem de Deuterônimo e outro, do Profeta Ezequiel.

O registro do profeta Ezequiel (que escreveu o livro que faz parte do cânone do AT por volta do ano 590 a.C) chama a atenção porque descreve a humanidade formada por quatro seres viventes. De acordo com Ezequiel (1. 5, 6 e 10) um ser vivente tem o rosto de um homem; outro, o de um leão; outro, o de um boi e o quarto, o rosto de uma águia. João, autor de Apocalipse, parece repetir esse mesmo esquema no capítulo 4.7 ao dizer que, arrebatado pelo Espírito, viu no trono do céu quatro animais: “o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando”.

O outro texto, a nosso ver o mais impressionante, nos vem do Antigo Testamento, registrado em Deuterônimo 6.5.⁵⁰ O mesmo texto foi retomado e registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “Amarás o

⁵⁰ O texto veterotestamentário não inclui “com toda mente” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – na visão cristã – reúne perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, de Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro no seu evangelho sem hesitar.

Senhor teu Deus com todo o teu *coração*, com toda a tua *alma*, com todas as tuas *forças* e com toda a tua *mente*” (Lucas 10.27).

É inevitável estabelecer um imediato paralelo com a teoria keirseyaniana: “Com todo o teu coração” – remete ao tipo SP; “com toda a tua alma”, ao NF; “com todas as tuas forças”, ao SJ; e “com toda a tua mente”, ao NT. (para os pares de fatores de Keirsey – S/N, F/T, J/P e I/E – e para os 4 temperamentos – SJ, SP, NF e NT – veja-se (Lauand 2019; pp. 11-21).



<https://jigarodrigues.wordpress.com/artigos/simbolos-dos-quatro-evangelistas/>

Não menos surpreendente – ao lado do já mencionado texto do AT – é o fato de também serem 4 os grupos religiosos em torno dos quais gravitou o povo judeu, sobretudo nos tempos de Jesus. Os quatro grupos religiosos que tinham como propósito cuidar da preservação da religião de Abraão, Isaque e Jacó: os fariseus, os saduceus, os essênios e os zelotes.

Poderíamos tratar amplamente de uma correlação dos 4 temperamentos da teoria de Keirsey com os 4 evangelhos (à qual aqui só vamos aludir), mas neste artigo focaremos um pouco mais detidamente só o caso de Mateus, o SJ.

Keirsey e os 4 evangelhos

A primeira e mais importante divisão dos fatores na teoria dos temperamentos de DK é o par S/N. A importância da clareza dessa distinção é especialmente significativa no estudo dos 4 evangelhos. Mateus e Marcos são claramente S – voltados predominantemente aos fatos, ao Jesus histórico. Trabalham mais com a “lembrança das coisas passadas”. Já Lucas e João são claramente N – voltados predominantemente para o futuro, para o Jesus da fé. Trabalham mais com a

“esperança das coisas futuras”. Como veremos, a indicação relativamente simples de que Mateus e Marcos sejam, respectivamente, SJ e SP (“Guardião” e “Artesão”), não encontra discordância nos poucos pesquisadores que escreveram sobre o assunto. No entanto, com relação aos evangelhos de Lucas e João, isso não acontece, embora haja uma concordância de que os dois sejam N. Seja como for, uma breve observação do próprio Keirsey (1988, p. 332), no final do seu “Please, Understand Me II”, indica que Lucas é NT e que João é um típico NF.

A noção de que a humanidade tem quatro faces, de fato, também parece estar em evidência no mais importante conjunto de livros do Novo Testamento, os quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João. Acreditamos que não é por acaso que sejam *quatro*, escritos em *quatro* estilos diferentes por *quatro* personalidades muito diferentes. Por que a Igreja primitiva incluiu no Novo Testamento *quatro* evangelhos? Por que os pais da igreja não integraram os vários relatos de Jesus em uma única narrativa? É provável que nunca saberemos ao certo, mas Irineu, Bispo de Lyon, baseou sua explicação (em 185 dC) sobre o que parece ser a suposição comum na teologia cristã: que, uma vez que “a criatura viva é quadriforme... O Evangelho também é quadriforme” (*Adversus Haereses*, iii, II, 8). Estudiosos do assunto respondem a essa questão de diferentes maneiras. Um deles, J. David Bersagel (2019), afirma que cada evangelho surgiu de um dos centros da fé dos primeiros anos da fundação da igreja: Antioquia, Alexandria e Jerusalém; que cada um dos diferentes evangelhos representava uma escola de pensamento sobre Jesus e que diferentes narrativas dariam mais confiabilidade, autoridade e autenticidade. Deixar de fora um evangelho poderia abrir espaço para desconfiança, mas incluir os quatro seria uma forma de unificar as comunidades cristãs. Bersagel aponta também justamente para o fato de que em cada evangelho encontramos pistas sobre a natureza ou o caráter do público para o qual foi escrito. Mas houve também quem achasse quatro evangelhos um exagero. Por exemplo, o discípulo de Justino Mártir, Taciano, um antigo apologista e asceta cristão, procurou combinar todo o material textual sobre Jesus que encontrou nos evangelhos em uma única narrativa.⁵¹ E pelo menos uma parte da igreja siríaca usou essa harmonização dos evangelhos no século V. Porém, tal harmonia dos evangelhos mostrou-se suspeita para a maioria da igreja e na maior parte do mundo cristão, as comunidades escolheram preservar e usar os quatro evangelhos.

Então, o que há de especial nessas quatro testemunhas de Jesus que levaram a igreja a continuar a reivindicá-las como verdadeiras e sagradas histórias da história de Jesus? A motivação foi apenas apostólica, foi a localização geográfica, seu ponto de vista teológico, seu contexto? Ou há algo mais que justifique que quatro evangelhos sejam incluídos no cânone do Novo Testamento?

À luz da teoria keirseyiana dos temperamentos isso parece apontar para uma motivação bem distinta e especial. Cada um dos escritores dos evangelhos incorpora e reflete um dos temperamentos ao contar a história de Jesus. Portanto, quando a igreja incluiu os quatro evangelhos no cânone isso parece que não teve relação com a geografia do evangelho, ou com autoridade apostólica, mas com o tipo de pessoas a quem essas narrativas foram dirigidas. Ao incluir os quatro evangelhos a igreja estava incluindo simplesmente todas as pessoas. O caráter absolutamente inclusivo estava presente. A seleção dos quatro evangelhos evidenciou que a comunidade cristã desejava acolher a todos.

⁵¹ A tentativa de resolver a crise lecionária que enquadrava a vida de Jesus numa única narrativa contínua dividida em 55 capítulos ficou conhecida como *DIATESSERON*. Um lecionário que coincide com o número de semanas do ano mais algumas para o Natal e a Páscoa. <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/leccionario.htm> - Acesso em: 29. 05. 2019

O que isso pode significar para a liderança religiosa – especialmente para os que pregam e ensinam? Entre outras coisas, que os textos precisam ser pregados e ensinados sem aquelas fixações comuns de preferências de alguns textos em detrimento de outros. Esse risco é enorme, pois é muito comum (e, de certo modo, natural) que líderes tenham as suas histórias preferidas. Talvez por isso já a igreja antiga tenha organizado um Lecionário que a cada quatro anos conta todas as histórias dos quatro evangelhos nas leituras dominicais. Isso exige que os pregadores e professores considerem com seriedade o fato de os evangelhos terem uma perspectiva diferente, uma voz diferente – a voz do próprio escritor do evangelho. Isso significa que a cada quatro anos as pessoas de cada temperamento têm a oportunidade de ouvir o evangelho em sua própria “língua”, na linguagem que é mais parecida com a “clave” na qual eles se encontram – de acordo com as suas próprias “chaves temperamentais de leitura de vida”. Essa é outra grande contribuição do conhecimento da teoria dos temperamentos para os que pregam e ensinam: a de levar muito a sério as vozes dos escritores dos evangelhos e não ceder à tentação de falar no seu próprio tom pessoal. Uma abordagem que considerar esses aspectos provavelmente estará mais propensa a alcançar mais pessoas e com maior autenticidade o evangelho. Claro que tal abordagem exige que o pregador ou o professor não tenha em mente o seu próprio temperamento, mas que deixe falar o temperamento do evangelista. E isso pode mudar muito a forma de contar e até de interpretar as histórias dos diferentes evangelhos.

O evangelho SJ - Mateus

O evangelho segundo Mateus é um relato histórico ou tradicional de Jesus. Na tradição cristã é simbolizado por um homem – por iniciar sua narrativa com uma longa genealogia e dar enfoque especial à humanidade de Jesus. É provavelmente a palavra de um SJ (“Guardião” – Mateus era um oficial da alfândega e coletor de impostos, um estudante da Lei Hebraica e da tradição dos escribas) e, portanto, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários “deves” do tipo SJ. Jesus é apresentado como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como alguém que apresenta uma nova religião. Refere-se a Jesus como “Mestre” doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é citado mais do que nos outros três Evangelhos em conjunto. Mateus deleita-se em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal.

Como já sabemos, o temperamento SJ é o mais numeroso. De acordo com DK os guardiões são cerca de 45% da população mundial. Portanto, sempre tiveram um lugar de destaque na experiência humana. É chamado de Guardião porque, desde os tempos remotos da história da humanidade, é o tipo que mais protege sua família e a comunidade. SJ é um Bento XVI, preocupado em preservar a tradição da doutrina religiosa e o são boa parte dos juízes das Supremas Cortes da maioria dos países na atualidade. São guardiões que buscam “trazer o passado para o presente”. Para o Guardião, Shakespeare está certo quando diz que “o passado é um prólogo...” (apud Bersagel, 2019, p. 811). Valoriza a tradição, o *common sense*, a história, crenças moralmente corretas e está atento às necessidades dos outros.

Keirse recolhe de Meyers uma série de palavras para descrever esses Guardiões (SJ): conservador, meticoloso, confiável, detalhista, factual, trabalhador, paciente, perseverante, rotineiro, sensato, estável, não-impulsivo. Os Guardiões podem ser comparados aos castores que constroem meticolosamente uma estrutura e estão

dispostos a defender essa estrutura contra qualquer um que tente destruí-la. A inclinação do Guardião é se conectar com o passado. E o que observamos no evangelho de Mateus? Uma conexão constante com ênfase na tradição e no passado. Não é por acaso que ele comece sua história colocando-a no contexto da tradição judaica. A genealogia começa com Abraão para mostrar que Jesus não caiu de repente do céu, mas sua vinda teve uma preparação profunda, pois para Mateus a autoridade e autenticidade da testemunha encontram-se em conexão com o passado. Jesus não traz algo novo em suas palavras e ações, mas é um cumprimento do passado. Essa conexão o credencia como o Messias de Deus. Se Marcos (SP) repete muitas vezes a palavra “de repente”, Mateus repete frases como “para que se cumprisse o que foi escrito” ou “como está escrito”. São citações da Lei e dos Profetas que ligam Jesus à história do povo de Deus do Antigo Testamento. Se para Marcos é importante falar do passado-presente, do aqui e do agora, para Mateus importante é falar do presente-passado – daquilo que agora remete ou tem raiz no passado. Ou seja, ainda que Marcos e Mateus sejam do tipo S, Marcos enfatiza a necessidade de quebrar o vínculo com o passado, enquanto Mateus demonstra que é necessário prolongá-lo, pois Deus está cumprindo suas promessas que têm raízes no passado. A ênfase de Mateus é clara: “*Jesus não veio para abolir a lei e os profetas, mas para cumpri-los*” (5:17).

O público de Mateus é provavelmente uma mistura de judeus e gentios - uma mistura do velho com o novo. Arrancar as raízes (o velho) prematuramente é destrutivo para um SJ. Após a prisão de João Batista, a mensagem de Jesus em Mateus é resumida com as próprias palavras de João: “Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo” (4:18). O evangelista quer ressaltar que o ministério de Jesus está fundamentado no que veio antes, nas palavras de João Batista. O reino de Deus é, antes de mais nada, presença. Uma presença que se coloca no meio do povo escolhido no passado. Mateus abre seu evangelho dizendo que o nome da criança deve ser Emanuel – Deus Conosco. E termina com as palavras de Jesus: “Eu estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos”. Durante toda sua narrativa Mateus está querendo dizer “Deus está presente, Deus sempre foi, é e será”. Em Jesus, o passado é trazido para o presente, a história é trazida para o presente. Quando Jesus morre na cruz, Mateus é o único a contar que naquele momento “muitas pessoas do povo de Deus (os santos) que haviam morrido saíram dos túmulos” (27.53,54), para testemunhar o que Deus estava fazendo no mundo.

É muito interessante observar que Mateus com frequência insiste em trazer o passado para o presente, precisamente como o Guardião que sempre está preocupado em fazer a coisa certa. Mateus quer “cumprir toda a justiça” (2.13-17). E narra com zeloso cuidado a coisa certa a fazer quando Maria fica grávida, ressaltando que em sonho José foi orientado por um anjo a não abandonar sua noiva. E novamente cita a profecia de que “tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito por meio do profeta...” (1.18-25).

O tema que se estende ao longo deste evangelho é a pergunta: “O que significa ser justo”? A palavra é *tsedekah* – *justiça* – é recorrente. A ênfase se dá em fazer o que deve ser feito ou da maneira como deve ser feito. Isso fica mais claro nas parábolas do fim dos tempos no capítulo 25. Neste trecho do evangelho são feitos juízos sobre quem prova ser justo, que agiu corretamente, respeitosamente. Aos bons, aos que agiram com retidão, vem o elogio: “Muito bem, servo bom e fiel ...” (25.31,33). Aos maus, vem a sentença: “E irão estes para o castigo eterno” (25.46).

Mateus também sinaliza um tipo diferente de justiça em ação em Jesus. O Sermão da Montanha inclui uma lista de advertências para estar ciente dos perigos de viver a fé cristã. Especialmente o perigo dos exemplos de líderes religiosos como os fariseus. Mateus alerta para a prática de sua piedade diante dos outros; para a forma de

julgar os outros; contra os falsos profetas; contra a tentação de acumular dinheiro ou bens. Essas e outras advertências são mais dirigidas por Mateus a uma comunidade composta de judeus e gentios o que demonstra a preocupação típica de um Guardião atento às necessidades (pelo menos na visão dele) dos outros. A linguagem é sempre muito concreta. Mesmo nas parábolas não há uso de metáforas, mas de símiles. “O reino de Deus é como...” – símiles são extraídos do mundo cotidiano, de coisas do dia a dia que as pessoas conhecem. Várias parábolas simplesmente sugerem que o reino, a presença de Deus já está no mundo à espera de ser encontrado. Essa presença está disponível para quem procura. Aí, como regra áurea, diz Mateus: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrirem-se-vos-á” (7: 7) A presença de Deus está oculta, mas ao mesmo tempo, disponível. Possuir, conhecer a presença de Deus é o maior bem e torna-se a verdadeira justiça. Assim também no capítulo 24 quando fala sobre a vinda do ‘Filho do Homem’, Mateus apresenta imagens da vida cotidiana para advertir contra o descuido de não estar preparado no dia do juízo. A meta é a fidelidade. “Quem é, pois, o servo fiel e prudente, ao qual o seu senhor confiou a direção de sua casa, para que, a tempo, dê a todos o sustento? Feliz aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo” (24.45,46). Como sabemos, para o SJ o maior bem e satisfação é cumprir o dever. Para ele fazer o que alguém foi orientado a fazer agrada a Deus e cuidar das responsabilidades de alguém é ser justo.

A ênfase de Mateus na retidão, na construção da tradição, formou a vida de muitas igrejas cristãs. Se observarmos, por exemplo, a estrutura da igreja que católicos romanos construíram, na qual há a tradição de fazer a coisa certa, veremos que ela desempenha um papel significativo: sucessão apostólica, o papa ocupando o trono de Pedro, a lei canônica delineando deveres, as responsabilidades dos fiéis, etc. A ênfase no dever de preservar a tradição aponta nesta mesma direção. Isto também é válido para outros grupos religiosos para os quais são importantes a tradição, regimentos fortes e detalhados e regras escritas para a vida em conjunto. A construção da tradição e a descrição concreta do ser justo fazem de Mateus o evangelho esses grupos mais apreciam. São aspectos que refletem o estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros temperamentos podem censurar os SJs por sua propensão ao tradicionalismo e à inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor “*com todas as suas forças*” qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

Referências bibliográficas

LAUAND, Jean (org.) **Sobre a tipologia de David Keirse**y. São Paulo: Kapenke, 2019. Disponível em <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/tipologia.pdf>. Acesso em 11-07-19.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II** – Temperament, Character, Intelligence. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988

BERSAGEL, J. David. **Why Four Gospels**: Gospel Temperament and Preaching. Bentgrass Court: Onalaska: Kindle Edition, 2019.

A tipologia de David Keirse e os evangelhos – observações sobre Marcos, o SP

Enio Starosky

Resumo: Os tipos psicológicos de David Keirse têm sido muito usados em diversos campos: empresarial, relações humanas, educação, marketing, na redação de roteiros de filmes etc. O autor tem publicado diversos artigos sobre esses tipos e preferências religiosas. Neste breve artigo, procura apontar o evangelho de Marcos, como um livro escrito por um tipo SP, o “*artisan*”.

Palavras Chave: David Keirse. preferências religiosas. Tipo SP. Evangelho de Marcos.

Abstract: The psychological types of David Keirse has been used in various fields: management, education, marketing, writing screenplays etc. The author has published some articles about DK's types and religious preferences. This short article shows the Gospel of Mark as a book written by a SP type, “*artisan*”.

Keywords: David Keirse. religious preferences. SP type. Gospel of Mark.

Introdução

Em artigo recente “A tipologia de David Keirse e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ” (Revista Internacional d’Humanitats N. 49 - www.hottopos.com/rih49/index.htm) examinei o caso SJ – que serve de excelente contraste para o SP, agora em pauta. A introdução daquele artigo serve, naturalmente, também para este, mas aqui a introdução será para situar o tipo SP de Marcos (em contraste com o SJ), que remete a outro artigo, que publiquei em parceria com Jean Lauand (“Tipos de David Keirse -identificandoalgumas características II” em Revista Internacional d’Humanitats N. 45 – <http://www.hottopos.com/rih45/123-136JeanEnioKeirse.pdf>). Permitir-me-ei remeter às introduções desses dois artigos, que permitirão bem enquadrar nosso evangelista.

1. O realismo SP x o realismo SJ

O fator S (de *sensible*) em Keirse é um dos componentes essenciais de dois tipos de temperamento: SP e SJ (em oposição aos dois outros tipos, N: NF e NT). S é a visão da realidade atendo-se aos fatos, de pés no chão, sem apegar-se a devaneios e fantasias.

Mas os temperamentos não são formados por “átomos” e sim por “moléculas”, no caso: SJ e SP, que terão algumas características em comum; outras, em forte oposição.

Recordemos, brevemente, que J é o átomo da preferência por situações de decisões tomadas, fechadas e resolvidas; das coisas organizadas em relação a tempo e

prazos, rotinas de funcionamento, a ordem material etc. P é o átomo da preferência por situações abertas, não decididas, deixando amplo espaço para a improvisação, criatividade (boa ou má...), etc.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento SP (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tendem a ser: brincalhões, otimistas, realistas e focados na ação.

Prezam em si mesmos: serem não convencionais, audazes e espontâneos.

Eles “dão”: cônjuges divertidos, pais criativos, e líderes que “apagam incêndios”.

Eles são: capazes de se entusiasmar (excitable), confiam em seus impulsos, querem conquistar com impacto (*want to make a splash*), buscam estímulos, prezam a liberdade e sonham com dominar habilidades de ação.

(<https://keirsey.com/temperament/artisan-overview/>)

Já os SJ:

Tendem a ser: cônscios do dever, cautelosos, humildes, e focados em credenciais e tradições.

Prezam em si mesmos: serem confiáveis, ajudar e trabalhar duro.

Eles “dão”: cônjuges leais, pais responsáveis, e líderes que dão estabilidade.

Eles são: cidadãos responsáveis que confiam nas autoridades, criam grupos e associações, buscam segurança e sonham com a implementação da justiça.

(<https://keirsey.com/temperament/guardian-overview/>)

Originalmente DK afirmava que os SJ eram cerca de 40% da população geral; os SP, outros 40%. O site de DK, hoje, afirma SJ 45% e SP 30%. Em qualquer caso, a maioria absoluta das pessoas é S, realistas de pé no chão.

Claro que as diferenças e arestas entre SP e SJ dão-se por toda parte. Tipificando (e tipificar é, de algum modo exagerar, carregar, caricaturar), os SP tendem ao lúdico; enquanto os SJ tendem à seriedade, os SP, à ganância; os SJ, a poupar; os SP, a curtir o momento, ao *carpe diem*; os SJ ao cumprimento do dever; os SP à cigarra; os SJ, à formiga; os SP à ousadia; os SJ à cautela; os SP ao otimismo; os SJ ao “realismo pessimista” (“já vi esse filme...”) ⁵²; os SP à aventura; os SJ à rotina;

⁵². Já um típico NF, voltado para as possibilidades (N), pode afirmar, como tipicamente o fez certa vez – a propósito da situação da Hispanoamérica – o grande pensador espanhol Julián Marias: “otimista em relação às possibilidades; pessimista, em relação à realidade” (1986, p. 62).

os SP à criatividade; os SJ à tradição; os SP à liberdade; os SJ a consolidar instituições; os SP à improvisação; os SJ ao planejamento regrado; os SP são avessos a esperas; os SJ a mudanças rápidas; etc.

2. Temperamentos e os quatro evangelhos

Como temos apontado em outros artigos – reunidos em (Lauand org., 2019) –, a teoria keirseyaniana dos temperamentos tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral (não só da tradição greco-romana, mas também da judaico-cristã), particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser examinados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. No âmbito da tradição judaica, um exemplo nos vem de Deuterônimo e outro, do Profeta Ezequiel.



<https://www.liturgicalartsjournal.com/2019/01/the-four-evangelist-carving-by-albl.html>

O registro do profeta Ezequiel (que escreveu o livro que faz parte do cânone do AT por volta do ano 590 a.C) chama a atenção porque descreve a humanidade formada por quatro seres viventes. De acordo com Ezequiel (1. 5, 6 e 10) um ser vivente tem o rosto de um homem; outro, o de um leão; outro, o de um boi e o quarto, o rosto de uma águia. João, autor de Apocalipse, parece repetir esse mesmo esquema no capítulo 4.7 ao dizer que, arrebatado pelo Espírito, viu no trono do céu quatro animais: “o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando”.

O outro texto, a nosso ver o mais impressionante, nos vem do Antigo Testamento, registrado em Deuterônimo 6.5.⁵³ O mesmo texto foi retomado e registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua *alma*, com todas as tuas *forças* e com toda a tua *mente*” (Lucas 10.27).

É inevitável estabelecer um imediato paralelo com a teoria keirseyaniana: “Com todo o teu coração” – remete ao tipo SP; “com toda a tua alma”, ao NF; “com todas as tuas forças”, ao SJ; e “com toda a tua mente”, ao NT. (para os pares de fatores de

⁵³ O texto veterotestamentário não inclui “com toda mente” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – na visão cristã – reúne perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, de Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro no seu evangelho sem hesitar.

Keirsey – S/N, F/T, J/P e I/E – e para os 4 temperamentos – SJ, SP, NF e NT – veja-se (Lauand 2019; pp. 11-21).

Não menos surpreendente – ao lado do já mencionado texto do AT – é o fato de também serem 4 os grupos religiosos em torno dos quais gravitou o povo judeu, sobretudo nos tempos de Jesus. Os quatro grupos religiosos que tinham como propósito cuidar da preservação da religião de Abraão, Isaque e Jacó: os fariseus, os saduceus, os essênios e os zelotes.

Poderíamos tratar amplamente de uma correlação dos 4 temperamentos da teoria de Keirsey com os 4 evangelhos (à qual aqui só vamos aludir), mas neste artigo focaremos um pouco mais detidamente só o caso de Marcos, o SP.

3. Keirsey e os 4 evangelhos

A primeira e mais importante divisão dos fatores na teoria dos temperamentos de DK é o par S/N. A importância da clareza dessa distinção é especialmente significativa no estudo dos 4 evangelhos. Mateus e Marcos são claramente S – voltados predominantemente aos fatos, ao Jesus histórico. Trabalham mais com a “lembrança das coisas passadas”. Já Lucas e João são claramente N – voltados predominantemente para o futuro, para o Jesus da fé. Trabalham mais com a “esperança das coisas futuras”. Como veremos, a indicação relativamente simples de que Mateus e Marcos sejam, respectivamente, SJ e SP (“Guardião” e “Artesão”), não encontra discordância nos poucos pesquisadores que escreveram sobre o assunto. No entanto, com relação aos evangelhos de Lucas e João, isso não acontece, embora haja concordância de que os dois são N. Seja como for, uma breve observação do próprio Keirsey (1988, p. 332), no final do seu “Please, Understand Me II”, indica que Lucas é NT e que João é um típico NF.

À luz da teoria keirseiana dos temperamentos, podemos pensar que cada um dos escritores dos evangelhos incorpora e reflete um dos temperamentos ao contar a história de Jesus.

O evangelho SP - Marcos

O Evangelho segundo Marcos é a versão de uma testemunha ocular da história de Jesus. De linguagem simples e direta, é o mais curto dos evangelhos (Mateus tem 28 capítulos, Lucas 24, João 21 enquanto Marcos tem apenas 16). É pouco organizado, cheio de detalhes vivos e de ação física, escrito por alguém de caráter impulsivo (o Leão era o símbolo de Marcos na arte medieval). Remete a alguém que ama “*com todo o seu coração*” – “tipicamente” o keirseiano SP.

Como veremos, o temperamento SP – *artisan* – aplica-se ao evangelho de Marcos por várias razões. A chave para compreender o estilo de Marcos parece ser a parábola do semeador. A impetuosidade do semeador e o excesso de recursos é a surpresa dessa história. Está em jogo, sobretudo, as grandes transformações que as sementes causam na vida das pessoas e no mundo. A semente produz frutos porque há um poder dentro dela que transforma tudo ao redor, uma das características principais dos artesãos. E Marcos “incorpora” exatamente este temperamento. Os SP são ativos. A narrativa do batismo de Jesus neste evangelho, por exemplo, é uma história de pura ação e pouca reflexão. O temperamento SP olha o passado por causa do presente e busca mudar o presente. No rio Jordão, Jesus vê os céus “se rasgarem” e o poder de Deus é apresentado como livre, solto no mundo. E, uma vez livre, é um poder que não pode ser aprisionado, mas continuará a operar no mundo de maneira selvagem e até

mesmo de forma desajeitada. Quando um jovem rico vem a Jesus procurando e lhe pergunta o que é preciso para herdar a vida eterna, Marcos narra claramente que Jesus não está preocupado com uma fé abstrata, mas com o que a fé faz concretamente na ação cotidiana. Há uma ordem inequívoca sobre o que fazer: “*Vá vender tudo o que você tem e dê aos pobres; então venha, siga-me.*” Para a narrativa do evangelista Marcos a história de Jesus tem esse filtro temperamental cuja característica mais importante é a ação, a urgência, a impulsividade. Os SP vivem no agora. A ênfase no batismo de Jesus são as palavras de autoridade naquele instante, naquele momento, não as que falam no passado (Marcos 1:27, 2:12, 4:41, 5:20, 5:42, 6: 2, 6:31, etc.) Essas palavras transformam as pessoas, mudam sua experiência de vida, colocam-nas em uma nova situação.

É interessante observar que logo no início do seu evangelho, Marcos apresenta as palavras de Jesus que “*ninguém costura um pedaço de tecido novo em um manto velho e que ninguém põe vinho novo em odres velhos*” (Mc 2.21.22). São declarações que atestam a compreensão do autor no valor do imediatismo e da novidade do modo como Deus atua no mundo. Também vale destacar o fato de neste evangelho Jesus começar seu ministério com o anúncio: “*O tempo se cumpriu e o reino de Deus está perto; arrependam-se e creiam no evangelho*”. Reino é poder. Por isso também o imediato relato do batismo de Jesus soa como prólogo de todas as ações de Jesus que serão narradas em seguida. Esse poder não chegará num futuro distante, mas é apresentado como o tempo que já se cumpre agora. O poder de Deus está em ação agora. A mensagem de Jesus se torna o poder de Deus que está solto no mundo e que traz tanto mudança quanto fé. Por isso também não surpreende que a palavra, “imediatamente” apareça com frequência. Conforme 1:14, 18, 42; 2:13; 3: 6 – para citar apenas alguns textos – Marcos está mais interessado no “agora”. Nem no passado nem no futuro. E não há qualquer menção da ascendência de Jesus – como acontece em Mateus e em Lucas. Jesus simplesmente chega cheio de poder e age no mundo. Essa característica também é muito clara no final do evangelho. Marcos anuncia a ressurreição de Jesus e imediatamente termina a narrativa com as mulheres aterrorizadas e com medo [os versos 9 a 20 do último capítulo são acrescentados posteriormente]. Portanto, o interesse de Marcos não está nas aparições da ressurreição, nem em pensamentos especulativos sobre ressurreição, ou em teologização abstrata. Ele simplesmente anuncia a ressurreição e pede àqueles que ouvem a história uma resposta a esta Boa Nova.

Outra característica dos *artisans* é o uso de palavras concretas em vez de abstratas. Obviamente que nas parábolas esse aspecto é exceção. Porém, a presença de narrativas em forma de parábolas em Marcos é bem pequena. Parece que intencionalmente o autor “foge” das narrativas que contenham metáforas e figuras de linguagem que remetam à abstração. Com frequência aparecem histórias que acentuam a poderosa palavra de Jesus que é capaz de mudar concretamente a vida das pessoas. Há várias histórias de cura em Marcos e a linguagem é simples e direta. Alguns exemplos: Para o leproso – “Quero, fica limpo” (1:41). Para o paralítico - “Levante-te, toma o teu leito e vai para a tua casa” (2:11). Para o homem com uma mão ressequida – “Estenda a mão” (3.5). Para o vento e o mar “Cala-te, emudece” (4:39). Para a filha do líder da sinagoga – “Menina, eu te digo: levanta-te” (5.41). Para o homem surdo – “Efatá” (7.34). Para o cego Bartimeu - “Vai, a tua fé te curou.” (10:52). Cada uma dessas declarações fala por si mesma. Uma palavra simples e concreta que traz mudanças de vida. A predileção de Marcos pelo concreto aparece até mesmo quando ele conta a história da ressurreição. Enquanto Mateus e Lucas colocam anjos no sepulcro, Marcos notará apenas que um “jovem” tem uma mensagem para as mulheres. Ele não é descrito como um anjo ou ser celestial. Ele é um ser humano concreto e real. E traz uma mensagem muito concreta: “Jesus não está no túmulo... Ele

vai adiante vós para a Galileia” (16.7). Essa preferência para o concreto também significa que Marcos não idealiza aqueles que seguem a Jesus. Ao longo do evangelho, os discípulos não entendem a importância do que está acontecendo. Tendo experimentado o anúncio da ressurreição, as mulheres ficam maravilhadas e com medo. São pessoas reais que reagem de maneira humana ao que experimentam.

O *artisan* (SP) também gosta de usar as mãos para fazer as coisas e vemos isso na narrativa de Marcos. Várias vezes Jesus faz uso das mãos. Em Betsaida, os amigos de um cego pedem que Jesus o toque. Jesus toca os olhos do homem com saliva e ele vê; Jesus pega a mão da filha do líder da sinagoga e dá a vida a ela; os dedos de Jesus tocam pessoas surdas e elas ouvem; com uma palavra. Quando o menino exorcizado aparece morto, Jesus o pega pela mão (14.20-29); pelas suas mãos o pão se torna seu corpo e o vinho se torna seu sangue. Jesus usa não apenas palavras, mas ações também.

Outra característica dos *artisans* presente no evangelho de Marcos é que eles estão dispostos a correr riscos. Todos os tipos de riscos. Não só uma, mas várias vezes Marcos diz que Jesus come com “pecadores”. O Jesus de Marcos ignora as tradições e os costumes para abrir caminho para uma nova maneira de estar no mundo, por exemplo, quando rejeita sua família biológica e quando cruza as fronteiras para Tiro, Sidon e Decápolis. Ele está pronto e disposto a assumir riscos para salvar o mundo. Essa sensação de viver a vida ao máximo, vivendo de maneira prática, já aparece no início do evangelho. Sua pouca consideração pelas tradições também aparece quando seus discípulos colhem um pouco de cereal para se alimentar no sábado. Os anciãos dizem que estão quebrando as leis. Jesus é categórico ao dizer que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (2:27). As regras e regulamentos em torno do sábado não têm precedência sobre as necessidades das pessoas.

É evidente que os melhores ouvintes dessa narrativa são aqueles tipos que, assim como o próprio autor, apreciam a ação, o poder, a cura dos males concretos da vida, coisas que querem disponíveis imediatamente. Não querem olhar para o futuro nem para o passado, mas para o presente. O evangelho de Marcos foi escrito para pessoas com características fortemente SP, para as que vivem no agora e estão dispostas a correr o risco de viver o presente, o momento. Esses tipos encontrarão no relato de Marcos maior inspiração e mais ânimo para viver.

Referências bibliográficas

LAUAND, Jean (org.) **Sobre a tipologia de David Keirse**y. São Paulo: Kapenke, 2019. Disponível em <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/tipologia.pdf>. Acesso em 11-07-19.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II** – Temperament, Character, Intelligence. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988

BERSAGEL, J. David. **Why Four Gospels: Gospel Temperament and Preaching**. Bentgrass Court: Onalaska: Kindle Edition, 2019.